



FEUC FACULDADE DE ECONOMIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Guilherme Moreira Leite de Mello

Os Estados de Porcelana: a desconstrução da fragilidade estatal na Ásia Central

Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais, na especialidade de Economia Política
Internacional, apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra para
obtenção do grau de Mestre

Orientadora: Prof^ª. Doutora Maria Raquel Freire

Coimbra, 2015

E Deus disse: “Pedro, afasta o teu barco, pois não há peixes na areia. Vai lá, joga as redes ao mar, colhe os teus resultados e vê, que o que Eu fiz, é bom”.

Ana Maria de Figueiredo M. L. Lorenzetti

Agradecimentos

A construção de uma dissertação exige a incansável busca pelo conhecimento e requer ímpar determinação, resiliência, curiosidade, paciência e, sobretudo a intensidade na persistência da realização deste desafio. Por ser um processo de melhoria e remodelação contínua mediante a subserviência do desenvolver das Relações Internacionais, a diversificação e aprofundamento da pesquisa torna-se, indubitavelmente, uma oportunidade singular no fomento do aprender e formular aprendizado.

Agradeço à Universidade de Coimbra por ser uma rocha, um fundamento, uma academia que marca-nos para toda a vida. Aos Doutores, professores e funcionários deixo a minha profunda gratidão e o meu reconhecimento pelo empenho, profissionalismo e avidez na árdua tarefa de propagar o saber. Em particular, envio meu agradecimento e reconhecimento à Professora Doutora Maria Raquel Freire, pela paciência, disponibilidade e interesse demonstrados na orientação e valorização deste trabalho, do qual sem sua presença, não seria possível dá-lo vida.

Aos meus pais, Antonio Carlos Lorenzetti e Ana Maria Lorenzetti e irmãos, André Ricardo e Raíssa Mello por proporcionarem o melhor apoio, estrutura, carinho e a melhor oportunidade que alguém como eu poderia ter. Aos meus avós Ilze e Merquisedek e Humberto e Maria (*in memoriam*), por me ensinarem o amor e a valorizar a importância do saber.

Em particular, agradeço ao meu pai, por ser o melhor amigo, o meu norte, um porto seguro e, sobretudo, por estar comigo lado a lado em cada passo que dou. À Raíssa Mendes, Lia do Valle, Miquele Luce, Juliana Ribeiro, Adriana Mayer, Gabriela Pommot, Daniel Cabó, Mariana Ramalho, Louise Araújo, Bartira Dunke, Fabrício Costa e Walter Júnior por serem amigos mais chegados que irmãos. Por fim, ao único e maravilhoso Deus, do qual me deu, acima de tudo e de todos a resiliência e a estrutura que precisei para vencer mais este desafio. Mesmo tendo por direito que com ele sou mais do que vencedor, o meu Deus, por sua misericórdia, me fez chegar até aqui e a Ele, toda honra, glória e louvor e a minha infinita gratidão.

Resumo

O propósito da presente dissertação é o de analisar o conceito de estados de porcelana no contexto da Ásia Central inserida em um sistema multipolar, tendo como principal normativa, a desconstrução da aplicabilidade da fragilidade estatal. Ao longo deste trabalho, procurar-se-á perceber quais indicadores da fragilidade estatal determinam sua ineficácia, e o porquê que, paradoxalmente, os estados de porcelana mostram-se à luz do neoliberalismo, mais eficazes em determinar a evolução da Ásia Central enquanto região. Numa perspectiva da evolução da multipolaridade no contexto euroasiático, a emergência do crescimento da Ásia Central e da desconstrução da fragilidade estatal num cenário onde o eixo econômico é propenso à cooperação, coloca-a no epicentro de um estratagema político entre potências hegemônicas e uma multiplicidade de atores que anseiam a concretizar as mais diferenciadas parcerias e operacionalizar o desenvolvimento. Com esse estudo, abordam-se questões relativas às transformações da integração regional após a quebra da União Soviética e associa esta integração à cooperação internacional; apresenta argumentos para justificar que as fragilidades são horizontais e verticais, abrangendo os eixos do aparelhamento estatal; os motivos das participações de organizações e atores no prisma multipolar da Ásia Central; e identifica a capacidade dos estados de porcelana em consonância com políticas de cooperação econômica e energética a justificar que a fragilidade estatal na Ásia Central possui caráter reversível. Ao fundamentar-se no enquadramento teórico neoliberal, estrutura-se o trabalho em cinco capítulos: o primeiro dar-nos-á bases teóricas que nos permitam englobar os diversos atores que dinamizam a política multipolar dos atores centro-asiáticos; o segundo avalia os seis indicadores de fragilidade estatal impostos pela OCDE aos cinco países da Ásia Central e retoma, à luz da cooperação, a desconstrução de fragilidade; o terceiro elucida a horizontalidade da evolução dos regimes, que aporta a identidade estrutural como fator crucial para manutenção da independência; o quarto capítulo conduz o relacionamento entre Rússia e Ásia Central em uma análise empírica entre suas estratégias de desenvolvimento econômico, e; o quinto e último capítulo centrar-se-á na diferenciação entre fragilidade estatal e estados de porcelana, potencialmente revelando a Ásia Central no cenário multipolar.

Palavras-chave: Ásia Central, Rússia, Cooperação Econômica, Fragilidade Estatal, Multipolaridade

Abstract

The purpose of this dissertation is to analyze the concept of porcelain states in the context of a Central Asia inserted into a multipolar system, prioritizing as a primary rule, the deconstruction of the applicability of state fragility. Throughout this work, dimensions of state fragility will be studied in order to determine its ineffectiveness, and why, paradoxically, the porcelain states concept in the light of neoliberalism, presents itself as more effective in determining the evolution of Central Asia, as a regional complex. From the perspective of the evolution of a multipolar system in the Eurasian context, the emergence of the growth of Central Asia and the demystification of state fragility, in a scenario where the economic axis is prone to cooperation, Central Asia is put at the epicenter of a political whirlwind between hegemonic powers and a multiplicity of actors who long to realize the most differentiated partnerships and operational developments. This study addresses issues related to the transformations of regional integration after the fall of the Soviet Union and associates this integration to international cooperation; It presents arguments to justify that fragility is horizontal and vertical, covering the axes of the state rigging; the reasons for the participation of organizations and actors in the multipolar prism of Central Asia; and identifies the ability of the porcelain states in line with economic and energy cooperation policies to justify that state fragility in Central Asia has a reversible character. Based on a neoliberal theoretical framework, this body of work is structured into five chapters: the first take us to theoretical foundations that allows to encompass the various actors that streamline the multipolar policy of the Central Asian actors; the second chapter assess the six indicators of state fragility imposed by OECD towards the five central-asian states and brings, at the light of cooperation, the deconstruction of fragility the third elucidates the horizontality of the evolution of regimes, which brings structural identity as a crucial factor in maintaining independence; the fourth chapter leads the relationship between Russia and Central Asia in an empirical analysis of their economic development strategies, and; the fifth and final chapter will focus on the distinction between state fragility and porcelain states, potentially revealing Central Asia in the multipolar scenario.

Keywords: Central Asia, Russia, Economic Cooperation, State Fragility, Multipolarity

Lista de Siglas

AID	Associação Internacional do Desenvolvimento
ASEAN	Associação de Nações do Sudeste Asiático
BAD	Banco Asiático para o Desenvolvimento
BERD	Banco Europeu para a Reconstrução e o Desenvolvimento
BOMCA	<i>Border Management Programme in Central Asia</i>
BTC	<i>Baku-Tbilisi-Ceyhan Pipeline</i>
CADAP	<i>Central Asia Drug Action Programme</i>
CAREC	<i>Central Asian Regional Economic Cooperation</i>
CCCP	Congresso dos Deputados do Povo da União Soviética
CEI	Comunidade dos Estados Independentes
CICA	Conferência de Interação e Medidas de Confiança na Ásia
CNPC	<i>China National Petroleum Corporation</i>
EEU	União Eurasiática
EUA	Estados Unidos da América
EurAsEC	Comunidade Econômica Eurasiática
FFP	<i>Fund for Peace</i>
FMI	Fundo Monetário Internacional
HT	Hizb-ut-Tahrir
IMU	Movimento Islâmico do Uzbequistão (<i>Islamic Movement of Uzbekistan</i>)
IRPT	Partido do Renascimento Islâmico do Tajiquistão
ISAF	<i>International Security Assistance Force</i>
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte

OCDE	Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico
OCE	Organização de Cooperação Econômica
OCI	Organização para a Cooperação Islâmica
OCX	Organização de Cooperação de Xangai
OHCHR	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos
OMC	Organização Mundial do Comércio
ONU	Organização das Nações Unidas
OSCE	Organização para a Segurança e Cooperação na Europa
OTSC	Organização do Tratado de Segurança Coletiva
PIB	Produto Interno Bruto
PIDCP	Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PpP	Parceria para a Paz
TIFA	<i>Trade and Investment Framework Agreement between U.S. and Central Asia</i>
UE	União Europeia
UEE	União Econômica Eurasiática
UNRCCA	<i>UN Regional Centre for Preventive Diplomacy for Central Asia</i>

Sumário

Introdução	1
Capítulo 1. A Fragilidade Interna e Externa da Ásia Central à luz das Teorias das Relações Internacionais e da Cooperação: o estabelecimento da verticalidade	15
1.1. O Sistema Multipolar da Ásia Central e as Escolas de Pensamento	16
1.1.1 Neoliberalismo	17
1.2. Cooperação Econômica como Alternativa para o Desenvolvimento	23
1.2.1. EurAsEC e OCX	24
1.2.2. Os Estados Unidos e a China	30
1.3. Desenvolvimento Energético como Alternativa para a Interdependência	35
1.3.1. Os Estados Unidos, o Mar Cáspio e o Azerbaijão	36
1.3.2. Irã, Turquia e Índia.....	37
1.3.2.1. Irã	38
1.3.2.2. Turquia	39
1.3.2.3. Índia	40
1.4. Os Estados de Porcelana e a Normatização das Teorias	41
Capítulo 2. Indicadores de fragilidade e os países da Ásia Central	43
2.1. Cazaquistão	46
2.2. Turcomenistão.....	50
2.3. Quirguistão.....	53
2.4. Tajiquistão.....	57
2.5. Uzbequistão.....	59
Capítulo 3. A Identidade da Ásia Central: A Sobrevivência Pós-Independência e o estabelecimento da horizontalidade	62
3.1. Regimes e autoritarismo de transição	63
3.1.1. Participações sociais e políticas	66
3.1.2. Mobilizações sociais e constrangimentos internacionais	69
3.2. Atores não-estatais	73
3.2.1. Etnonacionalismo	74
3.2.2. Islamismo	76
3.2.2.1. Movimento Islâmico do Uzbequistão, Vale de Fergana e Hizb-ut-Tahrir	77

3.2.2.2. Partido do Renascimento Islâmico do Tajiquistão	78
3.3. Elites econômicas e dominância partidária	79
3.4. A construção da identidade: expectativas e realidades	81
Capítulo 4. Rússia e a Ásia Central	83
4.1. O legado soviético.....	84
4.1.1. A Ásia Central observada através da política externa russa.....	85
4.2. A estratégia econômica russa: contrapontos e desafios.....	88
4.3. Rússia no centro multipolar	92
4.4. Rússia: eixo hegemônico de interação centro-asiática	94
Capítulo 5. A Ásia Central e o Sistema Multipolar Atual	96
5.1. Ásia Central e a expansão energética.....	97
5.1.1. Desenvolvimento econômico da Ásia Central entre 2000-2014	99
5.2. Fragilidade estatal e seus enquadramentos.....	101
5.3. A aplicabilidade dos estados de porcelana na Ásia Central	105
Conclusão.....	109
Referências bibliográficas.....	116
Anexos	138

Introdução

Esta dissertação analisa a ineficácia da conceituação de fragilidade estatal a respeito da Ásia Central apresentando, em contraponto, um novo conceito que os identifica como *estados de porcelana*¹. Este é um conceito do qual avanço de forma mais explícita, como um acrescento, utilizando a incorporação de áreas de interesse partilhadas pelo conceito de fragilidade estatal, adicionando-se críticas teóricas e empíricas através da vertente da cooperação econômica internacional².

O conceito de fragilidade estatal e de estados de porcelana será apresentado através da constituição de um mecanismo metodológico que pode aproximar e equalizar, por adição de fatores comuns, o apontamento do neoliberalismo incrustado no processo de desenvolvimento da região. Ao avaliarmos a fragilidade estatal, seis³ principais dimensões desta fragilidade serão utilizadas como demarcadores, explicitando quais áreas são vitais para a denominação desta qualificação à um estado. Logo, se esse estado não atinge os níveis esperados de desenvolvimento em uma ou mais dimensões apresentadas, a sua condição e nomenclatura passa a ser de estado frágil. De acordo com a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) essas dimensões⁴ são “*violence, resilience, justice, weak governance, economic foundations and effective institutions*” (OCDE, 2015: 20).

Nesta ordem, utilizaremos a definição direta de estados frágeis consoante com a OCDE:

Um estado ou região frágil é aquela que possui mínima capacidade de compartimentar funções básicas de governança e não possuem a habilidade de desenvolver mutuamente

¹ Estados de porcelana é uma terminologia que avanço, determinando em forma de analogia, que a Ásia Central é uma região que compartimenta fragilidades, entretanto possui, em suas mais intensas e variadas formas, potencialidades e valor internacional, de forma em que a construção de fragilidade imposta pela OCDE não compassa de forma correta, a sua importância para a comunidade internacional nem avalia propriamente o seu desenvolvimento.

² Vertentes como o complexo de segurança, direitos humanos, mobilizações sociais, reformulações políticas e interesses energéticos também serão abordados, entretanto possuirão caráter secundário, sendo fundamentalmente complementares as fontes basilares supracitadas.

³ Originalmente, a OCDE utiliza no diagrama de Venn (ver anexo 1) cinco dimensões, das quais excluem o indicador de má governança. Entretanto, ao lidar com regimes do espaço pós-soviético em processos de transição governamental, esse trabalho considera empiricamente imprescindível analisar esta vertente.

⁴ Sub-fatores socioeconômicos como: “*demographic pressures, refugees and IDP’s, uneven economic development, group grievance, corruption, poverty and economic decline*” também serão considerados, entretanto, de forma secundária.

relações construtivas com a sociedade. Estados frágeis são também vulneráveis a colapsos internos e externos como crises econômicas e desastres securitários, bem como disrupções regionais e internacionais (OCDE, 2012).

A comunidade internacional possui grande dificuldade em avaliar e identificar com precisão se um estado é genuinamente frágil. Há uma clara dicotomia entre estabilidade e resiliência ou episódios de crise doméstica com fatores potencializadores de conflito, isto porque há uma certa tendência em acreditar que todo e qualquer país que enfrenta períodos de fragilidade, instabilidade ou falhas na governança são categoricamente, frágeis ou falhados (Kaplan, 2015a). Ao avaliar causas primárias destas fragilidades, organismos como a OCDE, Fund for Peace (FFP) e o Fundo Monetário Internacional (FMI) utilizam índices quantitativos através dos indicadores de fragilidade para determinar se esses países enquadram-se ou não nesta categoria. Esta forma de avaliar a fragilidade e seu progresso possui, entretanto, uma forma vertical de observância, o que significa que a verticalidade afere múltiplas formas de governança e manutenção de fatores securitários ignorando fatores horizontais que também contribuem para determinar a fragilidade, ou excluí-los de tal determinação (Kaplan, 2015a).

É importante denotar-se que, através da produção literária presente sobre fragilidade estatal, a hierarquia pode ser elencada entre estados que “sucedem” e estados que “fragilizam-se” e que até mesmo “falham ou colapsam”. Como colocado por Pureza *apud* Hill (2006), há diversas formas de hierarquizar um estado, sendo possível relatar três fases objetivas:

- a) *Successful states: those that guarantee the great majority of public goods and quality services to their citizens: order, security, justice, infrastructure, health, housing, etc;*
- b) *Fragile states: those that lack capacity to offer these public goods or that offer them with less quality than successful states;*
- c) *Failed or collapsed states: those unable to guarantee any essential public goods to their citizens (Pureza apud Hill, 2006: 3).*

Não obstante, ao auferir que fatores verticais são determinantes para assegurar fragilidade, a capacidade de reversão torna-se deficiente, isto porque a falha na governança e segurança não são suficientemente capazes de assegurar que

estes índices sejam irreversíveis (Kaplan, 2015b). Por verticalidade, compreende-se uma forma estatocêntrica, onde dinâmicas políticas e econômicas convergem na capacidade da população cooperar com o desenvolvimento, dividindo esta posição entre efetividade de governança e o aparato sociopolítico, observando níveis de desigualdade na concepção que estas posições, se não respeitadas, são ambas injustas e nocivas ao bem-estar estatal.

Por horizontalidade, há uma compreensão da coesão social e da identidade política cooperativa, incluindo a identidade étnica, religiosa e cultural, observando estes fatores como indissociáveis para o desenvolvimento do estado, na concepção que estes fatores contribuem para a cooperação internacional e subjuaga que esta cooperação é terminantemente ligada ao desenvolvimento econômico e político (Kaplan, 2015b). Por coesão social, podemos avaliar, de acordo com o *Council of Europe* como sendo a “capacidade de uma sociedade em garantir o bem-estar de todos os seus membros, minimizando disparidades e evitando polarizações em seu domínio sociocultural” (*Council of Europe*, 2004:3). Ou seja, por um lado possuímos a verticalidade que abrange sistemas diretamente políticos, como capacidade de governança e distribuição de poder, e econômicas como distribuição de renda, desenvolvimento econômico desigual e estratégias de cooperação – e por outro lado, temos a horizontalidade com a coesão social, abrangendo espectros de fragilidade por uma ótica identitária.

Ao identificar verticalidade e horizontalidade, é oferecida uma conceituação que abrange estes fatores, chamada de *estados de porcelana*. Não somente como uma forma crítica de desconstruir a fragilidade estatal como denominação para a Ásia Central, esta procura concomitantemente determinar, reconhecendo os antagonismos observados no desenvolvimento de cada estado da região, não isentando que suas dimensões são aplicáveis em ordens diversas desses estados, que, *‘um estado de porcelana é todo aquele que demonstra alternativas de ordem, segurança, desenvolvimento econômico e governança emergente, capaz de se sustentar mesmo na ausência de uma ordem necessariamente democrática em prol de reverter suas fragilidades. Logo, estados de porcelana são reconhecidos como estados com capacidade de manejar suas vulnerabilidades, em prol da cooperação e da*

legitimidade do processo regenerativo e reversível em longo prazo, reconhecendo suas fraquezas e potenciais, entretanto projetando suas desigualdades de forma vertical e horizontal⁵ a fim de equalizar suas fragilidades’.

O conceito principal que será construído ao longo desta dissertação é o de *estados de porcelana* como crítica à normativa de fragilidade estatal na Ásia Central. A conceituação proposta pode ser considerada uma crítica à terminologia de fragilidade, pois, esta, implicitamente esquematiza metas específicas de crescimento e desenvolvimento, das quais visionam um ‘começo’ e um ‘fim’, ou por assim dizer, uma trajetória que chega a um certo limite, relativizando a reversão da fragilidade ou a inobservância da mesma. Consoante Zartman, os Estados que se recuperaram de tal *status*, podem novamente colapsar e fragilizarem-se, bem como no regime democrático também pode haver retrocesso, o que esclarece que há poucas formas relevantes de teorizar a competição formal de sistemas de governança (Zartman, 1995). Além disso, o conceito identifica uma lacuna na literatura bibliográfica, pois ainda não foi possível desconstruir o pensamento de fragilidade estatal na Ásia Central, necessitando-se assim, reunir fatores socioculturais, socioeconômicos, políticos e securitários, através da observância da horizontalidade e verticalidade e da comparação dos índices de fragilidade com os índices de desenvolvimento econômico de cada estado para produzir uma análise de desconstrução.

Argumentam-se através deste conceito, sobre a necessidade de maiores mecanismos de cooperação, metas objetivas de desenvolvimento econômico e harmonização das dependências hegemônicas, uma vez que se mostram estratégias neoliberais capazes de desconstruir fragilidade. Estas necessidades são desafios dos quais o Cazaquistão, Uzbequistão, Quirguistão, Tajiquistão e Turcomenistão antagonicamente enfrentam. O estudo compara, ainda, qual o amplo efeito deste conceito no sistema multipolar e sua interligação com o complexo econômico da Ásia Central.

⁵ A visão vertical da sociedade estatal, visualiza o panorama governamental, os regimes, as organizações, as problemáticas socioeconômicas mas ignora de forma ampla as dinâmicas étnicas, religiosas e ideológicas que a sociedade involucrada em um estado frágil ou de porcelana aporta. Deste modo, o conceito de estados de porcelana involucra tanto as dinâmicas verticais e horizontais do estado.

O contributo desta crítica, e, conseqüentemente, sua diferenciação entre o conceito de estados frágeis resta em compreender que as fontes de fragilidade, às lentes do neoliberalismo, reconhecem o conceito de fragilidade estatal, legitimado pela OCDE e pelo FFP, como um processo contínuo, sem substancialidade para reversão, da forma em que o alerta proposto à comunidade internacional não tangencia os problemas reais de cada país mas apenas sinalizam suas fraquezas e as investigam quantitativamente, revelando uma incapacidade em encontrar soluções efetivas para seus problemas.

Os estados de porcelana, em contraponto, identificam as fraquezas e as enxergam de modo reversível⁶, dependendo das condições e da vontade política e econômica desses estados em reestruturarem-se, além de demonstrar que as desigualdades presentes na Ásia Central podem ser revertidas através de formas diretas de cooperação internacional através de organismos internacionais e instituições, além de, reconhecer que um estado pode possuir fragilidades, sem ser necessariamente frágil.

A fundamentação deste processo de reversão por desenvolvimento, pode ser orientada através da coesão social, da qual engloba pontos convergentes de governança⁷. Ela se torna necessária pois pode ser considerada para a teoria neoliberal como um pré-requisito para a construção de um estado em desenvolvimento, especialmente se este possuir ausência de instituições estatais de forte liderança (Kaplan *apud* Zartman, 2015). O estabelecimento destes grupos de coesão social é mais eficaz em regular dimensões, como a segurança, relacionamentos políticos e cooperações econômicas em relações proximais do que em sociedades divididas, já que o desenvolvimento da sociedade está interligado com o desenvolvimento estatal. A Ásia Central torna-se um candidato propenso à coesão social, pois seu complexo regional, apesar de heterogêneo nos métodos de

⁶ A reversibilidade aqui apresentada, categoriza-se na qualidade e capacidade dos índices de desenvolvimento, cooperação e progresso serem dicotômicos aos apresentados pelas organizações, conseqüentemente sua identificação nos rankings. Entretanto, é certo que a reversibilidade é um fator que corrobora com o desenvolvimento mas ainda é suscetível de fragilização e vice-versa. O reenquadramento dos índices de desenvolvimento é necessário para desmistificar que a Ásia Central, no contexto desta avaliação, não é passiva de fragilidade.

⁷ Governança social e governança cooperativa (Kaplan, 2015a).

desenvolvimento, apresenta-se uniforme na resiliência e na competência de tornarem-se economias sólidas e estados com representatividade internacional, o que motiva tanto sua sociedade como seu aparato sócio-econômico-político em aspirar o desenvolvimento (Browne, 2013).

Logo, um estado deixa de ser frágil quando deixa de colapsar em uma ou mais dimensões políticas que carrega os métodos mais basilares de desenvolvimento, logo, demonstrando sinais de evolução econômica e aplicabilidade de recursos financeiros, de métodos de desenvolvimento propostos por organizações internacionais e reformulando suas matrizes de coesão social. Os indicadores de evolução sistêmica do aparelhamento estatal asseguram que se necessita haver um desenvolvimento contínuo e multipolarizado, uma vez que o desenvolvimento é volátil e passivo de retrocesso, o que remete à necessidade do constante fortalecimento dos mecanismos de integração e cooperação (Lemay-Hébert, 2009). Kaplan, debate, ainda, que os estados frágeis lutam contra dois problemas estruturais, o primeiro sendo a fragmentação política e posteriormente, a fraca capacidade de manutenção das instituições nacionais (Kaplan, 2015a: 5).

A culminação destes dois fatores são um prelúdio para o enfraquecimento da legitimidade do estado e da capacidade dos seus governantes em estabilizar e reformar o aparelhamento estatal. A percepção usual de desenvolvimento, que geralmente é imposta pela presença de eleições, reforma econômica, melhoria administrativa e investimento estrangeiro, são percepções que ignoram diretamente as condições sociais locais e sua capacidade de transformação. Assim, cooperação e investimento em muitos casos, ajudam a aliviar a agonia de suas lacunas políticas mas em um certo parâmetro, previnem a reestruturação dos governos. Em resumo, uma tática de reversão de fragilidade não pode ser heterogênea da outra, mostrando a necessidade de cooperação econômica na mesma intensidade que há a necessidade de coesão social, unindo as vertentes verticais e horizontais.

Jan Selby analisa criticamente a modelagem imposta pelos conceitos de fragilidade estatal, ao afirmar que é uma conceituação sem fortes embasamentos e conseqüentemente, vazia, ajudando a compreender a tentativa da inserção dos estados de porcelana:

A broad sweep of postcolonial, post-structuralist, Marxian and other critical writers have argued that the notion of 'state failure' is a descriptively shallow substitute for analysis that directs attention away from the historical and global causes of 'weak statehood' in the global South, and that has been selectively applied in the service of post-Cold War interventionism: 'failed state' is thus less a coherent analytical category, than an exercise in ideology, myth or rhetoric (Selby, 2013:58).

Na década que seguiu o fim da Guerra Fria, a maioria dos estados diretamente afetados pelo desmoronamento da União Soviética encontravam-se política e economicamente limitados. Politicamente, era difícil definir interesses comuns e se esforçar para objetivar mudanças, pois estas eram compreendidas como ameaças ao *status quo* no que diz respeito às esferas internacionais e nacionais de influência (Allison, 2001). Nacionalmente, havia um conflito político-sociológico e um entrave entre dissociar-se da identidade soviética e reestruturar uma nova identidade. Compreende-se que os cinco estados da Ásia Central foram relutantes à conversão da sua nova independência, pois estavam conscientes que para tornarem sua nova realidade uma liberdade conquistada, deveriam superar as heranças soviéticas (Anderson, 1997).

Economicamente, não era possível estabelecer relações de independência e autonomia suficientemente capazes de suprir as reais necessidades regionais e ambientar uma maior cooperação internacional (Dekmejian, 2003). As elites econômicas possuíam pouca experiência na construção de políticas econômicas independentes que sustentassem as áreas mais importantes para o crescimento de um estado. Esta esfera econômica também se encontrava distorcida por relações regionais e relações comerciais e de troca excessivamente dependentes de países dos quais o risco capital e o mercado externo encontravam-se criticamente inflacionados (Zhambekov, 2015).

Após quase vinte e cinco anos da derrocada da União Soviética e a catálise da independência da Ásia Central tornar-se uma realidade, desafios das mais variadas formas são identificados em seus estados. Entre esses⁸, destacam-se o crescimento das problemáticas internas e externas do Tajiquistão, o crescimento da presença islâmica atrelada ao terrorismo internacional e ao tráfico internacional de drogas no

⁸ Foram explicitados somente os desafios atualmente relevantes em consonância com a temática abordada, considerando também a capacidade de síntese e aplicabilidade aos cinco países constituintes da Ásia Central.

Uzbequistão e Tadjiquistão, o enfraquecimento da segurança entre fronteiras no Quirguistão e Turcomenistão, a tentativa da comunidade internacional pela construção de ideais democráticos no Quirguistão, Turcomenistão e Cazaquistão⁹, a proteção aos direitos humanos e a luta para manter o crescimento¹⁰ do produto interno bruto (PIB) e dos índices de desenvolvimento econômico.

Susan Woodward discute sobre a natureza da capacidade estatal no desenvolvimento da aquisição da fragilidade estatal:

(...) state failure is a label used more for state incapacity, not contested legitimacy – an inability to prevent actions that threaten the security of the major powers of the international system, and by extension, it is said, international peace and security more generally. It is the outcomes that serve to define state failure, and an untested presumption about state incapacity. Also, the concept of state fragility is particularly prominent in this conceptualization of the state – the “failure” applies to specific international obligations (...). These tasks may well not be a priority for peace consolidation, and they tend to ignore the domestic bases of the authority as well as capacity to fulfill these obligations, including the financial resources to create and specially, sustain these capacities (Woodward, 2006:22).

Brock determina que os estados frágeis sejam o resultado do poder entre elites nacionais e uma história de dominação externa, da qual após sua independência, o estado ou região torna-se profundamente dependente da comunidade internacional para a validação de sua recente soberania (Brock, 2012). Entretanto, por mais que estas características cataloguem genericamente a Ásia Central como um complexo frágil, há contrapontos paradoxais, entretanto positivos, na sua participação no sistema internacional, o que torna este complexo proporcionalmente indispensável e a presença da fragilidade, questionável.

Isto, porque a Ásia Central tem demonstrado avanço através de processos de estabelecimento de políticas energéticas e tributárias mais transparentes, dos quais o Turcomenistão, Uzbequistão e Cazaquistão¹¹ destacam-se, além de apresentarem maior interesse em diminuir riscos relacionados à segurança nacional e internacional, fatores estes, diretamente relacionados ao desenvolvimento econômico. Além disso,

⁹ Esta premissa será analisada no terceiro capítulo desta dissertação.

¹⁰ Ou, de forma contrária, a sua estagnação.

¹¹ Tadjiquistão e Quirguistão ainda não possuem recursos possíveis para ultrapassar as barreiras fiscais, devido à constante presença da corrupção e do seu sistema político fragilizado. A centralização política observada nos outros estados é acompanhada por uma administração de recursos centralizada mas ainda com baixos níveis de governança (Leschenko, 2006).

a Ásia Central têm investido no fortalecimento de alianças com a China e Europa¹² e renovação de alianças que os tornam menos dependentes¹³ da Rússia¹⁴, maior captação de recursos naturais e um maior sentimento de identidade cultural que tem fortalecido uma transformação social e política em prol da estagnação do crescimento do aparelhamento estatal. Por mais que percepções de retrocesso e desenvolvimento sejam apresentadas, esta dissertação reconhece que a exequibilidade de uma solução prática e de curto prazo para a Ásia Central ainda não é possível, mesmo que seu caráter emergencial e seu potencial geográfico e econômico sejam fatores delimitantes. Isto porque é uma região particularmente diversificada e com diferenças latentes entre seus estados, restando que esta ‘solução’, representada pelos ideais de desenvolvimento econômico, seja uma questão que deverá ser investigada através do decorrer desta dissertação, embasada no conceito de estados de porcelana.

Para análise deste tema, esta dissertação sustenta-se numa revisão histórico-documental de fontes primárias e secundárias. Foi consultada uma abrangente panóplia de fontes sobre os assuntos investigados, principalmente sobre: Cazaquistão, Uzbequistão, Tadjiquistão, Turcomenistão, Quirguistão, Rússia, China, os Estados Unidos da América (EUA), OCDE e Organização de Cooperação de Xangai (OCX). Tendo conhecimento à vasta quantidade de informações impostas, autores e fontes pesquisadas, esta dissertação faz referências a obras e relatórios, denotando a preferência ao contributo de fontes de maior atualidade, em consideração à necessidade de argumentação da nova conceituação apresentada.

¹² Refere-se à Europa como um sistema geopolítico alargado, englobando os estados-membros da União Europeia, Rússia, Turquia e o Cáucaso.

¹³ O Tadjiquistão e Quirguistão ainda são atores que demonstram forte dependência na Rússia e mesmo que haja um desejo político interno de reduzir tais dependências, ainda não há uma saída imediata para que esta redução aconteça. As relações mutualísticas precisam ser coesas e embebidas em ideais de integração e não podem resumir-se, somente, em financiamento governamental e relações hegemônicas de controle e poder (McDermott, 2013).

¹⁴ A redução da dependência não implica dizer que o relacionamento dos países da Ásia Central é descentralizado e desfocado com as políticas de desenvolvimento atreladas à Rússia. Mesmo após o seu desmembramento, acredita-se que a presença russa tanto por viés geopolítico mas também por viés estratégico de propulsão ao cenário internacional, jamais será dissociada por completo, nem mesmo pelo próprio interesse dos países constituintes da Ásia Central, pois há uma clara relação de mutualidade entre eles (Banco Mundial, 2005).

Relativamente a fontes secundárias, estas sustentam o trabalho desenvolvido na sua dimensão conceitual e teórica, bem como empírica. John Anderson (1997), Karen Dawisha e Bruce Parrot (1997), Oskanian (2013) e Amitai Etzioni (2007) debatem que o conceito de fragilidade estatal previamente utilizado ainda não é capaz de ser efetivamente aplicado ao complexo da Ásia Central, partindo do pressuposto que o cerne da sua conceituação possui insubstancialidade política e incoerência com a magnitude econômica e energética que sustentam o atual desenvolvimento da região, reiterando-se também como fatores de diferenciação entre ambos conceitos, mesmo reconhecendo as dificuldades individuais de cada país da Ásia Central. Barry Buzan e Ole Waever (2003) e Boege *et al.* (2009), argumentam sobre várias vertentes teóricas das Relações Internacionais na tentativa de explanar teoricamente a ambivalência da fragilidade e atual importância da Ásia Central, da qual, equiparamos com o conceito de estados de porcelana.

A análise de autores como Seth Kaplan (2015) argumenta sobre as lacunas apresentadas no conceito de fragilidade estatal, postula o pensamento teórico sobre verticalidade e horizontalidade e questiona sobre a sua real aplicabilidade no sistema internacional, proporcionando *momentum* para a construção do discurso da conceituação de estados de porcelana. José Manuel Pureza (2006), apresenta a fragilidade como um processo descritivo e prescritivo, onde a fragilidade estatal é vista como uma ‘doença degenerativa’ que necessita ser encarada com uma combinação de fatores exógenos e endógenos, relativizando a verticalidade e horizontalidade.

Maria Raquel Freire (2007; 2010) analisa a influência de potências hegemônicas em um sistema multipolarizado e explica como a cooperação transatlântica e a participação russa pode ser crucial para a transformação deste contexto. Explica, também, os desafios e consequências do estreitamento das relações russo-europeias na competição pela manutenção do potencial hegemônico sobre a Eurásia e a Ásia Central, no que tange os aspectos políticos, econômicos e energéticos. Roy Allison (2001), Ahmed Rashid (1995) e Craig Oliphant (2013), infligem à realidade de que para tornar o espaço asiático-central em um complexo de desenvolvimento pleno, ideais neoliberais precisam ser reconsiderados e reavaliados. Roger McDermott (2013) e Oliphant (2013) analisa os interesses da tríade

socioeconômica e securitária do Cazaquistão, Uzbequistão e Turcomenistão, tendo em conta sua relação direta com a Rússia e China e organizações internacionais. Roy Allison (2001) e Alexander Cooley (2012) trazem considerações sobre as preocupações estratégicas dos países mais fracos da Ásia Central face às disputas territoriais entre Estados e como esses devem proteger o seu território e suas riquezas para ampliar seu desenvolvimento.

Apesar das muitas análises e equiparações realizadas por Andrew Kuchins, Jeffrey Mankoff, Oliver Backes, e Aitolkyn Kourmanova (2015), sobre a atual relevância da Ásia Central para a comunidade internacional e o seu atual *status quo*, reconhece-se que a exequibilidade de uma integração em curto prazo, o alargamento de uma cooperação multilateral e diminuição dos níveis de dependência ainda são realidades que estão em materialização e são processos em continuidade. Neste sentido, torna-se importante analisar o impacto das políticas de cooperação e desenvolvimento sobre a fragilização e a real aplicabilidade do *status* de estados de porcelana, compreendendo que ambos os conceitos possuem lacunas a serem averiguadas em cada estado centro-asiático. Também, como a interação entre as organizações internacionais, a Rússia e a China em sua constante presença na Ásia Central, podem influenciar no seu desenvolvimento, levando em consideração o exercício de que esses estados são estados em transição política e econômica com múltiplas identidades etnoculturais e interesses econômicos e energéticos que são instrumentos que viabilizam o seu crescimento de forma ativa, distanciando-se gradualmente da fragilidade conforme estabiliza-se vertical e horizontalmente (ver anexo 2).

A inserção da Ásia Central no sistema multipolar e a sua análise, parte do pressuposto que o desenvolvimento econômico é diretamente atrelado à cooperação com a multiplicidade de atores envolvidos nesta multipolaridade, logo, não há cooperação sem uma sistemática multipolar. Por sistema multipolar, Huntington entende que “possui diversas grandes potências de forças comparáveis que cooperam e rivalizam entre elas” e, conseqüentemente, “é necessário existir uma coligação de Estados importantes para solucionar os grandes problemas internacionais” (Huntington, 1999:18).

Para compreendermos o desenvolvimento dos estados de porcelana em uma esfera multipolar e desconstruirmos o pensamento de fragilidade estatal na Ásia Central, formularemos duas hipóteses. Na primeira hipótese, testaremos a capacidade da verticalidade e horizontalidade como fatores normativos dos estados de porcelana em contraponto à estruturação da fragilidade estatal e se essa normatividade é capaz de antagonizar ou fortificar o desenvolvimento e a integração, levando em consideração o comportamento de cada estado na esfera multipolar, analisando seu desenvolvimento pelos indicadores de fragilidade. Na segunda hipótese, tentaremos observar se a visão do expansionismo de políticas econômicas com a Rússia, compreendendo que esta ainda é a principal fonte capaz de atrair investimentos e proporcionar a redução de dependências primárias, é alusiva ao conceito de estados de porcelana e se, inexoravelmente, contribui para o desenvolvimento da região de forma mutualística. Compreende-se também, e assim, se faz necessário deduzir se esta maior cooperação e conseqüentemente, multipolarização, poderá antagonizar ainda mais suas características marginalizadas, ou em uma perspectiva neoliberal, atingir através de políticas mutualísticas, logo, pela extinção da perpetuação de dependências, o desenvolvimento desejado.

Em outra linha de pensamento, se faz pertinente questionar: por que o conceito de fragilidade estatal tornou-se ineficaz perante as transformações da Ásia Central e como o conceito de *estados de porcelana* é capaz de criticar e ser aplicável a este contexto? Nesta dissertação iremos acompanhar uma série de questionamentos dos quais serão dadas as pertinentes respostas. Quais transformações a Ásia Central sofreu no cenário multipolar que contribuíram efetivamente para seu estabelecimento como estados de porcelana? Este questionamento traz consigo também perguntas como: como a fragilidade estatal perdeu sua significância na Ásia Central e quais dimensões são apresentadas que levam sua desconstrução? De que forma o conceito de estados de porcelana é capaz de, à luz das relações internacionais, reduzir os antagonismos apresentados pela fragilidade estatal?

Nos capítulos seguintes, será possível visibilizar que os estados da Ásia Central aportam dificuldades internas e externas, não subtraindo a necessidade do alargamento de mecanismos de cooperação econômica, como a construção de

pipelines para distribuição de energia com a China e Rússia; a exportação de commodities e produtos primários; a manutenção das fronteiras e a contenção do contrabando e terrorismo; e integração através das esferas de influência, bem como a participação de organizações governamentais e não governamentais no fortalecimento de suas estruturas econômicas e securitárias, como a participação da OCX, Comunidade Econômica Eurasiática (EurAsEC) e União Eurasiática (EEU). Será adequado, como o prisma econômico é um baluarte para o desenvolvimento internacional e conecta parceiros imprescindíveis para o mantimento das dinâmicas de dependência regional e internacional. Veremos, ainda, como a Ásia Central transforma a sua identidade, de nações pós-comunistas à ressurgência da autocracia, autoritarismo, e em alguns momentos, a democracia, diante da comunidade internacional, e como esta política social transfere-se diretamente nas relações e no desenvolvimento econômico da região. Não menos relevante, observaremos como a Rússia procura manter sua influência sobre a região e atuar diretamente no desenvolvimento desses Estados e quais são seus interesses comuns e divergentes. Por último, analisaremos o posicionamento estratégico atual da Ásia Central em um contexto internacional multipolar. Contexto este, capaz de consubstanciar identidades, estratégias e cooperações, voltadas para um desenvolvimento em longo prazo mas embebido da consciência de que esses não são exclusivamente frágeis, porque não correlacionam o seu atual crescimento econômico e o desenvolvimento dos seus indicadores de coesão social com as categorizações impostas pela OCDE e demais indicadores que quantificam fragilidade. Corroboraremos, analisando teoricamente e empiricamente a fragilidade estatal e os estados de porcelana, visualizando as vertentes verticais e horizontais que fundamentam sua colaboração teórica para as relações internacionais.

À luz das teorias das Relações Internacionais, identificamos o neoliberalismo como escola de pensamento dominante. Esta teoria permite-nos uma lente de análise de diferentes dimensões, processos e atores que no eixo comum dos países da Ásia Central. A crítica neoliberal avançada por Keohane (1987), é galgada no posicionamento de ganhos econômicos absolutos e aplica-se na necessidade da manutenção e expansão de parcerias econômicas e um eixo securitário legítimo que se torna cada vez mais necessário, em troca de ganhos comuns, uma vez que esses

estados estão em constante conflito acerca de recursos energéticos e expansão territorial para enriquecimento econômico. Este enquadramento teórico também será capaz de proporcionar a compreensão, de forma abrangente, de como a obtenção de ganhos através da captação de novos investimentos internacionais, adesão a regimes internacionais e propostas de integração regional¹⁵, obriga a Ásia Central a salvaguardar seus riscos e fugir de ameaças à sua independência.

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos, sendo o primeiro dedicado à explanação do enquadramento teórico e a compreensão das vertentes de diferenciação econômicas e energéticas da Ásia Central como um complexo regional. No segundo capítulo, analisaremos a desconstrução dos índices de fragilidade, ao exemplificarmos, em cada país da Ásia Central o seu desenvolvimento vertical e horizontal, visionando os relatórios da OCDE e comparando os resultados com os índices de desenvolvimento de cada país e como esses estão correlacionados com os indicadores. No terceiro capítulo veremos a construção da identidade da Ásia Central como base de sustentação para a construção da horizontalidade através da identificação da: promoção dos regimes autoritários e como seu *status* afeta sua identidade política, a presença do etnonacionalismo e islamismo como fatores exógenos e participatórios da coesão social. O quarto capítulo é dedicado à política externa russa e a sua esfera de influência e, através da análise de suas políticas internas, condicionantes econômicas e energéticas, iremos compreender a relação mutualística e vital que a Rússia e Ásia Central mantêm em favor do desenvolvimento multipolar de ambos em dimensões e pesos diferenciados. O quinto e último capítulo analisa a Ásia Central como um ator multipolar unificado, com fraquezas e virtudes, que transcendem o conceito de fragilidade estatal e o solidifica como estados de porcelana, capazes de disseminar seus interesses e potenciais, em consonância com a comunidade internacional.

Desta forma, compreender-se-á nesta dissertação a real aplicabilidade do conceito de estados de porcelana no contexto moderno da Ásia Central, se fazendo

¹⁵ Faz-se necessário enfatizar que ainda não há uma proposta de integração que englobe os cinco países constituintes da Ásia Central, na compreensão de que esses compartilham de filosofias políticas distintas, da qual a participação de regimes e políticas de cooperação sejam diferenciados. Este tópico será analisado com maior assertividade no segundo capítulo.

como modelo de análise a crítica a original conceituação de fragilidade estatal, e, de forma empírica, apresentando estratégias alternativas de desenvolvimento econômico para a Ásia Central.

Capítulo 1. A Fragilidade Interna e Externa da Ásia Central à luz das Teorias das Relações Internacionais e da Cooperação: o estabelecimento da verticalidade

No decorrer deste capítulo identificar-se-á um conjunto de interações, entre atores e teorias, para justificar a necessidade da aplicação do conceito de estados de porcelana e a persistência da sua funcionalidade. Analisaremos, ainda, como a China, a EurAsEC e a OCX se relacionam em um sistema internacional multipolar, pautado nos princípios de cooperação mutualística, além de atores como o Azerbaijão, Irã, Turquia e Índia. Se faz importante analisar tais atores, tendo em vista o contexto de suas influências diretas e da cooperação regional e internacional no desenvolvimento econômico da Ásia Central a fim de impor os postulados da reversão das fragilidades, consoante à luz da teoria neoliberal.

Reconhecendo as fragilidades internas e externas, este enquadramento teórico traz à tona a luta de interesses e ganhos, legitimados pelas múltiplas formas de governança identificadas que ramificam os interesses políticos e econômicos da Ásia Central. Ao elucidarmos o neoliberalismo como base para a desfragmentação da fragilidade estatal, embasado na cooperação com a multiplicidade de atores, reforçaremos que há duas alternativas para o desenvolvimento, em um primeiro momento, para a Ásia Central enquanto complexo regional: a cooperação econômica e energética. T. Paul explicita sobre a construção do complexo regional, seja ele securitário ou de integração:

The regularity and intensity of the interactions is such that a change at one point in the subsystem can affect other points, although some changes may have more effect than others may. While the larger international system is defined in terms of the interactions among major powers, a regional subsystem can similarly be defined in terms of the interactions among the key states of that region and the major power actors heavily involved in regional affairs. Security concerns link the states to the extent that “national securities cannot realistically be considered apart from one another (Paul, 2011: 5)

Assim, far-se-á necessário constituir uma análise empírica desta cooperação, enquanto fonte vertical de desvinculação às fragilidades, como primordial para as relações de desenvolvimento.

1.1. O Sistema Multipolar da Ásia Central e as Escolas de Pensamento

Um sistema multipolar é definido como dois ou mais centros com aproximadamente a mesma quantidade divisível de poder militar, político e econômico no sistema internacional, da qual somada à adição de atores independentes, conduzem à criação de uma estabilidade global desejada (Zhimin apud Singer, 2005: 45).

A transformação do mundo para multipolar pode ser definido através de um apanhado de acontecimentos, tais como os Estados Unidos, por aportarem genuinamente do título de superpotência, reunindo estratégias de poderio econômico e principalmente militar, em níveis geoestratégicos surpreendentes; a presença da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) como alicerce de segurança e referência militar em assuntos ocidentais; a integração política da União Europeia em esferas de influência multilaterais¹⁶; o crescimento econômico, cultural, militar e político da China e a Rússia pela incessante política de contenção de influência em países dissociados, riqueza energética e distribuição de poder (Cooley, 2012).

Neste prisma, buscando solidificar a sua independência do território soviético e utilizar os benefícios de sua nova reconfiguração geográfica (ver anexo 3), os estados da Ásia Central assumiram um papel fundamental no desenvolvimento de novos acordos e estrategicamente buscam repaginar sua imagem na arena internacional. A sua maior preocupação após a consolidação da vontade política de tornarem-se independentes, era reduzir as amarras políticas, militares e econômicas russas e cultivar uma cultura multipolar através da associação com parcerias internacionais que até então, não eram politicamente viáveis. Neste debate entre solidificação do *status quo* de sistema bipolar para multipolar, diferentes perspectivas quanto à estabilidade deste sistema surgiram.

O neoliberalismo inicia a justificativa na construção desta suposta fragilidade na Ásia Central e os atores internacionais que interpelam, ambivalente à fragilidade,

por sua legitimidade e desenvolvimento. Assim, iremos aos próximos parágrafos elucidar diferentes fatores que contrastam entre a análise das regras de fragilidade estatal, o irredentismo da globalização e uma nova reconfiguração geoestratégica, articulados entre o neoliberalismo e o contraponto que o conceito de estados de porcelana apresenta.

1.1.1 Neoliberalismo

O pensamento neoliberal compartilha antigas ideias liberais sobre possibilidades de mudança e progresso. Apoiando-se de forma mútua ao fornecer um argumento coerente às relações internacionais mais cooperativas e pacíficas, defendem uma esfera internacional onde transações estimulam a cooperação, fluxos transacionais que visionam ganhos comuns relativos, viabilizam regimes e instituições internacionais e democracias liberais, e compactuam de valores comuns (Sterling-Folker, 2010). Enquanto para o realismo o Estado apresenta-se como cerne das Relações Internacionais, o neoliberalismo utiliza métodos persuasivos behavioristas focados entre o progresso através de relações interestatais, logo, não anárquicas e com primazia na cooperação (Sterling-Folker, 2010).

O crescimento dramático da economia transnacional e a ausência da dominância militar na agenda internacional impactaram significativamente as relações de poder entre os estados (Deutsch, 1957). Para Robert Keohane e Joseph Nye, a interdependência e a paz proporcionaram o surgimento legítimo de novos atores que alimentam a necessidade da expansão desta economia transformada após a quebra da rivalidade instaurada durante a Guerra Fria em 1991 (Keohane e Nye, 1977: 67). Na prática, o liberalismo de interdependência complexa propõe uma ótica radicalmente diferente da imagem realista das relações internacionais, pois compartimenta a necessidade de manutenção e expansão de parcerias econômicas e estabelece um eixo securitário legítimo que proporciona a transparência.

Para os neoliberais, quando há um alto nível de interdependência, os estados tendem a estabelecer instituições internacionais para delegar suas necessidades periféricas, assim, aceitando a institucionalização de organizações internacionais no

¹⁶ Principalmente através de organizações internacionais e mecanismos de integração regional.

cerne de seus assuntos políticos domésticos e internacionais, visionando a obtenção de ganhos absolutos através da captação de novos recursos e investimentos (Keohane e Nye, 1977). Não obstante, o crescimento do fluxo de trocas comerciais, financeiras e tecnológicas, bem como a incorporação de associações supranacionais e corporações multinacionais também podem ser somados como consequências. Consoante Sorensen, há de se considerar que há parcialidade na confiança depositada para com os parceiros de cooperação mas por maior que seja o grau de interdependência, para os governos, as instituições e regimes internacionais tornam-se imprescindíveis no que tange ao fornecimento de informações e redução de custos das relações interestatais, pois esses conseguem incentivar e viabilizar a cooperação através das fronteiras (Sorensen, 2013:80). A fixação de acordos de benefício mútuo acaba por reduzir a necessidade de acordos bilaterais e objetivam as relações interestatais (Sorensen, 2013:81).

Este neoliberalismo, apesar de apresentar falhas e imperfeições, aporta em si um vasto consenso como a mais eficaz e desejada forma apresentável de economia política disponível. Esta fórmula de pluralismo político neoliberal imerso nos mercados econômicos e na dinâmica de cooperação é uma fórmula criticada, porém sem grandes rivais (Buzan, 1998: 436). Assim, na esfera política atual da Ásia Central, a exploração de recursos requer por natureza, uma cooperação racional com fortes investimentos políticos entre os países constituintes e atores estatais e não estatais, uma vez reconhecendo que, porquanto, embora apresentem um nível de interdependência em crescimento, esses estados necessitam de um conjunto de acordos formais que mantenham as normas e regras acordadas em sinergia, a modo de que possam promover a concretização efetiva da cooperação internacional (Anderson, 1997).

Os neoliberais percebem a Ásia Central como um campo multipolar, desde que a realidade da sua independência se objetivou. A procura por novas parcerias econômicas, com os líderes regionais envolvidos nos processos de decisão para reestruturar suas economias, reduzir os índices de fragilidade e dissolver as ameaças políticas, entretanto, não foi naturalmente recebida. Com o fim da Guerra Fria e os morosos índices de desenvolvimento no começo da década de 1990, a

margem de vulnerabilidade e dependência ainda encontrava-se latente. Concomitantemente, os países da Ásia Central por mais que dispostos a dissociarem-se gradativamente das amarras da hegemonia russa, encontravam no neoliberalismo uma alternativa promissora, porém de caráter duvidoso (Anderson, 1997).

Consoante Dekmejian, com o desenvolver da multipolaridade na primeira década de independência, a Ásia Central lançou-se então à busca de novas parcerias que viabilizassem o desenvolvimento político e social através de esforços de universalização de métodos e sistemas organizacionais ocidentais e orientais, capazes de produzir uma regeneração favorável aos ideais de desenvolvimento esquematizados (Dekmejian, 2003). Estes desenvolvimentos enquadravam: a) interdependência política, através da criação de partidos políticos e participação social na institucionalização de ideais democráticos, mesmo que estes não tenham sido bem-sucedidos; b) controle dos índices de inflação e estabilização econômica pós-dissociação da União Soviética; c) redução da dependência econômica através de propostas de integração, que não dissociariam totalmente a vinculação à Rússia, mas tornaria o relacionamento entre os países centro-asiáticos, o Cáucaso e a Rússia interligados de forma coesa; d) distribuição geográfica heterogênea em consonância com as múltiplas identidades e etnias presentes nos seus territórios, sem desrespeitar o limite e as fronteiras entre os estados (Dekmejian, 2003: 128-129).

Isso significa, simultaneamente, que era esperado pelos incentivos e demais instituições securitárias e financeiras, que a estabilidade fosse assegurada através da conferência de diversos objetivos¹⁷, tais como, estabilização econômica, redução de níveis de inflação, instituição de acordos bilaterais e multilaterais entre as organizações internacionais das quais a Ásia Central já começava a integrar e a redução de heranças desastrosas deixadas pelo método experimental soviético. Logo, Anderson coloca que já na erupção da independência da Ásia Central havia-se uma esperança nos mecanismos de cooperação que o neoliberalismo proporcionava e na confiança de que suas estratégias fossem capazes de propulsionar as táticas de

¹⁷ Objetivados inicialmente pelo surgimento do pensamento neoliberal na Ásia Central (Allison, 2001).

desenvolvimento, crescimento e estabilidade idealizadas pelos cinco países (Anderson, 1997).

O caso da Ásia Central conjectura-se de uma forma da qual o neoliberalismo propõe um balanceamento entre a necessidade da inserção de novos mecanismos de cooperação para desfragmentar fragilidades e a relativização dos ganhos absolutos com a aproximação com novas hegemonias e potências econômicas como a China e os Estados Unidos. A justaposição entre a fragilidade estatal e o conceito de estados de porcelana, atua em grande parte dentro da teoria neoliberal, pois, assim, demonstra que a presença de atores internacionais e da multipolaridade, são capazes de transformar uma conjectura de estagnação e desvalorização, em uma fonte de promoção ao desenvolvimento. Através da teoria neoliberal, a fragilidade estatal não é suficientemente plausível, pois, ao auferir recomendações políticas e indicadores em retrocesso, não avalia com profundidade as capacidades de cooperação, e se estas são suficientemente capazes de provocar reversibilidade (Kaplan, 2015a).

É o caso da criação da Organização de Cooperação Econômica¹⁸ (OCE) em 1985, um ideal que advém da integração regional para obtenção de ganhos políticos, securitários e econômicos, embebidos na preocupação da expansão das organizações internacionais e da cooperação. Sendo assim, o neoliberalismo estaria amplamente em melhores condições de sustentar o processo evolutivo da Ásia Central e compartimentar suas necessidades pós Guerra Fria. Com a multipolaridade em evidência, o sistema internacional necessitava de uma estrutura que estabelecesse e mantivesse a estabilidade global com a presença de mecanismos normativos, cooperativos e amplamente abertos à reestruturação econômica, sujeitos à promoção da competição em troca de ganhos mútuos e comuns e valorização da segurança nacional e em prol do estabelecimento de um espectro internacional mantenedor do desenvolvimento (Nye, 1977).

Dentro desta premissa podemos identificar as lacunas na conceituação de fragilidade estatal. O conceito apresentado pela OCDE falha ao identificar a fragilidade estatal como uma condição da qual disfunções e consequências são

¹⁸ Estados membros: Afeganistão, Azerbaijão, Cazaquistão, Irã, Paquistão, Quirguistão, Tajiquistão, Turcomenistão, Turquia e Uzbequistão.

estatísticas, possivelmente irreversíveis, e, ao desenvolver tais índices, tornam-se meramente quantitativas. Os estados de porcelana provêm, entretanto, por meio do incentivo à cooperação¹⁹, que indicadores de fragilidade podem ser colaborativos para avaliação mas não são puramente capazes de alertar e sanar os problemas, já que estes devem ser encarados por uma visão de dinâmica interna e internacional. Logo, esta definição procura criticamente auferir que a necessidade de dinâmicas sociopolíticas possui um papel dominante na transformação do desenvolvimento de um estado frágil.

Uma crítica neoliberal pode ser avaliada aqui. Se compararmos países como o Quirguistão e Uzbequistão, a presença da sociedade civil é determinante na relação de confiança com os seus governos, pois estabelecem uma sinergia e um sentimento de resiliência que são necessários para o avanço, mesmo que em longo prazo, dos seus índices de desenvolvimento. Mesmo que países como Quirguistão, ao sofrerem a Revolução das Tulipas em 2005 e a destituição de mais um líder em 2010, a sociedade civil ainda busca um sentimento de coesão e unificação entre o sistema político e o desenvolvimento econômico, já que há uma necessidade inerente de progresso, sem a repressão de uma desigualdade vertical e horizontal, o que é fundamental para o crescimento de seus índices sociopolíticos e etnoculturais.

Logo, o contraponto surge em que os estados de porcelana, oferecem, em qualidade de resiliência e tentativas de cooperação econômica através das organizações ou fundos financeiros internacionais, em consonância com os governos locais, se dissociarem da explanação conceitual de fragilidade e apresentar formas coerentes de transformação que podem ser sistematicamente reversíveis, sendo assim um acréscimo à crítica de fragilidade estatal. A verticalidade do conceito de fragilidade estatal erra em majoritariamente, referenciar somente recomendações políticas que não são suficientemente capazes de atingir as necessidades reais de cada país, pois negligenciam fatores identitários e cooperativos no que tange a vulnerabilidade geográfica, inovações tecnológicas e energéticas e coesão social

¹⁹ A participação do Quirguistão, Cazaquistão e Rússia em estratégias de integração como a União Econômica Eurasiática (UEE) é um exemplo disto.

entre as diversas sociedades, representando a horizontalidade, o que o conceito tradicional de fragilidade estatal não engloba (Kaplan, 2015a).

Como as organizações que surgem com os indicadores de fragilidade estatal não possuem uma teorização coesa do que consiste de fato fragilidade, a dinâmica de normatização destes índices torna-se observatória. Por exemplo, ao observar o Uzbequistão e suas falhas em sistemáticas de governança no que tange ao respeito aos direitos humanos, a sua incapacidade de manter os padrões mínimos estabelecidos pela OCDE e o FFP, estes acabam enquadrando-se no ranking anual de estados frágeis. Entretanto, esta assertiva mascara fatores que são intrínsecos no desenvolvimento dos estados, que normalmente são descartados por não haver uma avaliação mais aprofundada. Isto divide o pensamento de fragilidade na: a) inclusão de estados que são estruturalmente estáveis mas necessitam de mudanças substanciais (como na liderança ou módulos de cooperação); b) países que são estruturalmente frágeis e incapazes de recuperarem-se dos seus problemas domésticos e regionais, mesmo ao remediarem-se com as estratégias internacionais.

A lacuna encontrada na teorização superficial da fragilidade estatal encontra-se no fato de que ao avaliar a fragilidade, são esquecidos métodos de cooperação não só econômicos, mas fatores socioculturais e identitários, dos quais possuem participações na mudança do rumo deste desenvolvimento. Além disto, ignoram que esses estados podem estar transitando entre um momento de tensão, ou, um momento de fragilidade, da qual pode ser revertida com mecanismos, dos quais o neoliberalismo proporciona, com facilidade após este período de transição. Desta forma, faz-se necessário então, compreender quais são os organismos capazes de complementar esta cooperação e consequente transformação econômica, que é necessária para o desenvolvimento do complexo regional centro-asiático.

Nos limitaremos em elencar organizações que são de cunho de integração regional, entretanto reconhecendo que ainda não há uma estratégia homogênea que englobe o Cazaquistão, Quirguistão, Turcomenistão, Tajiquistão e Uzbequistão em um grupo coeso. Freire apud Imanaliev (2010), esclarece sobre a dificuldade da coesão regional, colocando:

(...) the triad individual/society/state does not exist in some Central Asian states, rendering difficult the construction of models of identification, further obstructed by clashing modes of development in the region, particularly Russian and Chinese, as well as political-religious affiliations and elite power politics (Freire, 2010: 61).

Estas estratégias são categorizadas por divisões na participação mas reconhecendo que o efeito *spill-over*, ou efeito de alastramento, é presente nas suas cooperações econômicas e por mais que não haja a oficialização de membresia, os efeitos de desenvolvimento são sentidos de formas objetivas e subjetivas por cada um dos cinco estados.

1.2. Cooperação Econômica como Alternativa para o Desenvolvimento

Na última década, o desenvolvimento político e econômico da Ásia Central foi regrado pela estratégia do ‘grande jogo’²⁰, uma competição protagonizada por EUA, Rússia e China por poder e influência entre o Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão. Por ser cercada de duas das maiores economias, então, emergentes²¹ a Ásia Central rapidamente tornou-se um polo geoestratégico de cooperação internacional. Um exemplo desta multipolarização é o fomento de organizações internacionais como a OCX²² e a EurAsEC²³, que visam a expansão econômica entre a China, Índia e Rússia, através da tentativa do livre comércio, da exportação e das trocas comerciais de energia e transporte de bens e serviços.

A EurAsEC é uma iniciativa filiada ao Banco Asiático para o Desenvolvimento (BAD), uma instituição multilateral de financiamento e fomento ao desenvolvimento do continente asiático como um todo. Iniciativas como a OCX e a EurAsEC requerem a formulação de políticas econômicas normativas singulares,

²⁰ Amplamente conhecido como *Great Game*, este termo foi popularizado por Rudyard Kipling em 1901 em sua publicação *Kim*, que referenciava a competição entre o império russo e britânico pela conquista da Ásia Central e modernizado após o fim da Guerra Fria através da luta pela dominação hegemônica da região.

²¹ Rússia, China e Índia.

²² Fundada em Shangai em 1996, e reformulada em 2001, possui China, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão e Uzbequistão como países membros.

²³ O tratado de estabelecimento da EurAsEC foi acordado em 2000, em Astana possuindo Belarus, Cazaquistão, Quirguistão, Rússia e Tajiquistão como membros. O Uzbequistão suspendeu sua participação em 2008, sem alegações oficiais mas Saksena (2014) argumenta que a sua saída foi um movimento estratégico para reduzir a participação russa na sua política econômica doméstica. Findou-se em Janeiro de 2015, fundindo seus objetivos com a política externa do Kremlin, dando origem à EEU, que nada mais é do que uma reconfiguração estratégica da EurAsEC.

capazes de aportar as necessidades e princípios das rotas comerciais e dos mercados internos de cada país envolvido. É possível identificarmos a geografia do crescimento dos projetos de integração sendo esses baseados na cooperação econômica, energética ou securitária (ver anexo 4). Assim, iremos nos próximos subcapítulos identificar, à luz do neoliberalismo e com base na conceituação dos estados de porcelana, como a cooperação e a multipolaridade perante sua multiplicidade de atores, alteram o desempenho do desenvolvimento da Ásia Central.

1.2.1. EurAsEC e OCX

Em outubro de 2000, foi fundada em Astana a EurAsEC²⁴, com o intuito de fragmentar as propostas da ineficaz *Central Asian Regional Economic Cooperation* (CAREC). Como a EurAsEC foi fomentada por uma lógica neoliberal, a sua meta de promover um espaço econômico aberto que inclui um regime regional de comércio, procedimentos aduaneiros comuns, e tarifas unificadas com barreiras não tarifárias, remetem à tentativa de neoliberalização institucional, que é melhor argumentada pelo liberalismo (Cooley, 2012). Mesmo não possuindo o Uzbequistão e Turcomenistão em seu quadro de membros, a EurAsEC alinhou políticas cooperativas que englobou a Ásia Central e beneficiou membros e não membros por políticas de alastramento²⁵.

A EurAsEC comprometeu-se em estabelecer um sistema supranacional de normativas governamentais que regulamentam, através de sistemas de secretariado, assembleia parlamentar, comissões de integração e corte comunitária, um modelo organizacional que coordenou o sistema de regulações comerciais entre os países membros. Nota-se que, a Rússia e o Cazaquistão são líderes naturais destas relações cooperativas, por aportarem de maior território, maior capacidade regulatória e maior representatividade internacional. Entre seus principais objetivos, podemos sinalizar:

[...] attaining a free trade regime; creating a unified customs tariff and a unified system of non-tariff regulation measures; forming a common financial market; coordinating the principles and conditions for transition to a common currency; opening a common market for transportation services and a unified transport system; and shaping a common energy market. EurAsEc is also supposed to ensure free movement for its citizens, and to coordinate social policy with the aim of providing a common labor market, a common educational space and

²⁴ China e Índia não fazem parte do enquadramento de membros da EurAsEC ou da EEU.

²⁵ Ou *spill-over*.

coordinated approaches to healthcare and labour migration (Laruelle and Peyrouse, 2012: 126).

Este modelo é similar ao modelo organizacional da OTAN e mimetiza, em partes, o modelo integracional da UE. Evidencia-se assim, o comportamento da reorganização do sistema internacional multipolar entre alianças comerciais e o protecionismo nacional da Ásia Central, no que tange a influência irremediável da Rússia e, desmesuradamente, sua capacidade de controlar a ressurgência econômica participando em alianças, acordos bilaterais e organizações de grande porte.

De acordo com Kleveman, a EurAsEC evoluiu com dificuldades, muitas vezes motivada por reações internacionais externas (Kleveman, 2003). Na primeira década, aparentava ser mais uma de muitas tentativas fracassadas de reorganizar o contexto político-econômico da Ásia Central e mais uma tentativa de se recuperar das heranças negativas do regime pós-soviético. Entretanto, a EurAsEC mostrou-se capaz de solidificar relações de trocas comerciais entre a Rússia e o Cazaquistão, Tajiquistão e Quirguistão, sem comprometer o desenvolvimento da economia regional dos países envolvidos (Putin, 2014a). Nisto, Putin esclarece:

We have established common rules for a common market with a total population of over 170 million people and an aggregate economic potential of more than 4 percent of the global GDP. The EurAsEC Crisis Management Fund with its reserves of \$10 billion has proved very useful. During the global economic crisis, it served to provide financial aid to EurAsEC member states, for them to stabilize state finances (Putin, 2014a).

O plano da sua expansão com a criação de uma união alfandegária recebeu novo ímpeto durante a crise de 2008, já que a Rússia se mostrou preocupada com a perda de sua influência econômica perante o constante interesse das relações entre a UE e a China no espaço pós-soviético. Seguindo os passos da EurAsEC²⁶, a OCX²⁷

²⁶ Em 1 janeiro de 2015, Vladimir Putin ratificou uma lei, juntamente com os estados membros da EurAsEC, terminando suas funções e fundindo seus objetivos juntamente com Ministério das Relações Exteriores da Rússia para fundamentar ainda mais os objetivos da EEU. Assim, todos os objetivos galgados pela EurAsEC foram transferidos para a nova estratégica econômica, EEU (Federação Russa, 2015).

²⁷ O Turcomenistão ainda não faz parte do quadro de membros da OCX mas entre 2012-2014 participou das reuniões anuais, mostrando seu incentivo em enquadrar as relações mutualísticas e cooperativas que a organização proporciona. Na cúpula organizada em Setembro de 2014 em Dushanbe, o presidente Gurbanguly Berdimuhamedov colocou: “Members and participants of the SCO are the long-standing traditional partners of Turkmenistan, neighbors and friends, and our country believes that development of relations with this organization is in harmony with the general direction of its participation in the regional and global processes” (Berdimuhamedov, 2014).

também participa da equação neoliberal na luta contra o postulado de fragilidade da Ásia Central, pois acredita que a influência das grandes potências, principalmente a China, são intermitentes e garantem maior relevância para a criação de um espaço multipolarizado (Cooley, 2012).

Desde sua fundação, a OCX preconiza dois princípios que a separa das demais organizações multilaterais com características ocidentais (Fei, 2010). Primeiramente, a OCX tornou-se um adágio factual na política externa chinesa, onde as suas decisões estão em consonância com o respeito à soberania dos seus países membros e rejeita a ideia de interferência nos seus assuntos domésticos. Esta política contrasta diretamente com as políticas de organizações como o Banco Mundial e o FMI, das quais são doadores de capital e impõem cláusulas que postulam uma transformação parcial da política doméstica econômica e política dos estados assistidos; de organizações securitárias como a OTAN, do qual princípios intervencionistas são utilizados para justificar ações militares domésticas e intervenções humanitárias, como no Kosovo e na Líbia (Cooley, 2012). A característica única do respeito à soberania, entretanto, pode ser compreendida como uma medida estratégica para minimizar comportamentos demasiadamente agressivos em competições pela hegemonia, e capitalizar acordos que mutuamente garantem maior eficiência, quando instaurados por intermédio de intervenções. A segunda característica encontra-se na rejeição de soluções unilaterais para problemas multilaterais, especificamente militares ou econômicos e na prevalência do espírito colaborativo em um meio multipolar (Cooley, 2012).

Toda esta caracterização da OCX possui um efeito empírico contrastante e de suma importância para a Ásia Central, especialmente para a Rússia, China e Cazaquistão, pois, representa não somente um apoio internacional de nível organizacional representativo, mas compartimenta os ideais que estes países procuram na sua atual política de desenvolvimento econômico. Isto porque a presença de uma organização de caráter cooperativo, não só facilitam as trocas comerciais, os incentivos à exportação e o fortalecimento da tecnologia e educação, bem como fortifica a imagem internacional e dá suporte econômico para que o crescimento dos índices de desenvolvimento destes países torne-se mais regular.

A influência chinesa na política doméstica e internacional também é de grande valia para economias pouco resistentes como o Tajiquistão, Uzbequistão e Quirguistão, em otimizar suas bases frágeis. Não obstante, os ideais de cooperação e de acordos multilaterais, são aparatos para o crescimento de uma harmonia regional, capaz de desfragmentar as fragilidades atuais. Este crescimento é identificado, em sua grande parte, através da produção, exportação de hidrocarbonetos e combustíveis²⁸ (FMI, 2013). É uma melhora gradual entre uma crise prolongada e um impasse real entre a análise política e econômica das instituições versus a governança nacional e mais um exemplo de cooperação que os estados de porcelana, postulam como ‘alternativas de desenvolvimento’, tornando-se assim uma visão de que as organizações que ali estão participando, possuem um cunho econômico, visionando e identificando os fatores verticais e horizontais.

Objetivamente, a OCX provê nos seus documentos oficiais diversos mecanismos de cooperação com os estados membros e organizações internacionais, da qual detalha no artigo 14 da sua carta constituinte²⁹ (OCX, 2002). Da mesma forma, a OCX colabora com organizações internacionais como a ONU, CEI, Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC), EEU e ASEAN. O posicionamento cooperativo, tomou maiores proporções após 2008, quando o presidente Hu Jintao expressou que o comércio e a cooperação econômica precisavam transbordar as aléneas burocráticas da organização e tornarem-se realidade através de projetos de implementação (Jintao, 2009). Este fato culminou com a proposta do governo chinês em alocar USD 10 bilhões para o estabelecimento de um fundo monetário para a estabilização da crise que diretamente afetou a Ásia Central e Rússia.

²⁸ Um crescimento de 5% em 2013 e 6,2% em 2014 foi observado e especula-se um crescimento de aproximadamente 6,8% em 2015. Esta contribuição é em sua maioria, feita pelo Cazaquistão e Azerbaijão na exportação de energia para membros da OTAN e UE (OCX, 2014).

²⁹ O artigo 14, que paira sobre cooperação com os estados membros e vizinhos, através da possibilidade de tornarem-se estados observadores, versa: “SCO may interact and maintain dialogue, in particular in certain areas of cooperation, with other States and international organizations. SCO may grant to the State or international organization concerned the status of a dialogue partner or observer. The rules and procedures for granting such a status shall be established by a special agreement of member States. This Charter shall not affect the rights and obligations of the member States under other international treaties in which they participate.” (OCX, 2002).

A efetividade da China no setor energético proporcionou que a crise não fosse tão rígida. Dentre os beneficiados pelo ‘escudo chinês’ através da OCX, esteve o Cazaquistão que em 2009 figurou em sexto lugar, exportando para a China cerca de 5.7 milhões de toneladas de hidrocarbonetos, o que corresponde a 3,2% do comércio chinês. No mesmo ano, a China tornou-se o terceiro maior importador de recursos energéticos para a Ásia Central (Rozanov, 2013). Em dezembro de 2009, a *Central Asia-China pipeline* foi inaugurada na região de Bagtyyarlyk no Turcomenistão, o que promove a capacidade de transporte de 40 bilhões de m³ de gás do Turcomenistão, Uzbequistão e Cazaquistão para território chinês (Rozanov, 2013). O então envolvimento da OCX com a Ásia Central torna-se ainda mais evidente, após a China tornar-se o principal mantenedor de matéria-prima para o Tadjiquistão, figurando 35% da exportação, 61% no Quirguistão, 14% no Cazaquistão e 22% no Uzbequistão, além de em 2012, injetar através dos mecanismos de cooperação entre exportações e importações, \$12 bilhões nas economias centro-asiáticas (Syroezhkin, 2010).

A crítica do neoliberalismo à OCX reside em que a promoção deste sentimento de cooperação internacional e integração de mercados, além da ênfase no consenso e respeito à soberania, não podem ser medidas normativas efetivas e atuantes no combate aos problemas locais e disputas regionais. Os estados de porcelana resistem através do seu constante, apesar de tardio desenvolvimento mas ainda há problemas perceptíveis como a distribuição de combustíveis vinculada à construção de novas *pipelines*³⁰ (ver anexo 5) e a escassez de recursos hídricos³¹ no

³⁰ Até 2010, houveram mais de 18 tentativas de pipelines entre território centro-asiático, chinês e russo. As pipelines Blue Stream, South Caucasus gas pipeline, Turkmenistan-China, Turkmenistan-Iran, Baku-Supsa, Caspian Pipeline Consortium, Baku-Tblisi-Ceyhan, Kazakhstan-China foram modelos de sucesso. As pipelines South Stream, Central Asia-Center upgrade, Pre-Caspian Pipeline, Nabucco, Turkey-Greece-Italy, Turk-Afghan-Pakistan-India (TAPI), Iran-Pakistan-India (IPI), Samsun-Ceyhan e Kashgan são modelos novos que ainda estão em discussão, sendo passivos de aceitação ou não (Jones, 2010).

³¹ A questão dos recursos hídricos vem agravando-se nas últimas duas décadas na Ásia Central. Enquanto o Tadjiquistão e Quirguistão, possuem reservas e rios, como o Syr Darya e Amu Darya que cruzam o Tien Shan, as montanhas Pamir cercam o rio Hindu Kush e desembarcam no Mar Aral. O Turcomenistão, Uzbequistão e Cazaquistão possuem um déficit tanto em recursos como na exponencialidade da captação dos recursos provindos do Tadjiquistão e Quirguistão. Extensiva corrupção, um alto crescimento populacional, disputas regionais e fronteiriças bem como a desintegração de um sistema de distribuição de recursos, contribuem para que a escassez de recursos naturais e sua infraestrutura seja severamente comprometida (International Crisis Group, 2014).

Turcomenistão, Cazaquistão e Uzbequistão, que ainda não são apropriadamente averiguados pela OCX.

A magnitude da OCX e seu viés securitário, afeta perpendicularmente sua vertente econômica e identitária. Quando a Rússia invadiu a Geórgia em 2008, os membros da OCX condenaram veementemente o ato e exigiram respeito pelas tradições históricas e culturais do seu povo, em nome da preservação do direito internacional costumeiro e da união territorial através da integridade securitária (Saksena, 2014).

Cooley argumenta que, enquanto os outros quatro membros da OCX priorizam as questões securitárias, a Rússia visualiza a China como um membro dominante da organização, então determina que a sua influência sob a Ásia Central não deve ser utilizada diretamente através da veiculação com a OCX, e utiliza a seu favor, a EurAsEC como frente econômica para facilitar suas relações (Cooley, 2012: 34). Enquanto a China decide tornar suas relações com os outros países de forma bilateral, não visualiza uma oportunidade para comportar o Irã, o Paquistão e a Índia a ingressar na OCX. O conflito entre Índia e Paquistão não mostra sinais de melhoria e seria apenas uma catálise para trazer situações securitárias e econômicas mais frágeis para o fórum, além de não trazer benefícios reais para a Ásia Central. Para Saksena, seria praticamente impossível aceitar somente um ou outro, compreendendo os fortes laços entre a relação entre Índia e Rússia e China e Paquistão (Saksena, 2014). O Irã que também é uma opção de forte espaço para a candidatura, encontra-se sancionado pela ONU e pressionado pelos EUA, do qual é contra seu programa de desenvolvimento de energia nuclear. Sem o Irã, Índia e Paquistão, a representatividade e participação ativa da OCX na Ásia Central ficam seriamente comprometidas.

Em contraponto, a China tem se mostrado consideravelmente engajada no sucesso internacional da organização e este engajamento a traz mais próxima em relação à Rússia. As relações políticas e econômicas entre Rússia e China nem sempre têm estado em sintonia e a OCX oferece aos países a oportunidade de se reunir em uma plataforma equitativa para resolver, pacificamente, suas diferenças. Com uma política mais protecionista e competitiva entre EUA e China, a presença

rusa torna-se um aliado imprescindível que proporciona esperanças em criar um ambiente de cooperação e discussão onde a Ásia Central distribua melhor suas vulnerabilidades internas e externas (Rozanov, 2013).

1.2.2. Os Estados Unidos e a China

Nos primeiros anos após o colapso da União Soviética, a Ásia Central não era considerada estrategicamente vital para os EUA e era tratada como um “acessório” diplomático para os interesses entre a Rússia e o Oriente Médio (Rashid, 1995). Havia preocupações centrais específicas que mantinha os EUA como espectador. Exemplos desta conduta contam com a presença de contenções étnicas e a cooptação de energia nuclear no Cazaquistão; a inobservância de respeito aos direitos humanos no Quirguistão, Uzbequistão e Turcomenistão; e poucos interesses específicos, como processamento de energia e exportação de matéria prima, em relação ao Turcomenistão e Uzbequistão, dos quais mantiveram relações mornas com os EUA entre 1991 a 1997 (Anderson, 1997).

A fragilidade então apresentada pelos países começava a mostrar resultados favoráveis de desenvolvimento em detrimento do crescimento da cooperação norte-americana (Hunter, 1996: 160). Conseqüentemente os EUA aproximaram-se do Uzbequistão através da figura do seu líder, Islam Karimov, por ser um país que se mostrava pro-Israel e anti-Irã e contra a maioria das decisões importadas da Rússia (Cohn, 2001: 7). Os países da Ásia Central que mantiveram relações próximas com o Irã ou com a Rússia não possuíam o mesmo nível de atenção que precisavam dos EUA. O governo Clinton, tornou-se dentro deste apanhado histórico, uma importante fase para o desenvolvimento das relações entre EUA e a Ásia Central, pois caracterizou-se como um marco político de transição nos investimentos econômicos de ganhos comuns para ambos (Departamento de Energia dos EUA, 2001:17). Marjorie Cohn explicita o real interesse nas políticas de investimento dos EUA na Ásia Central:

[...] the aim of the US administration is to promote the independence of these oil-rich countries and republics, to, in essence, break Russia's monopoly control over the transportation of oil to and from that region (Cohn, 2001: 2)

Após o despertar dos ataques de 11 de setembro de 2001, a presença norte-americana intensificou-se em níveis cooperativos que reestruturaram, numa certa extensão, o complexo securitário e econômico da Ásia Central. Com o seu *status* de potência no cenário internacional, os EUA atribuem sua política externa de envolvimento com o perímetro asiático-central baseado em uma aplicação eclética de teorias de balanço de poder, realismo geopolítico e neoliberalismo institucional (Krasnopolsky, 2015). Parte deste interesse surge após preocupações constantes com a presença russa e a instauração do autoritarismo como arma de manutenção de sua influência hegemônica. Além disto, a presença norte-americana na Ásia Central, também se deu fortemente por ser uma área geograficamente estratégica para afixar bases militares durante a guerra ao terror contra o Iraque e nas intervenções militares contra o Afeganistão (Dekmejian, 2003). A entrada no Afeganistão através de bases³² no Tajiquistão, Uzbequistão e Turcomenistão, facilitaram não somente a capacidade logística dos conflitos, bem como potencializaram as investidas contra a capital Kabul e regiões de difícil acesso. Não menos importante, a tentativa dos EUA em trazer aliados regionais como Israel, Paquistão e a Turquia, mostraram-se como uma verdadeira tentativa de dissociar a imagem da Rússia na Ásia Central como forma de impor ideais ocidentais e instaurar sua influência hegemônica sobre os estados.

Considerando a atual presença da campanha política e envolvimento que possuem no Afeganistão, e, ao reconhecer que os EUA deterioraram consideravelmente sua imagem, é possível afirmar que a Ásia Central prioriza atrelar-se a hegemonias que forneçam apoio político e econômico sem muitos entraves e comprometimentos diplomáticos (Saksena, 2014: 99). Com o crescimento da influência da China, Índia, Rússia e UE, os EUA enfrentam um desafio cada vez mais rigoroso em manter sua política econômica uma prioridade na Ásia Central. Segundo o *Office of the U.S. Trade* (2012:227), o investimento direto dos EUA no

³² Em 3 de junho de 2014, os EUA fecharam sua última base militar, localizada em Manas no Quirguistão. A base foi devolvida ao governo do Quirguistão, do qual a controlará sob observação da Rússia. A base era considerada de grande valia estratégica para os EUA e para a International Security Assistance Force (ISAF) no Afeganistão, pois controlava voos e remessas de armamentos que saíam do Quirguistão até o Afeganistão e alimentavam operações militares entre os dois países, mediada pelos EUA. A base havia sido levantada após os ataques de 11 de setembro de 2001 e durante o período da invasão americana, enviou cerca de 5,3 milhões de soldados e serviços gerais ao Afeganistão (Pillalamarri, 2014).

Cazaquistão em 2012 foi de U\$ 9,6 bilhões, um crescimento considerado, dos U\$ 7,7 bilhões em 2009. No Uzbequistão, o investimento foi de aproximadamente U\$ 71 milhões em 2012, um crescimento de 12,7% desde 2011. Este padrão manteve-se nas trocas comerciais, em importações e exportações e estendem-se para investimentos diretos e captação de recursos energéticos como o gás natural e o petróleo.

Os dois maiores projetos significativos propostos pelos governos centro-asiáticos, com recursos provindos dos EUA estão sendo implementados através da nova Rota de Seda, chamados CASA-1000 e Turkmenistan-Uzbekistan-Tajikista-Afghanista-Pakistan (TUTAP). Estes projetos visionam distribuir, através da construção de hidrelétricas, eletricidade para os países envolvidos no projeto e seus vizinhos, por efeito de alastramento, e para mercados no Sul da Ásia que necessitam de acesso à energia elétrica devido sua deficiência política em implementar projetos de sucesso (Kuchins e Mankoff, 2015). O projeto Turkmenistan-Afghanistan-Pakistan-India (TAPI), também está sendo implementado, do qual irá distribuir gás através da Ásia Central, como forma de reduzir as dependências na China e Rússia, visionando o mercado sul-asiático. Tais projetos, requerem uma maior participação dos EUA, pois o investimento oferecido por ele é crucial para a finalização e aplicabilidade, logo, funcionalidade³³ (Kuchins e Mankoff, 2015).

É observado então, que os EUA apresentam-se como uma fonte de recursos e um parceiro comercial importante para a caracterização do combate à fragilidade da Ásia Central e que centraliza políticas econômicas capazes de viabilizar, por mais que morosamente, o desenvolvimento dos estados de porcelana, já que utilizam a cooperação mutualística como carro-chefe da sua política externa. Entretanto, essa política mantém-se sob regime de cautela, uma vez que os comprometimentos militares e diplomáticos, não sejam de alto risco para o desenvolvimento da região nem potencializem os índices de fragilidade.

No decorrer da década de 1990, a China não possuía relações comerciais expressivas, tampouco investia em contatos regionais com seus novos vizinhos e este

³³ Isto porque os EUA possuem consórcios diretos com as empreiteiras que colaboram na construção, fiscalização e execução destas construções, em consonância com os governos dos países envolvidos, além de injetar investimentos financeiros para que os projetos sigam adiante (Kuchins e Mankoff, 2015).

protecionismo se deu principalmente, pois a China mantinha-se focada na expansão da produção de bens domésticos e nas políticas de exportação de bens e serviços (Dekmejian, 2003). O estabelecimento da OCX no fim dos anos 2000 contribuiu para a expansão do crescimento econômico da China, conseqüentemente trazendo-a mais próxima dos mercados centro-asiáticos e fortalecendo seus laços de trocas comerciais e alianças políticas e diplomáticas. Esta aproximação também pode ser explicada pela necessidade do investimento chinês em indústrias energéticas e tecnologias de distribuição de energia para compensar a necessidade e a escassez que escalou nas últimas duas décadas (Rozanov, 2013).

Essa necessidade era uma realidade prevista há mais de cinco décadas, o que culminou na assinatura do acordo entre o Presidente Xi Jinping e o Presidente Vladimir Putin, da Rússia³⁴. Este acordo de duração de trinta anos e estimado no valor de U\$ 400 bilhões de dólares, já estava há trinta anos em discussão e, majoritariamente serviu para incentivar uma mudança estratégica na economia de ambos os estados (Perlez, 2014). As conseqüências deste acordo possuem um efeito de alastramento especialmente sobre o Cazaquistão e Turcomenistão, pois elevam a confiança da política externa econômica russa e fortalecem as relações inter-orientais. Este acordo, por mais que traga relações animosas entre os dois países ainda não representam em sua totalidade, uma grande ameaça para as relações comerciais entre EUA-China.

De acordo com Putin, a Rússia cresceu uma média de 2% em relações de trocas comerciais com a China, mas que há previsões de maior crescimento e abertura de ambos os mercados para receber investimentos bilaterais, já que ambos os países compartilham de ideais econômicos e preocupações securitárias similares, no que tange o terrorismo, o crescimento de movimentos separatistas, o tráfico ilegal de drogas e migração ilegal (Putin, 2014b). Para a Ásia Central, a abertura comercial da China tem resultados positivos. Em 2012, a relação comercial entre China e o

³⁴ No dia 21 de maio de 2014, as empresas China National Petroleum Corporation (CNPC) e Gazprom, selaram um acordo bilionário que regula o transporte de aproximadamente 38 bilhões de m³ de gás russo para a China, anualmente, entre 2018 a 2047. Gazprom enviará seus recursos energéticos provindos das cidades de Kovyktin e Cayandin na Sibéria, até a área metropolitana de Beijing-Tianjin-Hebei no norte da China e para Yangtze no leste da China. Estas remessas irão suprir mais de um quinto da consumação chinesa (Weitz, 2014).

Cazaquistão, Quirguistão e Uzbequistão tiveram o maior acréscimo nas trocas de bens, serviços, comunicações e recursos energéticos que qualquer outro estado em cooperação, como o Irã e a Turquia, sendo nada mais do que um reflexo destas políticas cooperativas necessárias com a Rússia (Kaczmarska, 2013).

No concernente à evolução destas relações, é indissociável o fator securitário, do qual constitui uma agenda no círculo *Shanghai-five*, composto por Rússia, China, Cazaquistão, Quirguistão e Tajiquistão, apoiado pela OCX. Majoritariamente motivado pela promoção de esforços cooperativos em trocas comerciais, culturais, militares e manutenção de assuntos securitários, o círculo *Shanghai-five* já estabeleceu em Julho de 2000 em Dushanbe, o *Council of National Coordinators* que regulariza esta cooperação para que seja coesa e distributiva. Focada também em cooperação preventiva, o *Shanghai-five* através do acordo em Dushanbe, luta conjuntamente contra disrupções em movimentos separatistas, terrorismo e extremismo religioso (Gill, 2001).

Mesmo com dificuldades em implementações de políticas próprias, o *Shanghai-five* conseguiu demarcar cerca 7,000 km de suas fronteiras, o que era um problema de alta complexidade para países como Tajiquistão e Quirguistão. Além disto, o círculo ajudou a fomentar maior boa vontade política e confiança entre seus estados-membros, o que facilita a cooperação econômica e desacelera mecanismos burocráticos e entraves políticos que impedem o desenvolvimento sinérgico a atingir objetivos concretos como o aumento de remessas de gás e recursos hídricos e diminuição da inflação através da exportação de commodities (Jia, 2001).

Ao tornar-se um mecanismo de comunicação multilateral, o *Shanghai-five* também coordenou a proteção de fronteiras contra o fundamentalismo islâmico radical e estabeleceu *guidelines* na constituição de treinamento militar no combate ao terrorismo e construção de bases de proteção contra o tráfico de drogas (Jia, 2001). A China neste enquadramento apresenta-se como um ator em ascensão aos olhos de países mais fragilizados como o Uzbequistão, Tajiquistão e Quirguistão, priorizando seus interesses domésticos e regionais, em prol de um alargamento de sua política internacional, englobando seus interesses em uma aliança emergente com os regimes

pós-soviéticos e com novos parceiros, em prol de continuar a evolução do seu desenvolvimento, sem perder o viés neoliberal cooperativo (Jia, 2001).

A China mantém-se alerta, compreendendo que a manutenção de uma aliança triangular com os EUA e a Rússia, é capaz de substancializar o alargamento de políticas econômicas através da OCX e materializar os planos de influenciar o populismo nas repúblicas autocráticas na Ásia Central. Há o reflexo da esperança dos estados de porcelana em configurar como suas economias se comportarão mediante o crescimento da influência chinesa nas suas políticas domésticas devido ao modelo de governança global e transformação constante da política externa chinesa, já que o relacionamento sino-centro-asiático é comensurado mediante cooperação direta e reflete diretamente no desenvolvimento da Ásia Central. Este comportamento é subjetivado diretamente nas reduções das fragilidades transitórias e produzem um resultado continuamente positivo que contribui para a construção dos estados de porcelana.

1.3. Desenvolvimento Energético como Alternativa para a Interdependência

Nas últimas duas décadas, o sistema internacional passou por diversas transformações políticas e o resultado destas transformações requereram ainda mais um pensamento flexível e objetivo de atores estatais e não estatais, principalmente das potências hegemônicas. Observa-se que, após eventos como o fim da União Soviética, 11/09 e a crise econômica de 2008, o objetivo de estados como os EUA foi centralizado em tornar metas essencialmente econômicas, energéticas e securitárias prioritárias como jamais antes visto (Cooley, 2012). Consequentemente, a manutenção de bens estatais, ganhos comuns e manutenção da influência securitária e energética tornaram-se mais presentes em pauta internacional.

Para a política internacional nos dias atuais, compreende-se que a obtenção de recursos energéticos e a expansão de seus mercados ainda são tangentes prioritárias. A alta mobilidade de bens, serviços, capitais, pessoas e informações criam um ambiente econômico onde fatores de produção tornam-se mais importantes que a cooptação e controle de novos territórios e, conseqüentemente, a manutenção de conflitos existentes (Blank, 2013). Pode-se então afirmar que a competição por

um mercado econômico mais diversificado e aberto, através de fontes energéticas são estratégias que transformam o contexto atual da Ásia Central e distanciam ainda mais suas fragilidades. Assim, a cooperação através da priorização das fontes energéticas, entre construção, manutenção e ampliação de *pipelines* de gás e hidrocarbonetos, tornou-se uma conduta viabilizada pela política doméstica e internacional dos regimes do Turcomenistão, Cazaquistão e Uzbequistão, como saída para manutenção de sua interdependência, e conseqüentemente englobou-se o Quirguistão e Tajiquistão no que tange suas reservas hídricas. Ao aprofundar a compreensão da dimensão socioeconômica e energética da Ásia Central torna-se imprescindível a compreensão do envolvimento do Mar Cáspio e do Azerbaijão dentro das políticas norte-americanas como atores partícipes no desenvolvimento da verticalidade a fim de dimensionar esta vertente do desenvolvimento com a redução de fragilidades e sua possível desconstrução.

1.3.1. Os Estados Unidos, o Mar Cáspio e o Azerbaijão

O Mar Cáspio é o maior mar fechado do mundo e é cercado pelo Azerbaijão, Cazaquistão, Irã, Turcomenistão e Rússia. É, também, amplamente considerado uma fonte de recursos energéticos por suprir a crescente demanda interna do Cáucaso e da Ásia Central. De acordo com o Departamento de Energia dos EUA³⁵ (2001: 9-10), nos próximos vinte anos o consumo de hidrocarbonetos³⁶ da Ásia Central chegará aos 6 milhões de barris por dia e o consumo do gás aumentará em torno de 50%, o que leva a crer que em 2035, a produção de hidrocarbonetos suprirá menos de 30% da sua real necessidade.

Frente às novas insurgências como o enfraquecimento do relacionamento da Ásia Central com o Oriente Médio e a instabilidade na cooptação de seus recursos, o Cáspio apresenta-se para os EUA e para os regimes da Ásia Central, como uma ferramenta cooperativa que proporciona benefícios mútuos, especialmente para o Cazaquistão e Turcomenistão. Frente a esta realidade, a insistência da presença norte-americana no Cáspio reside na necessidade de diversificar suas fontes

³⁵ Relatório realizado pelo 'The National Energy Policy Development Group, liderado por Dick Cheney, ex-vice-presidente dos EUA (2001-2009), comumente reconhecido como Cheney Report.

³⁶ Ao utilizar este termo, constitui-se os recursos referentes as reservas de gás e matéria-prima como o petróleo.

energéticas, não somente para seu próprio benefício mas também para seus parceiros. A redução da dependência, seja ela vinda da Rússia ou do Médio Oriente, da redução de conflitos regionais e do distanciamento de prováveis efeitos da recente crise econômica global também são fatores determinantes. A presença norte-americana no Azerbaijão³⁷ possui uma abordagem multipolarizada, por reconhecer que há ligações indissociáveis entre uma maior promoção de um sistema econômico e político estável através da tentativa do controle dos recursos energéticos e o controle da instabilidade securitária (Chufrin, 2004). Não se pode afirmar, entretanto, que a fragilidade securitária do Cáucaso e da Ásia Central motivou exclusivamente a corrida pelo desenvolvimento energético do Cáspio.

Assim, não se pode observar a política externa norte-americana e o seu envolvimento direto no Cáspio por uma ótica exclusivista em recursos energéticos. A questão securitária do Cáspio e conseqüentemente do Azerbaijão pela ótica dos EUA é mantida como prioridade para a prevenção de novos conflitos regionais e da prevenção de construção e manutenção e rotas de tráfico de drogas e de práticas terroristas, uma vez que para a Ásia Central e para o Azerbaijão, particularmente, reconhece-se que a questão energética é importante mas intrinsecamente interligada com os fatores securitários.

1.3.2. Irã, Turquia e Índia

A emergência da multiplicidade de atores no desenvolvimento energético da Ásia Central gera um triangulamento nas relações dos países centro-asiáticos com vizinhos como o Irã, Turquia e Índia. Ao aprofundar a compreensão da dimensão geopolítica da Ásia Central, se faz necessário identificarmos o Irã, a Turquia e a Índia como atores complementares para o contributo do desenvolvimento energético da Ásia Central, tendo em vista suas relações mutualísticas e suas necessidades securitárias e econômicas comuns.

³⁷ Majoritariamente, a presença norte-americana no Azerbaijão resume-se na manutenção das relações energéticas e na construção de *consortiums* e *pipelines*, que são incorporados e patrocinadas por companhias norte-americanas. A influência ocidental no Azerbaijão também é utilizada como uma forma de descentralizar a força do Irã e da Rússia na distribuição e uso das reservas do Cáspio.u.j

1.3.2.1. Irã

Para a República Islâmica do Irã, o desaparecimento da União Soviética e o contrapeso da influência norte-americana na Ásia Central, foram fatores que reconfiguraram sua política externa para com seus vizinhos. Sua influência geográfica possui imensa importância, já que o Irã possui acesso ao mar e é um aliado político do Afeganistão, do qual compartilha laços comerciais e energéticos sólidos, apesar de tensões domésticas. Além disto, é um aliado direto da Rússia, apesar de não intervir em disputas por influências políticas e econômicas contra a Turquia (Dawisha, 1997). Os estados da Ásia Central, percebem na capacidade de influência de Teerã, uma alternativa cooperativa de dissociarem-se gradualmente da dominância russa, de diversificarem sua economia e ganhar maior acesso a outras regiões do Oriente Médio.

Por mais que uma relação entre o Irã e a Ásia Central ainda esteja em desenvolvimento, o mantimento de relações bilaterais ainda é considerado forte e presencial. Desconsiderando o estratagema regional político e a reconfiguração das relações entre Afeganistão, Irã, Índia e Ásia Central como um complexo, o Irã mantém vínculos econômicos fortes com o Cazaquistão, Tadjiquistão e o Turcomenistão (Mesamed, 2007). O Irã aparece como o sexto maior parceiro comercial do Turcomenistão, do qual considera ser o seu maior aliado na Ásia Central e o sétimo maior parceiro comercial para o Tadjiquistão, representando 6,7% das relações (Laruelle e Peyrouse, 2013). O Uzbequistão continua sendo o país que: mais resiste a presença iraniana no seu território, uma vez que o regime uzbeque suspeita de toda e qualquer forma de cooperação provinda de um 'rival'; foi construído sob a égide do medo de uma insurgência islâmica e da divisão por ela criada, e; promove ser um dos maiores aliados dos EUA na Ásia Central (Laruelle e Peyrouse, 2013). Há perspectivas de que Tashkent crie relações moderadas com Teerã no futuro mas o Irã não considera as relações comerciais com o Quirguistão e Tadjiquistão de suma importância para sua agenda internacional.

1.3.2.2. Turquia

Na última década, a República da Turquia assumiu um papel representativo na transformação da política energética da Transcaucásia, da Ásia Central e da bacia do Cáspio. Além disto, a política externa turca é direcionada pela diretiva de *zero-problem with neighbours* que também englobam a Rússia e o Irã. Enquanto seu relacionamento com o Cazaquistão, Quirguistão e Turcomenistão, tem avançando na última década, especialmente na dimensão econômica, geopoliticamente, as relações com o Uzbequistão serão determinantes para que esta política de *zero problems* seja mantida (Mesbahi, 2010).

No que tange a dimensão econômica, a quantidade de recursos energéticos significativos do Cáspio e da Ásia Central, trouxeram à realidade a construção do oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan³⁸, que cruza território azerbaijano, armênio e turco. Os benefícios desta construção trazem à Ásia Central e ao Cáucaso a redução da dependência de mantenedores do Golfo Árabe, gera espaço para a distribuição igualitária de recursos energéticos, proporciona a internacionalização e consequente abertura regional do espaço centro-asiático, solidifica o ideal neoliberal na participação de multinacionais e organizações internacionais no ordenamento doméstico (Linn, 2006).

Há ainda intenções palpáveis, do oleoduto conduzir uma rota através da *Trans-Caspian oil pipeline*, que transportará hidrocarbonetos e demais recursos energéticos através do porto de Aktau, no Cazaquistão³⁹ para os demais oleodutos e distribuir mais expansivamente a rede energética (Socor, 2006). Uma consequência da determinação turca em prestar um papel de liderança na Ásia Central, dá-se ao fato de que esta tentativa tem polarizado a região em dois blocos: relações entre

³⁸ A construção do oleoduto custou cerca de US\$ 3.9 bilhões, envolve através da BTC Co., 11 multinacionais e empreiteiras que dividem às ações e lucros e seu consórcio é flexionado através da BP. Sua construção foi custeada, em grande maioria, pelo Banco Mundial e o Banco Europeu para a Reconstrução e o Desenvolvimento (BERD). Estima-se que através dos seus 1,768 quilômetros, haja um crescimento econômico no valor aproximado de US\$ 290 milhões por ano, nos próximos quarenta anos (Socor, 2006).

³⁹ O projeto continua em andamento, pois enfrenta severas críticas dos governos russo e iraniano, em sua maioria por medidas protecionistas e tentativas de oclusão de suas influências na Ásia Central. Apesar do memorando já ter sido assinado pelo presidente do Cazaquistão, Nursultan Nazarbayev e o presidente do Azerbaijão, Ilham Aliyev em 2007 e 2009, as rotas alternativas encontradas ainda

Turquia e o Cáucaso⁴⁰, financiado e apoiado pelos EUA *versus* a Rússia e Turquia, Rússia, Armênia e Irã, apoiado em sua grande maioria, pela influência russa, *versus* as críticas da UE e dos EUA (Dekmejian, 2003). A Ásia Central posiciona-se como uma região geoestratégica em desenvolvimento, porém que beneficia-se de ambas as coalizões, e é justamente essa versatilidade em sua política internacional que possibilita a verticalidade, caracterizada, em questões econômicas e energéticas, pelo crescimento em ambas as esferas de influência.

1.3.2.3. Índia

A República da Índia entra na equação de ator participativo com uma população em constante crescimento e um potencial econômico que vem nas últimas duas décadas despertando o interesse estratégico do centro euroasiático (Hyman, 1994). A sua participação ativa dá-se nas áreas de desenvolvimento energético na importação de petróleo e gás e exportação de matéria-prima e mão de obra qualificada. Com sua economia em expansão e sua dependência importadora sob controle, a Índia entra na rota comercial com a Ásia Central devido sua relação próxima com a Rússia, sua influência cultural com o Paquistão e Uzbequistão e sua luta contra o crescimento do islamismo (Hyman, 1994: 293).

Considerando as relações deterioradas com o Paquistão e o Azerbaijão, a Índia percebe na Ásia Central um mercado crescente, apesar de não possuir, em sua totalidade, o envolvimento econômico desejado⁴¹. Isto se dá, em sua maioria, pelo fato de que muitas rotas comerciais passam por território paquistanês, e a Índia ainda se mostra fragilizada em desenvolver políticas de transporte e trocas comerciais em grande escala que a torne geograficamente vulnerável e dependente do Paquistão. Alternativamente, a Índia coopera avidamente na construção de estradas e rotas energéticas através de oleodutos, através do Irã:

encontram-se em estágios iniciais de desenvolvimento, apesar de representarem um grande ganho econômico e político para a Ásia Central (Socor, 2006).

⁴⁰ Com exceção da Armênia.

⁴¹ Este envolvimento tímido é criticado pelos maiores parceiros e interessados na presença da Índia na Ásia Central, o Cazaquistão e Uzbequistão. Este envolvimento se dá ainda a passos modestos, já que um maior envolvimento implica relações culturais e identitárias aprofundadas, um fator que pode escalar os já presentes desentendimentos com o Paquistão.

Iran will remain a favored route to the Central Asian republics, since it is shorter, economical and thoroughly reliable, and passes, as it does through a state, Iran, with which India has the warmest of relations (Puri, 1997: 244)

Nesta ótica, a Índia compartilha com a Rússia e os países da Ásia Central a percepção de que as relações comerciais e energéticas devem ater-se a vínculos de cooperação bilateral, priorizando as boas relações já estabelecidas entre os países, sem estratégias ambiciosas que desestabilizem ou possam vir a potencializar tensões pré-existentes (Hunter, 1996: 24). Isto significa que por mais que a Índia hoje seja um parceiro ativo da Ásia Central e sua cooperação atinja níveis culturais e econômicos significativos, sua participação se mantém em caráter exclusivamente moderado.

1.4. Os Estados de Porcelana e a Normatização das Teorias

Ao longo deste capítulo, através da teoria neoliberal, aduzimos que para viabilizar a normatização e manutenção de seus ideais, a cooperação estabelece-se como fator vital para as interações entre os países envolvidos na geopolítica da Ásia Central. A parceria entre Cazaquistão, China e EUA, Uzbequistão, Tajiquistão e Quirguistão com os EUA e o Turcomenistão com o Paquistão e a Índia, justificam a persistência da integração econômica e da busca por saídas alternativas de desenvolvimento, que categorizam-se pela redução de dependências primárias, investimentos no desenvolvimento e distribuição dos recursos energéticos e fortalecimento do relacionamento direto com a China, os EUA e a Rússia.

Pela análise desta cooperação, evidenciamos o comportamento da Ásia Central no sistema multipolar internacional ao validarmos a nossa primeira hipótese, dividindo a cooperação entre influenciados e influenciadores e operacionalizando o neoliberalismo como fator redutivo das fragilidades e facilitador da reversão dos indicadores de baixo desenvolvimento. Os EUA e a China participam da equação como atores, majoritariamente, neoliberais, igualmente interessados em realizar suas propostas nacionais bem como defender seus interesses econômicos e securitários em prol de um desenvolvimento comum.

A defensiva econômica é sustentada pelo estabelecimento de acordos, tratados e pela nomeação de organizações internacionais que normatizam a

continuação dos regimes estatais atuais e planificam suas metas futuras. Constitui-se também como imprescindível a participação russa, indiana, azerbaijana, turca e iraniana como parceiros estratégicos diretos. Como justificado pela teoria neoliberal, a priorização pelo viés econômico na Ásia Central busca estreitar os relacionamentos com o ocidente e com o oriente simultaneamente, constituir uma ponte energética viável entre o território centro-asiático, russo e europeu e concentrar a interação econômica no desenvolvimento de seus estados.

Vimos, assim, como as teorias neoliberais justificam a cooperação e continuidade da participação de regimes e atores internacionais na Ásia Central e como a multipolaridade é perspectivada no sistema internacional. O próximo capítulo será construído para analisar empiricamente o Cazaquistão, Turcomenistão, Tajiquistão, Quirguistão e Uzbequistão exclusivamente, como os índices de fragilidade reproduzidos pela OCDE e FFP são avaliados e como os indicadores utilizados possuem incongruências em avaliar de forma coesa o desenvolvimento de cada país. Desta forma, compararemos o atual desenvolvimento da Ásia Central enquanto complexo regional, com os índices de fragilidade estatal e avaliaremos o papel crítico dos estados de porcelana no contexto atual.

Capítulo 2. Indicadores de fragilidade e os países da Ásia Central

Ao avaliar fragilidade estatal da forma definida pela OCDE e pelo FFP, é possível identificar a violência, resiliência, justiça, má governança, fundações econômicas e instituições como os seis principais indicadores, que ramificam-se em subcategorias que ampliam-se nas mais diversas interpretações sócio-político-econômicas do desenvolvimento estatal, como legitimidade estatal, crescimento do PIB, pobreza, respeito aos direitos humanos e aparato securitário (ver anexo 6). Como não há uma clara definição teórica para a construção da fragilidade estatal, há, por intermédio destes indicadores, a possibilidade de quantificar e relativizar o que de fato categoriza fragilidade, sendo estas listas indicativos desta confusão metodológica e empírica de avaliar o desenvolvimento de complexos regionais (Kaplan, 2014). Nesta linha de pensamento, ao focar em sintomas ou manifestações de fragilidade como, por exemplo, o declínio dos índices de governança pela presença do autoritarismo em regimes de transição ou a falta de cooperação ou protecionismo econômico apenas avaliando propostas de integração regional, estes índices desenham um mapa repleto de lacunas no desenvolvimento socioeconômico e sociopolítico dos estados que não categorizam com precisão, ou, com veracidade, a raiz dos problemas e como revertê-los⁴² (Kaplan, 2015b).

Por exemplo, algumas formas de mensurar a governança como avaliar os níveis de democracia ou os índices de crescimento populacional, podem não ser classificados como desestabilizadores políticos, ou sintomáticos de fragilidade, se a economia está em crescimento constante, como por exemplo no Cazaquistão, do qual cresce em média 7% ao ano (Solovyov, 2014). Ao incluir níveis de renda como um indicador, como o Banco Mundial e o FMI fazem, sugere-se que a pobreza desempenha um papel na fragilidade, apesar da falta de evidência empírica para este argumento, do contrário, países que são considerados detentores de classe média⁴³,

⁴² Ou se podem revertê-los, como é o caso dos relatórios entre 2006 e 2014, que avaliam a fragilidade como processos de “densa” incapacidade de reversão mas não informam ou baseiam-se em vertentes empíricas ou teóricas para auferir recomendações políticas, não legitimando seu contributo de forma, esperada e desejada.

⁴³ Considerados pelo Banco Mundial, como uma classe populacional com uma baixa probabilidade de alcançarem níveis de pobreza. Em média, ganha-se entre \$100 e \$50 dólares por dia (Banco Mundial, 2013a).

como o Azerbaijão, Cazaquistão e Turcomenistão não enquadrar-se-iam em altas posições na lista, já que apresentam índices constantes de redução da pobreza, demonstrando que a análise é *one-folded*, ou seja, não quantifica da forma exata o desenvolvimento observando-o por uma visão unilateral (Cooley, 2012).

Tipos de regime também figuram os índices sob o indicador de ‘resiliência’ mas ignora métodos como legitimidade e desempenho político durante períodos de transição, como aconteceu no Quirguistão, que é o considerado o país mais aberto a métodos democráticos e sofreu duas grandes revoluções e cresceu consideravelmente menos que o Cazaquistão, que é uma autocracia e se desenvolveu com mais substancialidade sem transições no regime, o que invalida em certo grau este indicador, já que nem todos os estados da Ásia Central possuem os mesmos regimes ou os mesmos ideais de desenvolvimento intrinsecamente ligados às formas de governança (Jenish, 2013). Apesar de modelos teóricos propostos pela OCDE predizerem que indicadores como resiliência e justiça são correlatos, assim como a má governança e as fundações econômicas também, em teoria geral, há uma multiplicidade de interpretações para avaliar estes indicadores (Kaplan, 2012). Em termos objetivos, não se pode comparar de forma direta qualidade com quantidade, o que geral uma associação negativa entre processos de desenvolvimento sócio-político-econômico da forma que é desejada pela comunidade internacional e processos de reversão de fragilidades, comumente associado e observável no espaço pós-soviético, corroborado com este desenvolvimento (Jenish, 2013). A existência destes indicadores, é, sob toda forma, uma tentativa de quantificar este crescimento mas afeta negativamente esta estatística, quando não avalia propriamente suas dimensões (Kaplan, 2012).

A não-normatividade da avaliação destes indicadores, prova que estes são apenas sintomáticos e possuem pequeno poder de predição de problemas mais graves. Alguns países demonstram sintomas de fragilidade, apenas revelando suas deficiências quando crises tomam forma, como o Quirguistão em 2005 e 2010 e Uzbequistão em 2010, respectivamente. Outros, como o Cazaquistão mostram sintomas mas são resilientes na manutenção do seu desenvolvimento, esquivando

momentos de colapso⁴⁴. No relatório do FFP de 2008, o Quirguistão figurava na lista de alto alerta internacional, na 39º posição (FFP, 2008). Em 2010, no mesmo relatório, figurava a 45º posição, mesmo ao enfrentar a deposição do seu então presidente Kurmanbek Bakiyev, mais uma vez demonstrando que um indicador não é parâmetro para outro, não havendo assim uma avaliação coesa e apropriada para dimensionar a fragilidade (FFP, 2010).

Como forma de desconstruir⁴⁵ o predicamento de fragilidade, é correto afirmar, por exemplo, que a piora nos índices de governança do Quirguistão não possui nenhuma relação com os indicadores de desenvolvimento econômico e envolvimento com instituições liberais, já que, naquele momento, o Quirguistão cooperava diretamente com os EUA, Tajiquistão, Rússia e China na exportação de mão-de-obra, produtos domésticos e recursos naturais e apresentava um crescimento econômico de 8,4%, entretanto, figurou em uma alta posição no ranking por conta do seu indicador de governabilidade, sem ao menos levar em consideração a quantificação dos cinco indicadores restantes (Jenish *apud* FMI, 2013).

Ao avaliar estes indicadores, nos próximos subcapítulos, será compreendido como a fragilidade, pela compreensão crítica dos estados de porcelana com enfoque nos cinco países da Ásia Central, é desconstruída já que a verticalidade e horizontalidade propostas focam em indicadores tanto sociopolíticos e socioeconômicos em âmbitos de cooperação mas também abordam dinâmicas sociais e institucionais. Além disto, em uma listagem de 178 países, a determinação de fragilidade é crescente, sendo a 1º posição a mais frágil e 178º a menos frágil. Por fim, este capítulo servirá como um levantamento do desenvolvimento dos países

⁴⁴ O Cazaquistão mantém-se abaixo da linha de alerta internacional, médio ou grave, desde o ranking lançado em 2006, onde seu crescimento e relacionamento mais aproximado com a Rússia, gerou benefícios ao seu desenvolvimento econômico e político. Nesta observação, se faz pertinente acompanhar que a crise russa após a crise internacional de 2008, ainda gera preocupações na manutenção da estabilidade destas relações, e que, ao compreender a vitalidade da participação russa no mercado centro-asiático, deve-se racionalizar que a estabilidade não é, sob nenhuma forma, garantida a longo prazo.

⁴⁵ A desconstrução é relativa, pois pode ser encarada como uma normativa nula ou apenas uma incapacidade da fragilidade estatal ser aplicada neste contexto, sem desmerecer sua efetividade aonde realmente haja uma desestruturação total do aparelhamento estatal, da coesão social e da inoperância internacional em intervir, como é o caso atual da Síria, Sudão do Sul, Chad e Somália (FFP, 2012).

centro-asiáticos e como eles se comportam ao meio da operacionalização de fragilidade, utilizando os indicadores como parâmetros mas compreendendo que as lacunas nele observadas são divergidas pela horizontalidade e verticalidade postulada por Kaplan e pelos preceitos dos estados de porcelana.

2.1. Cazaquistão

Desde a ruptura da União Soviética, o Cazaquistão adotou uma estratégia de desenvolvimento focada fortemente em cooperação, incentivos a propostas de integração e interações diretas com organizações internacionais⁴⁶ ao longo da Eurásia e fora dela. Esta política “multivetorial”⁴⁷ reforçada após a crise de 2008 pelo presidente Nazarbayev, foi estrategicamente desenhada para ampliar a soberania e os acordos comerciais com mercados estrangeiros (Nazarbayev, 2013). Apesar de manter relações próximas com a Rússia, EUA⁴⁸, União Europeia, e OTAN, a China⁴⁹ é atualmente o maior parceiro econômico e uma fonte de grande magnitude no que tange investimento estrangeiro direto, o que é percebido como uma forma de balancear relações cazaque-russas⁵⁰ e dar potencialidade às políticas multivetoriais.

Para seus vizinhos, a relação necessita manter-se sinérgica, já que o Cazaquistão é um corredor para o Turcomenistão e Uzbequistão em alcançar o mercado chinês, e ambos Tajiquistão e Quirguistão visionam o país como um

⁴⁶ As organizações internacionais possuem um importante papel na política “multivetorial” do Cazaquistão. O Cazaquistão faz parte da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), Conferência de Interação e Medidas de Confiança na Ásia (CICA), EEU, OTSC, OCX, Organização para a Cooperação Islâmica (OCI), entre outras. Além disto, o Cazaquistão pretende continuar fomentando boas relações com organizações independentes e demais economias globais, e, principalmente, em trazer instituições e normativas da ONU para seus métodos de governança.

⁴⁷ Esta política multivetorial tem a qualidade neoliberal de relações de ganhos comuns. É nesta premissa que o Cazaquistão pretende manter-se, justamente para não ter que atrelar-se a apenas um aliado político. Situações de fragilidade como aconteceu na Ucrânia, dividem os estados e os fazem escolher lados e limitar sua teia de relacionamento político-econômico. O Cazaquistão é um exemplo da aplicabilidade dos mecanismos de relações econômicas e políticas que o neoliberalismo preconiza.

⁴⁸ Este relacionamento com a Europa e EUA se dá, já que muitas companhias europeias e norte-americanas são investidoras na captação, produção e distribuição da indústria petrolífera e de gás no Cazaquistão.

⁴⁹ O interesse chinês é concentrado também na produção e distribuição de energia, do qual visionam construir a *Silk Road Economic Belt*, como uma forma de transportar não somente gás e hidrocarbonetos mas também matéria-prima para o oeste chinês.

⁵⁰ Apesar da China ser o maior parceiro econômico do Cazaquistão, aos olhos da política securitária e multifacetada que o Cazaquistão enfrenta perante a comunidade internacional, a Rússia ainda é o seu parceiro mais importante.

investidor em mercado de matérias-primas e recursos hídricos, bem como rota principal de trabalho por meio migratório. No que tange os processos de cooperação regional e projetos de integração como veículos para a desconstrução da fragilidade, é importante reiterar que o Cazaquistão é pioneiro desde 1994 em criar uma União Eurasiática, entretanto, projetos de integração desta magnitude enfrentam entraves domésticos e regionais como a cessão de soberania dos estados centro-asiáticos e o debate sobre a distribuição igualitária de recursos energéticos que geram animosidades mesmo antes da quebra da União Soviética (Brzezinski, 1997).

No que tange à fragilidade e os indicadores de fundações econômicas, instituições, governança e resiliência, como este enfoque na política econômica facilitou o crescimento do Cazaquistão? Figurando entre os níveis de alerta médio e baixo alerta, o Cazaquistão saltou da 68ª posição em 2005 para a 110ª em 2015, o que significa uma melhoria marginal nos índices de violência, resiliência, acesso e respeito à justiça, módulos de governança e desenvolvimento econômico em 36% na última década, resultando no decréscimo de 32 posições (FFP, 2006; 2015). Sobre o desenvolvimento econômico, o sucesso destas relações se dá pelo fato que o Cazaquistão é muito mais estável em níveis de controle de inflação e distribuição de renda se comparado com seus vizinhos, já que o país encontra-se em uma média de 10% de crescimento econômico por uma década, já que mantém relações diretas⁵¹ com a Turquia, UE e o Sul da Ásia (ver anexo 7) e concentra 78% das suas relações comerciais com a Rússia e China (Kuchins, 2015).

No que tange a coesão social, desde 1990, não houve nenhuma divisão, mobilização ou conflito étnico provindo de grupos radicais ou desentendimentos sociais⁵², como aconteceu no Quirguistão, por exemplo. Este fato é comensurável, pois, devido a multiplicidade de grupos étnicos entre cazaques, russos, quirguizes e chineses, além de persas e turcos, o Cazaquistão manteve, diplomaticamente, a ordem de suas fronteiras. Aos módulos de governança, desde sua liderança ainda

⁵¹ Majoritariamente trocas comerciais de matéria-prima de origem animal, hidrocarbonetos, tecnologia renovável e abertura dos mercados para migração laboral e cooperação tecnológica. Muitos destes commodities são facilitados pela OCX e EEU.

⁵² As mobilizações ocorridas em Zhanaozen e Aktau em 2011, foram desconfortos locais e não causaram impacto internacional de forma abrangente.

mesmo antes da quebra da União Soviética, Nazarbayev é admirado⁵³ por advogar propostas de integração e interpretá-las como um conceito de desenvolvimento e isso é refletido na condução da sua governança nos últimos 25 anos. No que tange à violência e resiliência, através da OTSC, o Cazaquistão é o segundo maior contribuidor para medidas securitárias e fortalecimento de fronteiras na Ásia Central (Kuchins, 2015). Com o crescimento da OTSC no intuito de moldar a estabilidade doméstica dos seus membros, em 2010 foi tomada uma medida de “princípio de intervenção em estados-membros” que permitia a criação de barreiras securitárias contra efeitos de alastramento e radicalismos provindos da Primavera Árabe. No curso de uma década, ao integrar políticas de desenvolvimento econômico, reconhecendo princípios neoliberais, o Cazaquistão ao se manter estável em seus índices de desenvolvimento e mantendo suas relações com a Rússia e China além das políticas *photo-op*, a fragilidade torna-se ainda mais um princípio desconstruído, se considerarmos cruamente os índices propostos.

Entretanto, é importante questionar: a melhoria nos índices de fragilidade e, conseqüentemente, o avanço no desempenho do desenvolvimento econômico isenta o Cazaquistão de possuir caráter de estado frágil? Mais importante, qual estratégia foi utilizada para que ele fosse categorizado como estado de porcelana? Destaca-se que ao integrar métodos de cooperação e tornar sua política externa multipolar, o Cazaquistão utilizou ferramentas que não são propriamente avaliadas pela OCDE e pelo FFP, como a manutenção da coesão social, conseqüentemente, dentro da análise dos estados de porcelana, ao incluir táticas neoliberais de incentivo ao desenvolvimento por vieses horizontais e verticais, a assertiva de estado de porcelana pode ser construída. Um dos exemplos dessa assertiva veio do presidente Nazarbayev ao lançar o plano *Kazakhstan 2050*, anunciando que as principais diretrizes para o país seriam: a) criação de uma economia modernizada, inovadora e principalmente aberta e moderada, que incorporariam políticas pragmáticas de suporte a negócios locais, promoção de captação e investimento em capital

⁵³ Na Ásia Central, por possuir democracias revestidas de autoritarismo, há a tendência do culto ao líder, da admiração, respeito e aliança indissociáveis à imagem do seu líder. Mesmo antes da ruptura da União Soviética, Nazarbayev já era visionado como um revolucionário e libertador dos ideais centro-asiáticos e cazaques.

estrangeiro e valorização da moeda, investimento em acordos tecnológicos e expansão da coesão social no bem-estar da sociedade; b) liberalização de negócios e empresas domésticas bem como a privatização de companhias estatais para o crescimento da renda per capita em até U\$ 60,000 até 2050; c) tornar-se uma das 30 economias mais competitivas do mundo; d) integração do Cazaquistão em cooperação com a China e o Oriente Médio em programas de trocas comerciais e infraestrutura, e por fim; e) modernização de áreas competitivas, incluindo a extração e produção de hidrocarbonetos para tornarem-se líderes na exportação (ver anexo 8) de metais e energia (Nazarbayev, 2012).

Ao avaliarmos estes pontos, podemos chegar a duas conclusões: a) a estabilidade do Cazaquistão depende, majoritariamente nas relações econômicas que estabelece com seus vizinhos. Estas relações, mesmo em face aos torpores da crise internacional que instala-se na Rússia e EUA, ainda mantém-se relativamente estáveis, pois são vinculadas à distribuição de energia e recursos energéticos que são operados pela lei de oferta e demanda; b) a fragilidade estatal pode ser, em termos, desconstruída, pois falha em avaliar a capacidade de coesão social instaurada pelo governo de Nazarbayev e acessar com precisão a escalada da evolução dos índices de resiliência e governabilidade e integração econômica⁵⁴.

Com medidas de integração como a EEU e OCX, de proteção à justiça pelo estabelecimento da OTSC, pelos índices decrescentes de pobreza entre 1995-2015 e consequente surgimento de uma classe média, e planos como o *Kazakhstan 2050*, há um crescimento na resiliência da população e dos mecanismos da sociedade civil (Kuchins, 2015). Além disto, com o fortalecimento e o respeito da multietnicidade e amplitude cultural ao abrigar milhares de imigrantes do sul da Ásia Central e da Rússia, o Cazaquistão reforça políticas de proteção à sua competência e soberania estatal. Como epicentro do crescimento da estabilidade centro-asiática, o Cazaquistão

⁵⁴ É importante ressaltar que a OCDE e o FFP são organizações com visões, ainda, demasiadamente ocidentais de governança. As presenças de índices de operacionalização de governabilidade são orquestradas por instrumentos majoritariamente democráticos e com normativas e diretivas fundamentadas nas experiências americanas e europeias de relacionamento internacional. Logo, é falho avaliar que há um decréscimo na capacidade de governança de um sistema autoritário, com premissas democráticas, pois a incongruência nesta análise é claramente *biased* na convencionalidade de um sistema político dominante.

coloca-se na liderança do desenvolvimento e, apesar de ainda enfrentar fragilidades, não é possível enquadrá-lo como um interlocutor frágil (Kuchins, 2015). Neste sentido, avaliaremos o segundo estado da Ásia Central, o Turcomenistão, perpassando os índices de fragilidade no mesmo enquadramento.

2.2. Turcomenistão

O Turcomenistão adotou, após a dissolução da União Soviética, uma política desenvolvimentista externa e interna de neutralidade positiva⁵⁵. Esse estado de neutralidade, certificado pela ONU em dezembro de 1994, foi visionado como uma forma de garantir que o seu desenvolvimento econômico e securitário estivesse protegido contra as rápidas mudanças no cenário regional pós guerra-fria (ONU, 1995). O Presidente Gunbanguly Berdimuhamedov reafirma que esta tática possui um viés neoliberal, já que foca na garantia da paz, respeito à soberania e a integridade territorial da Ásia Central enquanto complexo regional, a não interferência em assuntos domésticos e a não participação em organizações ou tratados de caráter militar, focando-se apenas em interesses puramente econômicos entre seus principais parceiros (Berdimuhamedov, 2014). Um contraponto a esta política, se encontra no fato que o Turcomenistão não faz parte de nenhum bloco geopolítico ou regional o que torna a integração econômica, em termos, dificultosa, logo, o neoliberalismo e seus mecanismos, parcialmente prejudicados.

No que tange o seu desenvolvimento, por ser um estado relativamente pouco populoso e que cruza fronteiras com o Uzbequistão, o Cazaquistão, o Afeganistão e o Irã, além de ser cercado pelo Mar Cáspio, o Turcomenistão preconizou sua política externa em um viés exclusivamente energético⁵⁶, já que a sua capacidade estratégica

⁵⁵ Enquanto neutralidade carrega consigo a conotação implícita de isolamento e “falta de compromisso” com outras propostas de integração e com seus vizinhos, Ashgabat possui uma visão de que esta premissa existe para torná-los mais seletivos no comprometimento a assuntos regionais. Berdimuhamedov adotou políticas de diplomacia preventiva, juntamente com a ONU, mas o seu isolamento no que diz respeito a grandes hegemonias como os EUA e a UE, representa um senso de vulnerabilidade e falta de confiança, que prejudica, em certos termos, os laços comerciais que o Turcomenistão pretende criar, manter e expandir (Backes, 2015).

⁵⁶ Mesmo que a idealização da expansão deste comércio sejam propostas que possuem um considerável esforço político do Turcomenistão, o fator securitário dentro da esfera econômica é indissociável. Preocupações com islamismo extremista, terrorismo, tráfico de drogas, insegurança no Afeganistão e disputas sobre água e demarcação de fronteiras ainda são problemas que afetam o

de abertura para outros mercados mostra-se geograficamente limitada e suas preocupações securitárias, constantes. Possuindo a sexta maior reserva energética de gás natural do planeta, o Turcomenistão focou suas relações em parceiros eurasiáticos e na Rússia e China, e por possuir uma população pequena⁵⁷ tornou-se fácil exportar em grande quantidade, e conseqüentemente, atrair investidores externos (CIA, 2014).

Nesta linha de pensamento, a respeito das suas fundações econômicas, houve uma considerável expansão no comércio internacional com a China, a Rússia e com a Europa⁵⁸ entre 2005 e 2013, o que gerou ao país uma receita de aproximadamente \$21,6 bilhões e um crescimento estatal de 13,92%. Se compararmos estatisticamente com cada país, o crescimento com os parceiros econômicos mais importantes foi entre 2005 e 2013 (ver anexo 9) em a) 72,8% com a China; b) 29,63% com a Turquia; c) 23,39% com a Rússia; d) 16,21% com os demais países da Ásia Central; e) 11,29% com o Sul da Ásia; f) 8,35% com o Irã, e; g) 6,81% com a Europa (Backes, 2015). Por mais que o envolvimento com os outros países da Ásia Central, não represente a maior fatia quantitativa do seu crescimento, o Turcomenistão vem, na última década, mantendo suas relações em crescentes 10% com o Uzbequistão, Cazaquistão e Tadjiquistão (Backes, 2015).

Considerado por Mankoff, como um fator positivo, isto representa para os índices de instituições e fundações econômicas, uma redução e uma quebra na incredulidade da capacidade da efetividade do governo de Berdimuhamedov em estabelecer relações econômicas progressivas ao curso do seu desenvolvimento (Mankoff, 2015). Ao promover o crescimento do PIB em 9% entre 2008 e 2013 e reduzir a desigualdade social, o Turcomenistão produziu um salto na construção da

desenvolvimento do país. Como a sua participação em organizações é limitada, o Turcomenistão participa de forma observadora e apenas usa suas preocupações através de diretivas, que são avaliadas em fóruns regionais multilaterais, como os propostos pela ONU e OCX (Backes, 2015).

⁵⁷ Aproximadamente 5,373,487 habitantes, majoritariamente concentrados entre as fronteiras com o Irã e com o Uzbequistão, sendo o restante de seu território, de difícil acesso e capacidade de habitação, devido às diversas montanhas, colinas e desertos (ONU, 2014).

⁵⁸ Através da *Trans-Caspian pipeline* e da *Central Asia-Center*, gás natural turcomeno é transportado até a Rússia, que revende-o para o mercado europeu. Como forma alternativa, o gás turcomeno também poderá ser redirecionado através da *Trans-Anatolian pipeline* que deverá ser finalizada até 2018. Pipelines como a Nabuco e a BTC visionam a expansão para gás turcomeno ir até a Europa, como forma de reduzir as dependências do mercado russo (Holodny, 2015).

responsabilidade social e a educação (Banco Mundial, 2014b). Esta estabilidade econômica é um dos indicadores responsáveis pela desconstrução da fragilidade estatal no Turcomenistão, pois é a antítese de três⁵⁹, dos seis indicadores promovidos pela OCDE e pelo FFP, além de apresentar que o *underdevelopment* é visto como uma ameaça à sua soberania, preconizando sempre a estabilidade econômica a modo de reconstruir mecanismos de governança contemporânea.

Com efeito, no que diz respeito à vinculação desta estratégia político-econômica de governança e resiliência e monitorarem a vulnerabilidade da soberania, mesmo não engajando-se diretamente às propostas de integração centro-asiáticas ou a organizações como a EurAsEC e OCX, o Turcomenistão utiliza em grande potencial sua função de estado positivo-neutro juntamente com a ONU (Stulberg, 2007). Esta parceria é sistematizada pela forma em que os turcomenos admiram o caráter neutro e o poder de convencionalidade da ONU em promover o diálogo sem equalizar uma específica região ou priorizar parcerias hegemônicas mas utilizar ferramentas de desenvolvimento, especialmente através da diplomacia, para fortalecer o seu relacionamento com seus vizinhos e diminuir os desafios emergentes⁶⁰. Este fator é um dos motivos pelos quais os índices de governança do Turcomenistão decresceram de 7.1 pontos para 5.7 pontos (FFP, 2015).

Ao avaliarmos as características dos indicadores de fragilidade no Turcomenistão, podemos concluir, em duas vertentes: a) a neutralidade positiva que guia o Turcomenistão já em todo seu processo de independência possui uma característica positiva e negativa. Positiva, pois o protege de intercorrências domésticas e o aproxima de organismos como a ONU, que, ao princípio da não intervenção, otimiza a aplicabilidade de normativas de direito internacional, das quais o Turcomenistão ainda necessita perfeccionar. Negativa, pois ao compreender a Ásia Central em um prisma multipolar, a mudança geopolítica e geoeconômica deste cenário, requer a adaptação de uma doutrina neutra para participativa, onde deve acompanhar as mais intensas e variadas formas de cooperação que grandes

⁵⁹ Fundações econômicas, resiliência e governança.

⁶⁰ Para isso, foi construído o *UN Regional Centre for Preventive Diplomacy for Central Asia* (UNRCCA), localizado em Ashgabat, do qual supervisiona discussões multilaterais sobre terrorismo, corrupção e ameaças internas e externas aos países da Ásia Central.

hegemonias como a China e Rússia demandam, e devido ao potencial exponente do Turcomenistão, há oportunidades de crescimento que são, relativamente, desperdiçadas perante uma ótica protecionista de como suas relações socioeconômicas, culturais e políticas são administradas (Abdurasulov, 2014); b) a reflexão na fragilidade estatal é compartimentada na vulnerabilidade deste crescimento, que pois mais que tenha sido nas últimas duas décadas, estável, este ainda se torna amplamente passivo de retrocesso caso não haja maior integração com mercados centro-asiáticos.

Consequentemente, integração a fim de reduzir lacunas securitárias e energéticas que os cinco impõem-se, já que primordialmente, os mecanismos de cooperação energética, logo, securitária e econômica aplicadas pelo Turcomenistão, visam o ganho conjunto em relações de ganho mútuo, conforme o neoliberalismo postula (Backes, 2015).

2.3. Quirguistão

Diferentemente do Turcomenistão, o Quirguistão, apesar de ser a menor economia da Ásia Central⁶¹, adota políticas de abertura econômica, visionando a preservação de uma política sustentável a fim de elevar seu desenvolvimento econômico para dissociar suas instabilidades internas e externas (Nichol, 2013). Apresentando uma volatilidade constante nos índices de segurança, justiça e violência, infelizmente o Quirguistão tem dimensionado estes índices com dificuldade (Mankoff, 2015). Por focar sua política externa na estabilidade doméstica, assegurando sua identidade cultural e esquivando dependências excessivas em seus vizinhos centro-asiáticos, esta estratégia trouxe o Quirguistão mais próximo da Rússia e China, já que é dependente em hidrocarbonetos e matéria-prima, ambos providos pelos dois parceiros econômicos (The Economist, 2014).

Podemos avaliar que o processo de fragilidade observada no Quirguistão, mesmo que volátil, pode ser qualificada em três períodos: a) Na derrocada da União Soviética, o seu contexto passou de dependente para independente, sujeitando-se a

⁶¹ Com um per capita aproximado em \$1,070 e um poderio econômico somado em \$13,872 bilhões, o Quirguistão figura como o país economicamente mais fragilizado da Ásia Central (Paust, 2014).

uma política de reconstrução pós-conflito, onde a prioridade focava-se na captação de assistência internacional para o desenvolvimento econômico, a diminuição da inflação e a legitimação da sua soberania (Paust, 2014); b) Por experimentar duas grandes revoluções⁶², suas estratégias de estabilização foram fragmentadas em altos índices de corrupção, queda em exportações e importações da China, Rússia e Cazaquistão e aumento nas tensões sobre a administração dos recursos hídricos com o Tajiquistão e fragilizando seus índices de coesão social, resultando em uma queda da 65ª posição em 2005⁶³ para 31ª em 2011 (FFP, 2011). Assim, houve a necessidade da deposição de dois presidentes em menos de uma década, e a instauração de um reconhecimento não somente democrático de governança mas do fortalecimento da coesão social, focada na frente étnica com o Uzbequistão, já que o Quirguistão encontrava-se submerso em altos níveis de corrupção, violência e divisões socioculturais entre elites, etnias e a sociedade civil (Malashenko, 2012); c) pós-2010, o experimento democrático incipiente do Quirguistão traz preocupações securitárias mas representa uma reviravolta positiva no que tange o começo de transformações políticas e econômicas, já que a reforma econômica proposta pelo Presidente Almazbek Atambayev, é voltada a produzir a liberalização do seu mercado, abrindo-se para economias como o Cazaquistão, a Rússia, China, Irã e, em certos termos, o Afeganistão (Mankoff, 2015).

Permite-se então indagar: como o Quirguistão, após colidir com duas guerras civis, falhar em quatro dos seis indicadores, representar um retrocesso nos índices horizontais de coesão social e identidade, não serem refletidos como estados frágeis? A resposta encontra-se na multipolarização do seu método de governança, pois focou não somente em fatores de desenvolvimento endógeno⁶⁴ mas como fatores de desenvolvimento exógenos⁶⁵. A abertura comercial, conforme supracitada, é um produto desta conexão com mercados externos a favor da proteção do seu

⁶² Revolução das Tulipas em 2005, que depôs o presidente Askar Akayev, e a guerra civil em 2010 que depôs o presidente Kurmanbek Bakiyev, em conflitos na região do Vale de Fergana.

⁶³ De acordo com o FFP, o Quirguistão em 2005 figurava em estabilidade em posições maiores que o Brasil, Angola, Rússia, Peru, Paraguai, Tajiquistão e Azerbaijão, entre outros, o que prova que antes mesmo da Revolução das Tulipas, o desenvolvimento econômico e securitário do Quirguistão ia no caminho planejado (FFP, 2015).

⁶⁴ Resolução das guerras e proposição de um novo governo com alianças democráticas (Saksena, 2012).

desenvolvimento doméstico. Objetivamente, a expansão das trocas comerciais com a China, Rússia e Cazaquistão, deram um salto de 27% entre 2005 e 2013, representando um total de 82% do comércio⁶⁶ quirguiz em matéria-prima e recursos hídricos e minerais (FMI, 2014). Como o Quirguistão é majoritariamente sustentável em recursos naturais⁶⁷, a exportação e a criação de *pipelines* que transportam estes recursos, assim como na maioria da Ásia Central, tornou-se uma prioridade, além da industrialização de metais pesados e criação de grandes hidrelétricas para exportação de energia (Mankoff, 2015).

Mesmo não sendo um grande produtor de energia, a posição geográfica do Quirguistão também corrobora para o transporte dessa energia como um “estado de trânsito”, ou por assim dizer, por ser parte da rota de seda (ver anexo 10). Situando-se entre duas grandes rotas de gás natural, a primeira corta o país de norte a sul e está sendo construída pela Gazprom e possui a finalidade de diminuir a dependência quirguiz de hidrocarbonetos em 80%. A segunda, chamada de *Line D*, é interligada a Central Asia-China pipeline e está sendo construída pelo China National Petroleum Corporation e cortará o Turcomenistão, Uzbequistão e Quirguistão, levando recursos naturais até a China e beneficiando os estados por efeito de alastramento (Banco Mundial, 2014c). Isto reflete na questão securitária-econômica do Quirguistão e é um dos motivos principais do crescimento destes indicadores pós-guerra civil, pois ao interligar o Quirguistão com mercados externos, proporciona um crescimento que não era dimensionado antes da participação do Quirguistão em propostas de integração e cooperação econômica com grandes mercados.

Outro exemplo claro da tentativa de expansão econômica para dissolver as fragilidades no seu percurso histórico, é a participação multilateralizada em

⁶⁵ Referente à abertura comercial, explicitada ao longo do parágrafo.

⁶⁶ Este comércio gera aproximadamente uma renda de \$8 bilhões para a contribuição do PIB e também é unificado pela União Aduaneira Eurasiática, da qual Belarus, Cazaquistão e Rússia participam, representando 95% das trocas comerciais (Yalovkina, 2015).

⁶⁷ Com 16 hidroelétricas, todas provindas ainda do período soviético, o Quirguistão possui praticamente o maior controle da distribuição hídrica da Ásia Central. Com planos de expandir sua exportação, projetos novos para o Rio Naryn, conhecido como o *Upper Naryn Cascade*, significa um investimento de aproximadamente \$3.2 bilhões para o Quirguistão, em uma série de novas hidrelétricas até 2022. Também, o projeto supracitado, CASA-1000, visiona a redistribuição desses recursos através da criação de novas tecnologias com o Tajiquistão através do Banco Mundial e do BAD (Banco Mundial, 2014c).

organizações e organismos de cooperação. Como argumentado anteriormente, a proposição dos estados frágeis visiona esta cooperação de forma vertical, preconizando somente os ganhos e a aplicabilidade deste para resolução da fragilidade do aparelhamento estatal (Kaplan, 2012). Ao percebermos o Quirguistão como um estado de porcelana, podemos observar que estas participações possuem um cunho de identificação e validação identitária significativa, pois também visionam estabilizar a coesão social. Como membro da Organização Mundial do Comércio (OMC), o Quirguistão permaneceu como um grande beneficiado do comércio estrangeiro, além de em 21 de maio de 2015, assinar o tratado constituinte e entrar oficialmente para a EEU⁶⁸ e integrar a união aduaneira por ela proporcionada (Yalovkina, 2015), o que significam em proporções securitárias e econômicas, logo, sociais, uma aproximação mais do que necessária com a Rússia e com mercados eurasiáticos.

Em uma visão neoliberal, o Quirguistão ainda possui desafios em ambos níveis domésticos e regionais. Conclui-se que, ao analisarmos que suas propostas comerciais não visionam somente o desenvolvimento econômico mas também securitários e sociais, acredita-se que os processos de radicalização e tensões etnonacionalistas sofram um considerável decréscimo na próxima década (Kuchins, 2015). A diversidade política que Bishkek oferece em uma democracia parlamentar também é um impulso para as metodologias de cooperação em desfragmentar o protecionismo que crises internas podem proporcionar (Mankoff, 2015). Neste sentido, ao analisarmos índices de governança, resiliência e desenvolvimento econômico, o Quirguistão não somente saltou da 28ª posição em 2008 para 62ª em 2015 mas protegeu-se pelo mesmo neoliberalismo, que outrora o tabelou como “economicamente instável” (FFP, 2015).

⁶⁸ Sendo membros: Rússia, Cazaquistão, Quirguistão, Belarus e Armênia.

2.4. Tajiquistão

Ainda em recuperação das devastadoras guerras civis de 1992 a 1997⁶⁹, o Tajiquistão decidiu priorizar sua política externa e doméstica na manutenção da securitização e da estabilidade interna (Ayoob, 2015). Ao analisarmos diretamente os indicadores de fragilidade estatal, observamos um crescimento moderado na última década, onde houve um salto da 39ª posição em 2007 para 57ª em 2015 (FFP, 2007;2015). Isto se dá por dois fatores específicos: a) aplicabilidade, em consonância com o Cazaquistão, de uma política multivetorial focada em relações positivas e pacíficas de cooperação econômica na tentativa da promoção da estabilidade – principalmente com a Rússia, China e Cazaquistão e da não dependência de uma única fonte (Tutubalina, 2007); b) expansão do investimento na tecnologia no setor hidroelétrico, criando áreas de ‘vantagens competitivas’, onde a exportação dos recursos em que mais é autossuficiente, em troca da injeção de investimentos provindos da China, Sul da Ásia e dos seus países vizinhos, já que a emergência desta vantagem competitiva é observada por sua característica geográfica isolada (Ismayilov, 2015).

Observa-se também, vulnerabilidades como a presença do islamismo radical e da exportação da fragilidade securitária do Afeganistão, como o tráfico de drogas e a migração ilegal (Backes, 2015). Acima destas características, está a indissociável dependência do Uzbequistão, do qual mantém relações bilaterais no que tange a troca de gás natural e infraestrutura e animosidades em demarcações de fronteira e divisão de recursos hídricos, já que o Tajiquistão e Quirguistão são banhados pelos rios Amu Darya e Syr Darya e 93% das reservas são administradas pelos dois países (Backes, 2015). Como 98,8% da capacidade elétrica do Tajiquistão é administrada pelos seus recursos hídricos e, há, relativa dependência na exportação desta energia, o entrave político é resguardado na premissa de que a securitização destas reservas é uma prioridade primária (*International Crisis Group*, 2014).

⁶⁹ Uma guerra que custou, de acordo com o *Tajikistan's National Development Strategy*, aproximadamente \$7 bilhões, o que é um enquadramento devastador, já que o seu PIB em 2013 acumulou a casa dos \$8.5 bilhões (Backes, 2015).

Em termos de trocas comerciais, o que isto significa para a evolução dos índices de fragilidade do Tajiquistão e mais importante, significa a inobservância de fragilidade? De que forma é observada a horizontalidade e verticalidade no seu desenvolvimento? Ao percebermos que o Tajiquistão é um país geograficamente isolado, parte-se do pressuposto que a cooperação regional é a alternativa mais plausível para a divergência de suas fragilidades. Mesmo observando um salto e um considerado equilíbrio no seu desenvolvimento estatal, o Tajiquistão ainda é prematuro para considerar-se politicamente e economicamente independente. Neste pressuposto, utiliza a política multivetorial como forma de dividir os ‘custos’ da sua dependência, ou seja, quando fortalece laços econômicos com a China, visiona proteção de suas reservas naturais, principalmente na região de Boktar, Uyghur e na chinesa Xinjiang, através da participação da OCX (Rahmon, 2013).

Além disto, ao utilizar os EUA como principal parceiro investidor, o Tajiquistão conseguiu divergir dependências significativas em assistência humanitária, redução da pobreza, educação e redução da desigualdade social⁷⁰ (ver anexo 11). Entre 1992 e 2010, mais de \$1 bilhão foi investido, com o intuito da promoção de um maior diálogo sobre princípios democráticos e respeito aos direitos humanos, conjecturando uma característica transnacional das políticas do Tajiquistão (*U.S. Department of State*, 2014). Há aqui uma clara visão de relações de ganhos mútuos, já que os EUA utilizam seus investimentos como forma de influência ocidental direta e o Tajiquistão capta recursos financeiros como forma de desenvolvimento econômico (Mankoff, 2015).

Conclui-se que o processo de divergência dos índices de fragilidade ainda é contínuo, pois o Tajiquistão possui poderio econômico, político e securitário limitado, além de ainda persiste em construir relações amigáveis com seus vizinhos a fim de maximizar suas oportunidades na reconexão de uma Ásia Central unificada. Reconhecendo seus desafios, oportunidades e índices de crescimento são observados, logo, a fragilidade encontrada é relativa, pois engloba aspectos horizontais e verticais. Com competitividade no setor hídrico e mineral, a cooptação de

⁷⁰ Melhorando, conseqüentemente níveis de coesão social, proporcionando uma horizontalidade mais uniforme.

hidrocarbonetos também é esperada até 2020 mas a inobservância de fragilidade, o que não significa denomina-lo de *successful state*, ainda será determinada pela capacidade governamental de corroborar com suas políticas multivetoriais e a permanência da estabilidade que é observada desde 2010 (Backes, 2015).

2.5. Uzbequistão

Com uma população de aproximadamente 30 milhões de habitantes, o Uzbequistão possui o maior mercado capital da Ásia Central e possui metade da população da região (Ismayilov, 2015). Geograficamente, é um pivô estratégico pois realiza fronteiras com todos os países da Ásia Central, além do Afeganistão. Economicamente, o Uzbequistão adotou uma política de nacionalismo econômico, uma estratégia já observada nos tigres asiáticos como Coréia do Sul e Taiwan (Pryke, 2012). Esta política, favoreceu o crescimento econômico de quatro formas: a) entre 2005 e 2013, houve um crescimento de \$14,3 para \$56,8 bilhões (ver anexo 12), mesmo em face da crise mundial de 2008, devido a exportação de energia para o norte do Cazaquistão e importação de energia do Tajiquistão e Quirguistão (Banco Mundial, 2013c); b) autossuficiência e crescimento na exportação de produtos básicos como aveia, arroz, algodão e recursos minerais como prata e ouro (Kourmanova, 2015; c) seletividade da aplicação de recursos estrangeiros, aplicando-os em trocas comerciais com países centro-asiáticos, focando em estabelecer uma taxa de câmbio volátil, proteção ao capital, combate à corrupção e incentivo à políticas de transparência fiscal, decréscimo nos índices de inflação injetando recursos para a criação de uma classe média, são fatores que contribuem com o interesse dos investidores e contribuem com o setor fiscal do Uzbequistão, além de, com parcerias em investimentos em urânio, tecnologia, agricultura, estradas e oleodutos com a China, corrobora-se um desenvolvimento coeso e diversificado, e por fim; d) combate ao terrorismo, agregando políticas de reforço de fronteiras e dinamização de movimentos sociais progressivos, através da construção, a longo prazo, de ideais democráticos⁷¹ (Kuchins, 2015).

⁷¹ Esta premissa é intensamente criticada pela comunidade internacional, pois a efetividade do respeito aos direitos humanos do Uzbequistão é constantemente violada. Há inúmeros relatórios e casos isolados, coordenados pelo Human Rights Watch, que denunciam práticas de autoritarismo, trabalho

Diferentemente da tática neoliberal no sentido da integração regional, o Uzbequistão visiona o seu desenvolvimento em relações bilaterais com seus vizinhos. Por meio disto, indicadores de resiliência, governança e desenvolvimento econômico saltaram em 72% entre 2005 e 2014, por suas próximas relações comerciais com o Cazaquistão e Turcomenistão, além de promover uma maior inserção identitária ao abrir suas fronteiras, resultando em uma maior coesão social (Banco Mundial, 2015). Esta relação direta com seus vizinhos, entretanto, ainda revela instabilidades. Com uma disputa ainda não-resolvida sobre a região do Vale de Fergana, o Uzbequistão e Tajiquistão, compartilham animosidades fronteiriças que revelam tensões no transporte de bens e serviços. Apesar desta fragilidade, entre 2005 e 2013⁷², houve um crescimento de 28,55% entre as relações comerciais dos dois países (Kourmanova, 2015).

No que tange à governança, fundações econômicas, justiça e resiliência do Uzbequistão, torna-se válido questionar: de que forma os indicadores de fragilidade evoluíram e contribuíram com o desenvolvimento do Uzbequistão? É possível enquadrá-lo como estado de porcelana dentro da crítica de fragilidade estatal? Ao analisarmos os índices de evolução dos indicadores, o Uzbequistão saltou da 24ª posição em 2005, sendo o país mais frágil da Ásia Central, para 51ª posição em 2015, já não estando mais qualificado na área de alto alerta da OCDE (FFP, 2005;2015). A duplicação deste ranking se dá por dois motivos principais: a) assim como o Tajiquistão, por ser um país com menor capacidade de sustentação estatal, há a captação maciça de investimentos norte-americanos, resultando em uma soma de \$500 milhões, que são aplicados nos mais variados setores estatais, resultado do *Trade and Investment Framework Agreement (TIFA)*, entre os EUA e o Tajiquistão e Uzbequistão para aumento dos níveis marginais de desenvolvimento (ver anexo 13). Este aspecto não somente aproxima a influência dos EUA no Uzbequistão mas também estabelece relações próximas em termos de securitização com a NATO, o que favorece a melhoria nos índices de resiliência por desenvolver políticas de

escravo e violência policial contra ativistas e opositores das políticas presidenciais, além de não possuírem liberdade de imprensa.

⁷² Em 2005, \$73 milhões foram obtidos, enquanto em 2013 foram \$547 milhões (Banco Mundial, 2013c).

atividade diplomática em territórios de tensões como na cidade de Osh e na região do Vale de Fergana (Nichol, 2013); b) por pragmatizar relações econômicas com o ocidente, o presidente Karimov adotou uma postura mais diplomática em compreender que o protecionismo dos seus padrões de governança não favoreceriam o envolvimento regional que o Uzbequistão necessitava (Tutubalina, 2007). Neste sentido, ao engajar o Uzbequistão em uma política energética-econômica em trocas e comerciais com a China e Rússia, em uma década, como observado nos anexos 12 e 13, foi possível identificar evolução considerável nos índices de desenvolvimento econômico e decréscimo dos índices de fragilidade (Kourmanova, 2015).

Nesta perspectiva, ao avaliarmos a Ásia Central como um complexo regional onde a flexibilização dos índices de fragilidade são desconstruídos de forma em que a cooperação econômica em suas mais variadas formas, sendo ela multipolar ou regional, corrobora para a idealização da crítica dos estados de porcelana em cada estado centro-asiático. Sendo assim, na continuação da desconstrução de fragilidade, ao indicarmos a existência da horizontalidade e verticalidade, resta-nos compreender de que forma a identidade e a presença de fatores como a coesão social são indicadores contribuintes com a definição de estados de porcelana.

Capítulo 3. A Identidade da Ásia Central: A Sobrevivência Pós-Independência e o estabelecimento da horizontalidade

Ao surgirem no final de 1991, os cinco países da Ásia Central não possuíam experiência prévia ao se comportarem como estados nação. Em meados dos anos 2000, seus governantes aprenderam a efetivamente delegar suas responsabilidades a fim de reduzir demandas de reformas políticas por parte das hegemonias dominantes e justificar as mudanças radicais dentro de suas fragilidades domésticas (Atabaki, 2004).

Na procura de tornar a Ásia Central em um espaço mais independente, havia certa euforia para recriar sua imagem identitária. Entretanto, esta identidade não se limita apenas a fatores culturais, étnicos e sociais, já que torna-se fundamental também no discurso político-econômico, definindo a Ásia Central como um complexo arrojado e multifacetado. Respaldo pelo neoliberalismo, sua identidade começou a moldar-se e expandir-se ainda mais com a presença de atores não estatais e alianças a normas e valores democráticos (Olcott, 1999). Com um forte passado embebido pelo colonialismo do império russo⁷³, os regimes da Ásia Central podem ser descritos como patrimoniais, já que:

In such polities, rulers maintain their positions of authority in return for distributing resources to a network of supportive political clients. [...] in Central Asian cases, these informal institutions are based on regional and sub-regional identities and offer operate in parallel to official state structures (Saksena, 2014:17).

Neste capítulo iremos analisar o discurso da identidade da Ásia Central pela ótica de três tópicos fundamentais: a promoção dos regimes autoritários e como seu *status* afeta sua identidade política, a presença do etnonacionalismo e islamismo como fatores exógenos, e a participação de elites dominantes sob a economia e como a cooptação de lucros afeta seu desenvolvimento direto. Analisaremos identidade, sob a ótica de que dada a natureza autoritária dos regimes na região, muitas vezes, as políticas de *statebuilding* estão ligadas aos esforços de concentração de poder e construção de regimes. O caso do Turcomenistão talvez seja o caso mais óbvio pois seu desenvolvimento político foi enquadrado à personalidade do presidente Niyazov

⁷³ Este período durou entre 1865 a 1918, do qual posteriormente foi baseado nos princípios do colonialismo europeu.

e no seu sucessor Berdimuhamedov (Horák, 2015). Assim, ao compreendermos que a identidade é um fator que molda o desenvolvimento político e econômico da Ásia Central, a esta identidade passa a ser imaginada através da presença de elites políticas, seja pela prática ou discurso, e pela presença do etnonacionalismo.

Veremos, ainda, como o conceito de estados de porcelana aplica-se efetivamente mediante a presença desta volátil identidade da Ásia Central, sabendo que a visão de identidade e a construção da sociedade da Ásia Central é uma visão horizontal à crítica da fragilidade, que não é essencialmente qualificada quando parâmetros de fragilidade são analisados. Esta visão horizontal, defendida também nos postulados de Kaplan (2015b), engloba a identidade como fator complementar à coesão social e aos indicadores socioeconômicos, tornando-se assim, fundamental para determinar indicadores de desenvolvimento, um conceito do qual a fragilidade estatal ignora. Em essência, será percebida uma arena onde a presença do neoliberalismo e do envolvimento de atores estatais e não estatais interagem.

No âmbito da cooperação internacional e do combate à inserção da conceituação de estados frágeis, argumentamos a necessidade da caracterização de uma identidade particular que seja dissociada de más heranças soviéticas e não influenciada, em sua totalidade, por hegemonias orientais e ocidentais mas complementada por elas. Analisamos ainda, como essa caracterização eleva a projeção de que a Ásia Central é individualmente relevante no contexto internacional dado o fato do reconhecimento de sua ampla diversidade identitária e como esta, molda continuamente sua política econômica.

3.1. Regimes e autoritarismo de transição

A construção dos regimes da Ásia Central e da sua identidade autoritária remete a um passado não tão distante. Ainda sob a dominação e controle da União Soviética, aparentemente o espaço que hoje representa a Ásia Central já era, em seus próprios termos, detentor de soberania sem divisão de fronteiras e capaz de realizar decisões que fizessem parte dos seus interesses domésticos (Rakowska-Harmstone, 1984). Na realidade, a retórica socialista e comunista imposta pelo Kremlin repassava decisões e impunha suas vontades tanto no âmbito doméstico como na política externa destas regiões dominadas. Estas vontades tornaram-se unânimes e

refletiram em como cada regime se desenvolvia, pois apesar de serem dotados de opinião, a cada tentativa de dissuadirem-se da ideologia comunista, estes territórios, suas populações e governantes eram silenciados, tanto pelo governo central soviético ou por intervenção militar (Stokes, 1991).

O mesmo acontecia no período eleitoral em cada país. Considerados livres pelo Kremlin, os países apenas escolhiam um partido político, o Partido Comunista, que era aprovado por Moscou e evidentemente não havia espaço e abertura política para competição. A estruturação dos regimes era embebida por uma cultura de sociedade internacional sub-global relativizada entre as fronteiras imperiais da União Soviética e naturalmente dominada pelas decisões de Moscou (Pourchot, 2014). Após o fim da Guerra Fria e o reaparecimento da possibilidade da construção de ideais democráticos em meio ao autoritarismo, que surgiram como remanescentes da independência, ganhou novas alturas. As decisões de Moscou já não surtiam o mesmo efeito mas indubitavelmente suas heranças continuam ainda amplamente evidentes.

Watson (1992:13-18) discute que os termos ‘independência’ e ‘império’ não existem em termos absolutos, sejam eles práticos teóricos ou práticos. Independência é definida pela “existência das novas entidades políticas que detiveram da habilidade de tomar suas próprias decisões e afastarem-se de um sistema anárquico imposto” (Watson, 1992: 14). Império implica diretamente “a administração de diferentes comunidades políticas provindas de um centro imperial” (Watson, 1992:14). A instauração de regimes na Ásia Central encontra-se em um parâmetro de independência, do qual conceito atualmente encontra-se em constante evolução, dado o fato da sua constante descoberta identitária e política. Este processo enfrenta períodos de ordem e cooperação, bem como animosidades e fragilidades. Pourchot (2014), relativiza que o seu desenvolvimento enquanto região indica que entre a fragmentação do espectro soviético e a emergência de novos estados, uma linha tênue surge capaz de aportar tanto uma identidade embebida em elementos de independência e autoritarismo, onde o diálogo e a coexistência possuem padrões diferentes.

A institucionalização de regimes da Ásia Central é baseada em termos de soberania, diplomacia, trocas comerciais, balança de poder e a administração de seus recursos energéticos, e, conseqüentemente, no acúmulo acelerado de capital. Entretanto, quando se discute sobre autoritarismo na Ásia Central, discute-se sobre a capacidade de mesmo adaptando a presença e demandas das organizações e regimes internacionais, compreendendo os desafios de sua independência, de continuar um diálogo e um modelo de governança, similar a modelos soviéticos (Pourchot, 2014). Os modelos de governança da Ásia Central são criticados por serem autoritários, logo, por utilizar da força para conter e, em muitos casos, proibir mobilizações sociais, por não possuir liberdade de imprensa, por utilizar de mecanismos eleitorais duvidosos⁷⁴, por manter elites políticas e empresariais comandando os países, como o Uzbequistão, Turcomenistão e o Cazaquistão e por não aplicar políticas e modelos universais de transparência fiscal⁷⁵.

Esta atmosfera de protecionismo cultural e político abre portas para o pensamento de que apesar dos países da Ásia Central serem países em constante desenvolvimento, sua abertura à comunidade internacional e sua reestruturação política não se urge ser necessária mas também apresenta ser imprescindível para garantir seu sucesso contínuo, logo, sem ela, o prospecto de desenvolvimento é sumariamente comprometido. A lógica de dominância provinda do autoritarismo é alimentada pela fragmentação social, pelos índices de pobreza e por sentimentos inerentes à vulnerabilidade e enfraquecimento político de partidos que não são suficientemente relevantes ou levados a sério por seus governos.

⁷⁴ Em países como o Cazaquistão, onde o Presidente Nursultan Nazarbayev tem governado o país por 23 anos, desde a desintegração da União Soviética, em 1991, levantam-se questionamentos sobre a legitimidade do seu governo, apesar da sua imensa popularidade. Devido à sua idade avançada, os rumores são de que ele pode precisar demitir-se e criar uma nova coalizão política para apoiar seus ideais. Esta incerteza política é um dos principais motivos de inseguranças do Cazaquistão para o desenvolvimento econômico e um dos principais motivos que, mesmo por afastamento, o plano de continuar com o regime autoritário e de elites dominantes, continue afetando o país.

⁷⁵ Programas de assistência fiscal e securitária como o Border Management Programme in Central Asia (BOMCA) e o Central Asia Drug Action Programme (CADAP) da UE estabelecidos desde 2004 estão focados no fortalecimento da Guarda de Fronteiras e outras estruturas de segurança. BOMCA gastou € 4.346.584 no Quirguistão e Tajiquistão entre 2004 e 2010, entretanto, políticas de controle fiscal ainda não foram aplicadas corretamente para investigar a real aplicabilidade destes investimentos (PNUD, 2010).

3.1.1. Participações sociais e políticas

Após a transição de um regime dominado, controlado pelas rédeas de uma hegemonia massivamente autoritária e restrigente, para uma região geográfica independente, ideais de integração regional estão sendo lentamente idealizados, tanto pela maquinaria do estado, também através de um desejo comum por sua população e representatividade política. Apesar das lacunas ainda serem evidentes, o processo de *statebuilding* e construção de nações consolidadas já são realidades que transformam novas gerações. Essencialmente, é seguro afirmar que esta participação, majoritariamente democrática⁷⁶, perfaz o caminho da necessidade da cooperação regional e internacional e o anseio de desestabilizar tensões em áreas de extremo risco (Anderson, 1994).

Nem sempre, em todo o curso da história da Ásia Central, os estados de porcelana vivenciaram momentos de desenvolvimento utópico e transformação política nos patamares desejáveis. Em corrente contrária, os desafios que sustentam sua determinação em não tornarem-se estados frágeis, estendem-se em uma panóplia de fatores, relutantes em se dissolver. Nesta linha de pensamento, como é possível somar a conceituação de estados de porcelana na equação da tentativa da integração regional, participação social e política, em prol de uma competição legítima pelo desenvolvimento?

Quando se discute participação social e política na Ásia Central, deve-se ater a dois parâmetros específicos. O primeiro reside na conduta que as relações interestatais entre os estados de porcelana se conduzem. Essas relações são endógenas e comportam uma série de fatores que são influenciados pela capacidade de influência de regimes hegemônicos (Pourchot, 2014). Isto porque por mais que

⁷⁶ Nesta análise, podemos identificar que nem todos os estados anseiam, em sua totalidade, por mecanismos democráticos mas isso não desfaz, aos olhos do neoliberalismo, que ele não seja necessário. O Cazaquistão, por exemplo, funciona em um modelo aparentemente democrático, embebido em autocracia, assim como o Uzbequistão e Turcomenistão. Este autoritarismo é motivado pelo culto ao líder e pela devoção a sua forma de governar. Entretanto, países em qual a realidade política ainda é extremamente fragmentada, ideais democráticos podem vir a tornar-se alternativas políticas capazes de sanar suas lacunas mais frágeis, uma vez que reclamada por sua população. O conceito de estados de porcelana indica paradigmas de transição mas na consciência de que para garantir tal modelo de governança, o arcabouço dos entraves políticos e das doenças socioeconômicas da Ásia Central são impostos como desafios a serem vencidos.

politicamente independentes, a Ásia Central não consegue, em seus próprios termos, sustentar a multitude de organizações que anseiam criar um diálogo lucrativo e construtivo de uma soberania que amplifique os mais genéricos motores de uma nação: comércio, cultura, economia, energia, segurança e a política externa. Este primeiro fator traz à tona uma qualidade neorrealista, focada particularmente na dança das relações interestatais e na balança de poder por elas criada, tornando a participação muito mais política que social (Pourchot, 2014). As relações interestatais na Ásia Central são claramente abordadas nos termos de Halliday:

[...] inter-state relations may constitute a society, not so much because of the shared values involved, but because it is a grouping established by the coercion of some states by others and maintained with a variety of ideological and military mechanisms, by the more powerful members. [...] Thus, socialization becomes not the inculcation and diffusion of shared values, but the imposition of a set of values (Halliday, 1992: 441-42).

Consequentemente, isto abre a oportunidade e principalmente, a necessidade para um discurso neoliberal de integração e cooperação na Ásia Central. Com a tentativa pela dissociação da normatividade da fragilidade social e da instabilidade político-econômica, a necessidade de institucionalização de regimes e organizações nunca foi tão urgente. As instituições seriam capazes de coordenar as insurgências de uma forma que os próprios países não demonstram ser, e, ao custear os procedimentos da cooperação, seriam também capazes de promover barreiras securitárias das quais a sociedade se mostra reclamante.

De um ponto de vista neoliberal, a criação de legitimidade da identidade e a avaliação da incoerência estatal na Ásia Central podem ser compreendidas nos termos de Oskanian (2013: 37-46), como ‘um fenômeno de possível fragilidade inerente’. A materialização da resistência aos ideais democráticos nos estados de porcelana pode ser explicada pelas seguintes premissas: a) Presença de repressão e legitimação de regimes autoritários, o que representa um *qualis* não espontâneo. Um Estado democrático não deve mostrar sinais de censura, repressão física e corrupção política e econômica para manter o controle sobre a sua sociedade (Oskanian, 2013). Mas, em sua maioria, os estados de porcelana, não aspiram, em totalidade, ser democráticos, reiterando que a legitimação da repressão precisa ser contida, mesmo em ambientes dos quais o autoritarismo lidera. Ideais democráticos não aufere, diretamente, que estes necessitem ser necessariamente, democracias (Etzioni, 2007);

b) A corrupção é um sinal de rejeição estatal a própria legitimidade e *welfare*. Ela representa uma característica evidente que, se o Estado é legítimo, a sociedade obedecerá a normas e regras institucionalizadas como um ato sintomático. Portanto, se há retrocesso no cumprimento de normas internacionais, a institucionalização de um ideal liberal torna-se comprometido, uma vez que este cumprimento normativo é corrompido, e; c) A estabilidade nestes países tornar-se-á verdadeiramente comprometida se a sua manutenção de elites em círculos fechados de poder permanecer impenetráveis (Oliphant, 2014). A reestruturação da integração econômica, dissuasão de medidas protecionistas e um controle mais suave de políticas internas para acomodar as doenças sociais em um comportamento natural, são fatores a serem considerados (Phillips, 2001). Isto, porque até o presente momento, nenhum modelo de desenvolvimento escolhido pelos países da Ásia Central tem sido em sua totalidade, bem-sucedido. Aproximadamente 1-2% da população do Quirguistão são de refugiados e cerca de 85% da população do Tajiquistão vive abaixo da linha da pobreza, um número crescente após a guerra civil de 1994-1997 (Malashenko, 2012). A deterioração das condições sociais na Ásia Central cria uma atmosfera de insegurança que potencializam a deterioração do processo de construção estatal e conseqüentemente, de uma identidade representativa.

Ao observarmos mais objetivamente a política de países como o Uzbequistão, Cazaquistão e Tajiquistão, é perceptível que há uma resistência natural em seus mecanismos, por haver divergências nas suas políticas domésticas culturais, nas suas estratégias de desenvolvimento econômico e orientações geopolíticas para estratégias securitárias e energéticas. Com gerações a ultrapassar e lideranças a transacionar, é possível observar uma Ásia Central que se encontra dividida entre agendas nacionalistas e com economias mais competitivas em detrimento de políticas menos protecionistas (Laruelle e Peyrouse, 2012: 51).

Os estados de porcelana, por seu viés neoliberal, possuem uma visão otimista das relações interestatais e legítima a ausência de uma democracia mas também questiona a capacidade destas relações durarem por um tempo determinado. Por exemplo, porque o Cazaquistão deve manter relações mais próximas com o

Tajiquistão do que com a Rússia? Por que o Tajiquistão deve manter-se alinhado ao Quirguistão ao invés do Afeganistão? O que torna o Turcomenistão tão mais próximo do Uzbequistão ao invés do Irã e da Turquia? Por que há medidas protecionistas entre o Cazaquistão e o Turcomenistão em relação ao Azerbaijão?

Como explicitado no conceito de estados de porcelana, a legitimidade das relações interestatais é necessária, pelo fato de que os *‘estados de porcelana também são reconhecidos como estados com capacidade de manejar suas vulnerabilidades, em prol da cooperação e da legitimidade do processo regenerativo de longo prazo’*. Para cada questionamento, existem uma diferença e uma similaridade. A diferença reside na capacidade de cada relação moldar-se aos próprios interesses, qualificando uma forma imperativa de conduzir seus problemas domésticos, utilizando a cooperação em fator secundário. A similaridade comporta os ideais neoliberais, no pensamento comum da tentativa de manejar suas irregularidades e buscar, em prol da cooperação, o desenvolvimento baseado na autonomia e nas regulações normativas em consonância com as iniciativas privadas, públicas e organizacionais a fim de reduzir desigualdades comuns como corrupção, violência, índices baixos de respeito aos direitos humanos e instabilidades securitárias.

3.1.2. Mobilizações sociais e constrangimentos internacionais

Pela constante necessidade de implementação de novos mecanismos de participação ativa em prol do desenvolvimento, sejam pelas instituições, regimes, organizações, pelo estado ou por sua população, a Ásia Central comporta em seu território, uma série de contingências e disrupções, que geraram insatisfações. Estas expressões de insatisfações, movidas pelas mobilizações sociais, são compreendidas em sua maioria, como uma ferramenta reclamante pela instauração de um sistema de governança efetivo e uma chamada por mudanças políticas, principalmente no que tange a estrutura de governo destas repúblicas. Por mobilização, J. Craig Jenkins sustenta:

Mobilization is the process by which a group secures collective control over the resources needed for collective action. The major issues, therefore, are the resources controlled by the group prior to mobilization efforts, the process by which the group pools resources and directs these towards social change, and the extent to which outsiders increase the pool of resources (Jenkins, 1983: 532-533).

Insegurança e desigualdade tornaram-se as principais características que moldaram as diversas variações de conflito, eminências de guerra civil, constrangimentos internacionais e mobilizações sociais em geral. Além disto, causas como a discriminação, manipulação política nas mídias sociais, publicitárias e nas redes de comunicação, bem como, corrupção eleitoral, má administração de recursos financeiros, doações, investimentos e violações das leis fundamentais e direitos humanos, também configuram o elenco de desafios enfrentados não só pela sociedade centro-asiática mas também atingem a imagem e a identidade que a Ásia Central transmite. Matveeva explica que estes fatores são suficientes para aportarem constrangimentos perante toda a comunidade internacional, isto, pelo fato da baixa qualidade em aplicação das políticas de boa governança e modelos de direitos humanos⁷⁷, dos quais, a maioria é estabelecida pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (OHCHR) (Matveeva, 2001: 44).

Seguindo a ordem de causas proximais de mobilizações, o Uzbequistão, Cazaquistão e Quirguistão⁷⁸ têm observado nas últimas duas décadas uma série de manifestações violentas, dos quais os motivos variam de acordo com as circunstâncias sociais, econômicas, étnicas e demográficas respectivas. Fontes sociais incluem as relações com aliados e poderes externos e queixas em defesa da justiça política ou legitimidade do poder. A incursão destes confrontos impulsionou significativamente os grupos de oposição, dos quais reagiram de forma singular de estado para estado. Estas reações são produtos de um comportamento em transição adquiridos através da independência pós-soviética (Jenne, 2007: 11-12).

Estabilidade social e a perspectivas de mudanças políticas têm evoluído como uma das prioridades centrais da população da Ásia Central. Exemplos desta transformação já foram observados através da fragmentação social e política que

⁷⁷Pelo fortalecimento do autoritarismo e, como nos casos do Quirguistão e Turcomenistão em serem majoritariamente protecionistas, compreende-se que a forma em como esses Estados desenvolveram sua política estatal ainda não adequa-se nos padrões estipulados por organismos como a ONU. Consequentemente, esta prática da aplicação da ‘lei do líder’ afetou a política humanitária e propagação do respeito às leis internacionais, ferindo o desenvolvimento do fator ‘justiça’.

⁷⁸ Como pode ser observado nos conflitos entre as fronteiras Quirguistão-Uzbequistão e Quirguistão-Tajiquistão, onde os conflitos potencializaram-se de conflitos de ordem menor para nacional, especialmente em 2011, após o clima de mudanças eleitorais, partidárias e majoritariamente política nos estados em questão. A insegurança nas fronteiras do Tajiquistão, único país que ainda utiliza a

carregou em si um teor violento de proporções internacionais, como na Revolução das Tulipas em 2005, no Quirguistão, seguida das insurgências em 2010, nas províncias de Osh e Jalalabad, fronteira direta com o Uzbequistão. Ambos os conflitos tiveram características idiossincráticas entre nuances políticas e econômicas relacionadas a fragmentações étnicas. Emblematicamente, houve disrupções nas províncias de Zhanaozen e Aktau, em 2011, no Cazaquistão, com as mesmas características⁷⁹.

A contenção destes conflitos, entretanto, não se modulou nos padrões internacionais⁸⁰. Isto porque a busca pela manutenção da ordem e pela estabilidade, ou por assim dizer, o estabelecimento de políticas sociais democráticas ainda não é observado como uma prioridade de ordem regional. Logo, assume-se que o surgimento destas mobilizações são atos de descontentamento generalizado na Ásia Central, uma vez que compartilham dos mesmos fatores de acentuação. Desigualdades sociais, desrespeito aos direitos humanos, má administração de recursos públicos, corrupção, não legitimação de acordos internacionais, não reconhecimento de acordos prévios, disrupção e não reconhecimento de grupos étnicos entram na equação da potencialização destes conflitos.

Não se pode, entretanto, desviar-se do fato de que houve diferenças e similaridades nas causas do surgimento das mobilizações mas há três fatores de maior importância nesta soma. Conforme constrói Fuhrmann, o primeiro fator que forma as mobilizações e conseqüentemente, a Ásia Central em um complexo securitário vulnerável é o medo (Fuhrmann, 2006: 16-29). Considerado como o fator mais significativo, é centrado pela opressão e repressão política dos partidos de

língua persa na Ásia Central cresceu consideravelmente, devido a sua ligação forte com o Afeganistão e China, no que tange a falta de cooperação e monitoramento de fronteiras.

⁷⁹ A possibilidade de protesto no Cazaquistão foi institucionalizada em sua constituição e tornou-se um direito político garantido através do Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos (PIDCP). Esta decisão foi ratificada em 2006 e atém-se às alíneas do Artigo 21, que versa sobre a liberdade de expressão e protesto político. Este passo foi considerado um avanço para os direitos humanos do Cazaquistão e um exemplo que, para a comunidade internacional, deve ser seguido por seus vizinhos (Human Rights Watch, 2012).

⁸⁰ Por exemplo, uma intervenção da Rússia causaria distúrbios políticos no Quirguistão, porque a República do Quirguistão estava à beira de perder a sua soberania sobre a inadequação das autoridades políticas em proteger adequadamente o seu próprio povo. Como uma república pós-soviética, o domínio da Rússia em todo o território do Quirguistão seria algo que chamaria a atenção da comunidade internacional.

oposição por um lado, das mídias sociais, quando autorizadas pelos devidos países, e por último, pelas elites de liderança que utilizam da sua condição política para disseminar práticas de autoritarismo, que estabelecem medidas exacerbadamente protecionistas e que, por muitas vezes, como observado no Uzbequistão e no Quirguistão, desrespeitam as características e direitos sociais mais simples e basilares da sua população, logo, transformando-as em sociedades automaticamente subservientes.

O segundo ponto é o enraivecimento e descontentamento político da margem para o centro, ou seja, da população em direção ao seu governo (Jenne, 2007). Por mais que o culto ao líder seja uma prática disseminada e respeitada nacionalmente, casos de nepotismo, emendas constitucionais e jurisprudências ilícitas e impedimento de partidos de oposição são amplamente recorrentes em praticamente todas as repúblicas da Ásia Central, principalmente no Tajiquistão. O terceiro e último ponto é a retomada do interesse político e econômico internacional na Ásia Central em parâmetros industriais e de cooperação. A necessidade por maiores investimentos e administração de recursos, somado com a espera de resultados, tornaram-se uma política de ‘retorno’ que vem sendo cobrada por boa parte da população marginalizada e, ainda, pobre e com desenvolvimento tardio (Fuhrmann, 2006).

Em um sentido contrário aos conflitos do Oriente Médio e do Sul da Ásia, estes processos de desconstrução social e fragmentação política tornaram-se pontos convergentes que ameaçam não somente o desenvolvimento nacional mas a segurança da Ásia Central como um todo, pois apesar da região não ser politicamente unificada, geograficamente torna-se inescapável a disseminação de ameaças conjuntas que interfiram o contexto geopolítico como um todo (Freire, 2010).

Em uma perspectiva neoliberal, por progressão ao curso da história da Ásia Central, a possibilidade, mesmo que ainda não idealisticamente conjuntural das mobilizações, é um fator de ação coletiva que remete à tentativa da criação do *status* mais livre e menos protecionista de suas repúblicas. A recorrência das paralisações, seguida do envolvimento das ações coletivas de organizações internacionais e não governamentais na ação da produção identitária da Ásia Central remetem também à construção dos ideais dos estados de porcelana. Estas recorrências também elucidam

que não é possível identificar um desenvolvimento, sem uma falha. As mobilizações identificam-se como lacunas e desafios para os estados de porcelana mas não representam ameaças que destoem ou disturbem o cerne do seu crescimento.

3.2. Atores não-estatais

A fundamentação da função central dos estados, baseada nos princípios de *realpolitik*, mostra-se necessária em uma dinâmica multipolar. Primeiramente, por sua ideologia não ser prefixada em um regime específico de regras, visionado o equilíbrio de poder entre estados nações a fim de solidificar uma perspectiva neorrealista. Consequentemente, torna-se um paradigma de formulação de políticas externas de interesses, que regem um sistema internacional coordenado pela distribuição de *power politics* (Kissinger, 1995:137).

Entretanto, o conceito de *realpolitik* mostra-se ideologicamente insuficiente ao tentar substancializar a amplitude do conceito de estados de porcelana, e consequentemente, amparar as necessidades da Ásia Central. No processo de globalização, os estados de porcelana encontram-se na convergência de múltiplas participações, que emanam ambos os atores estatais e entidades e movimentos não estatais. Desta forma, a participação de atores não estatais podem configurar tanto uma ameaça como uma oportunidade e são instrumentos de estudo da reconfiguração da identidade da Ásia Central, já que direta ou indiretamente interferem na construção de sua multifacetada e evolutiva independência.

Isto se dá, porque a construção da identidade é fundamentada não somente por questões culturais mas no caso da Ásia Central, questões políticas moldam muito mais rapidamente sua essência devido à presença da coesão social como fator de horizontalidade. Para os estados de porcelana, compreender as dimensões político-culturais da Ásia Central torna-se pertinente porque definem a identidade e delineiam suas fraquezas, reconhecendo o cerne de problemáticas que necessitam ser solucionadas, e se necessário, combatidas. Desta forma, elucidaremos três categorias de atores não-estatais das quais definem diretamente o processo identitário dos estados de porcelana: o etnonacionalismo, a presença do islamismo e as organizações internacionais e não governamentais.

3.2.1. Etnonacionalismo

Movimentos de separatismo étnico e a prática do autonomismo são características endêmicas da Ásia Central (Dekmejian, 2003: 150). Esta premissa se dá pelo simples fato de que a Ásia Central é uma região de ampla diversidade etnocultural, dividida entre dimensões linguísticas, raciais, tribais, religiosas e regionais. Por ser multifacetada, outra razão para o surgimento frequente de variedade étnica nestes países é o tempo decorrido após a sua emergência como Estados independentes, com fronteiras nacionais, muitas vezes determinadas por considerações políticas com pouco respeito às realidades étnicas. A grande heterogeneidade da região contribui para uma certa instabilidade, especialmente pelo alto nível de autoritarismo, identificado em praticamente todos os regimes em vigor. Entretanto, o que caracteriza esta instabilidade? E como ela se comporta dentro de uma Ásia Central em progresso?

Consoante Nichol, três aspectos específicos explicam o fator instabilidade como: a) o legado soviético e a presença de múltiplos grupos étnicos; b) fronteiras problemáticas, frágeis e sob inobservância de seus governos, e; c) o surgimento de identidades nacionais que confrontam e desafiam as identidades já existentes⁸¹ (Nichol, 2013). A emergência de identidades nacionais diferentes potencializa a presença de elites econômicas, em sua maioria, um grupo específico de famílias que dominam a política estatal em todas as suas esferas, bem como potencializam o crescimento de ideais islâmicos e sua participação na política parlamentar e cultural. Por exemplo, o Tadjiquistão, é o único país da Ásia Central que possui o islamismo como religião oficial e, até março de 2015, possuía representatividade parlamentar através do Partido do Renascimento Islâmico do Tadjiquistão (IRPT) (Müllerson, 2007).

As fronteiras da Ásia Central não refletem com precisão a distribuição étnica e falham em delimitar os devidos territórios. Muitos epicentros de conflito entre

⁸¹ Um exemplo clássico deste entrave entre identidades e etnias é a presença de influência islâmica e comunista, entre ideais ocidentais e asiáticos, conflitando da base mais simples como camponeses e trabalhadores rurais, atingindo até as elites econômicas que dominam o país. É certo que a influência do etnonacionalismo é visto como um coringa, de qual utilidade ainda é mal administrada e aportada pelos países da Ásia Central.

idades fronteiriças são observados entre Turcomenistão e Uzbequistão, e principalmente entre o Quirguistão e Uzbequistão. Em 2010, episódios de violência de natureza etnonacionalista tomaram conta da cidade de Osh, no sul do Quirguistão, deixou aproximadamente 500 vítimas fatais e 75.000 pessoas desabrigadas (Matveeva, 2011). O conflito, de origem anti-uzbeque, tornou-se um marco na história do país por possuir neutra participação do governo regional e por não atrair atenção internacional. Eventos desta natureza tornam ainda mais latente a reconsideração de que a fragilidade causada pelas tensões entre fronteiras em busca da decisão sob qual identidade deverá dominar um denominado território, é uma das causas fulcrais da necessidade de determinação de fronteiras organizadas (Nielsen et al., 2004).

Por ser intensamente ramificada, a Ásia Central apresenta em seu território uma panóplia de diferentes grupos étnicos. Entre sua maioria, identificam-se, por colonização e influência cultural direta, como partes mongóis, persas, tártaros, afegãos, azeris, sármatas, indianos, iranianos, paquistaneses, chineses, árabes, turcos e por fim, russos, parte centro-asiáticos⁸², sendo essa última denominação a mais atual, devido a nova reconfiguração geográfica pós-guerra-fria (ver anexo 14). Entretanto, não se observa ainda uma identidade sólida e integrada, capaz de motivar ou transformar a Ásia Central em um centro onde atraia a devida atenção da política internacional (Nichol, 2013).

Nesta mesma linha de pensamento, ainda não é possível delimitar esta região como uma zona multicultural que viabilize um fluxo economicamente desejável para fins culturais e turísticos, por mais que seus governos e ministérios combatam esta premissa. Majoritariamente, por conta de sua instabilidade política embebida de origens autoritárias e protecionistas, com heranças comunistas, além de a localização geográfica ser particularmente dificultosa, especialmente por contar com frágeis fronteiras e a presença insurgente de ameaças à segurança de transientes (Phillips et al., 2001).

Não obstante, não é possível afirmar que, os estados de porcelana não aspiram por integração e por abertura da sua imagem e mercado. Entretanto, este

⁸² Sendo eles, cazaques, uzbeques, quirguizes, turcomanos e tadjiques.

anseio é comprometido, em muitas partes por, juntamente com o etnonacionalismo, denotar uma área geográfica composta por identidades divergentes de interesses comuns, que é atingida pela má distribuição populacional e econômica e por ainda não ter total controle em regular ideais de integração.

3.2.2. Islamismo

Fortalecido pelo desaparecimento da União Soviética, o islamismo ressurgiu na Ásia Central após mais de setenta anos de repressão religiosa e estabeleceu-se como religião predominante e oficial em todos os países. Apesar dos extensos esforços pelo regime soviético em eliminar uma identidade religiosa, a população centro-asiática manteve entre clãs, grupos e movimentos populacionais, a tradição da crença islâmica e utilizou-a como ferramenta ideológica de militância (Dekmejian, 2003). A natureza deste avivamento islâmico na Ásia Central é determinada exclusivamente por tradições e condições locais, bem como influenciada por fatores externos, dos quais são propagados por movimentos e grupos organizados que desejam criar novas formas de práticas islâmicas enviesadas em participações políticas. O colapso do comunismo⁸³ e a abertura das fronteiras proporcionaram não apenas novas formas e práticas diferentes de professar o islamismo. Produziram também efeitos colaterais que permitiram a importação e o desenvolvimento destas novas formas, implicando o estabelecimento de grupos radicais e a disseminação de sua influência em áreas mais vulneráveis (Petros, 2003).

Com sua população em constante crescimento (ver anexo 15), a Ásia Central cresceu de 12 milhões de habitantes em 1870 para 26 milhões em 1950, com uma estimativa de alcançar 112 milhões em 2010. Acompanhando esta estatística, o islamismo seguiu a mesma linha de expansão, saltando de 89% em 1870 para estimados 91% em 2020 (Kettani, 2010: 147). A presença do Islã em seu território atrai então a retórica de caracterizar se este islamismo possui caráter moderado ou radical. Compreende-se nos termos de Starr (2014), que a Ásia Central compartimenta há mais de mil anos, uma localização geográfica evidentemente

⁸³ O comunismo promovia que a ideia de um estado religioso era um estado que era incompatível com os ideais soviéticos, logo, era uma arma que ia de contra a construção da identidade da Ásia Central.

imprescindível para o desenvolvimento do pensamento islâmico, isto por ser considerada uma Meca onde economias e culturas do Oriente Médio, Europa, Índia e China se encontram.

Em caráter moderado, a presença do Paquistão e Afeganistão foi significativa, pois influenciaram diretamente a radicalização do islamismo através do financiamento de dívidas, construção de escolas⁸⁴ e mesquitas e também pela distribuição em massa do alcorão, traduzido para o russo e os demais idiomas. Em caráter radical, o Uzbequistão comporta-se como uma porta de entrada e saída de ideais extremistas, que compartilham dos mesmos preceitos que grandes agendas terroristas propagam como o Hezbollah e Al-Qaeda. A partir disso, após a quebra das barreiras políticas e fronteiras, adotaram-se movimentos, dos quais se destacam o Movimento Islâmico do Uzbequistão (IMU), o Hizb-ut-Tahrir (HT) e o IRPT.

3.2.2.1. Movimento Islâmico do Uzbequistão, Vale de Fergana e Hizb-ut-Tahrir

O IMU é comumente associado ao Talibã, à rede Al Qaeda e reconhecido por possuir anteriormente bases militares no Afeganistão e na Arábia Saudita. Apesar do seu enfraquecimento como organização terrorista e por ter sido penalizado pelas normativas do direito internacional ao financiar os ataques contra o Tadjiquistão na guerra civil de 1997 e orquestrar as rebeliões em Osh em 2000, o IMU ainda se posiciona como uma ameaça aos ideais neoliberais securitários da Ásia Central. Isto se dá principalmente pelo caráter segregacionista e autoritário de ampla maioria política do Uzbequistão contra seus estados irmãos e principalmente contra seu líder, Islam Karimov, do qual tirá-lo de seu cargo presidencial se faz como principal missão.

O Vale de Fergana, entre o Uzbequistão e Quirguistão é habitado por cerca de 10 milhões de pessoas e é considerado o coração do Uzbequistão, por sua riqueza e importância geográfica e centro do tradicionalismo islâmico. Por ser amplamente tradicional, vem sendo utilizado como ferramenta de formação de bases terroristas que planejaram, através dos regimes baseados na *Shari'a*, a lei islâmica, os atentados em 1999, 2000 e 2001 contra o governo uzbeque (Starr, 2014: 148). Apesar de não

⁸⁴ Mais conhecidas como *madrassas*.

possuir mais bases ou filiações diretas com o Afeganistão, o Talibã e a Al Qaeda, ainda mantém fortes relações com o IRPT e o Hizb-ut-Tahrir, o que comprova que sua finalidade ainda não foi amplamente atingida e, conseqüentemente assim, posiciona-se como uma ameaça constante à segurança e bem-estar econômico da Ásia Central.

O Hizb-ut-Tahrir ou Partido da Libertação Islâmica, é o segundo maior movimento islâmico da Ásia Central e contrariamente ao IMU, tem apresentado notável crescimento nas últimas décadas. Com sua base de apoio concentrada em maioria uzbeque e quirguiz, o HT propõe a criação de um califado islâmico unificado, que estabelecem os mesmos preceitos do alcorão impostos pelo titulado profeta Maomé (Rickleton, 2015b). Entretanto, o HT não propõe o estabelecimento de uma reforma econômica-política mas uma forma de governo que compreenda a teologia islâmica tradicional, do qual o cerne político é predominantemente sunita ou xiita.

Após o desmembramento da Guerra ao Terror no Iraque como consequência dos ataques de 11 de Setembro de 2001, os governos da Ásia Central boicotaram as atividades do HT prendendo diversos de seus fiéis e apoiadores em Bishkek, Dushanbe e Tashkent, por suspeita de aportar terroristas e distribuir planos contra o governo norte-americano (Starr, 2014: 144). O HT não foi bem-sucedido no Cazaquistão e Turcomenistão dado o fato de que o islamismo, por mais que seja predominante, não é amplamente amparado pelas leis estatais como nas outras repúblicas e por não compartilhar de uma política que seja anti-EUA. Apesar de não ser considerada uma organização terrorista⁸⁵ pelo ocidente, o HT ainda é monitorado por organismos de inteligência internacional, para controlar suas atividades e sua força de incentivar coalizões que possam vir a incitar a violência e a instabilidade.

3.2.2.2. Partido do Renascimento Islâmico do Tajiquistão

O IRPT encontra-se atualmente como o único partido político islâmico legítimo na Ásia Central e foi estabelecido em 1991, após as reformas de Gorbachev

⁸⁵ Esta terminologia é comumente utilizada para organizações que utilizam da força e do apoio à guerra ao terror e contra ideologias 'inimigas' para justificar meios e alcançar fins políticos.

serem reformuladas para a proteção dos direitos identitários e civis da população islâmica. O partido foi modelado através de exemplos retidos da Turquia, onde o estado incorporou valores e normativas islâmicas e as unificou em seus anais partidários e apoia a existência de um Tajiquistão livre (Starr, 2014: 151). Apesar de sua conduta, o IRPT perdeu sua representatividade parlamentar nas eleições de março de 2015, da qual reelegeu o Presidente Emomali Rahmon (OSCE, 2015). Críticos e partidos de oposição protestaram sobre a legitimidade da eleição que, em um feito histórico jamais visto no Tajiquistão, retirou a oposição islâmica e comunista da bancada parlamentar, uma garantia conquistada por eles por meio de voto democrático após a guerra civil de 2000. Este foi considerado um ato de extremo autoritarismo e um exemplo da atual dominância política que cruza as fronteiras da democracia e retorna a ideais agressivamente monárquicos (Rickleton, 2015a). Este feito representou para a população islâmica do Tajiquistão um golpe premeditado que anula a participação islâmica do viés político na governança do país.

Ao compreender que o desenvolvimento da Ásia Central possui múltiplas camadas e fatores externos, o radicalismo islâmico e o islã moderado divergem em diferentes níveis de apoio e representatividade. Fatores pelos quais o radicalismo islâmico se instaurou na Ásia Central, elencam a corrupção e a repressão governamental, como é observado no Uzbequistão, o declínio de condições econômicas e políticas, como são identificados no Quirguistão e o crescimento da influência de elementos estrangeiros como se pode elencar no Turcomenistão e Tajiquistão.

3.3. Elites econômicas e dominância partidária

Apesar da força da sociedade ‘tradicional’ empenhar um grande papel na política econômica da Ásia Central, as reformas introduzidas pelo sistema soviético na administração Gorbachev incitaram a necessidade da emergência de uma sociedade ‘moderna’, dos quais a população centro-asiática possuiria garantias constitucionais legítimas. Estas garantias incluem acesso a mecanismos de aplicação dos direitos humanos e acesso livre à mídia, das quais são representadas diretamente

por partidos políticos, grupos ativistas e organizações internacionais (Anderson, 1997: 91). Efetivamente, o controle de este poder constituído nacionalmente e internacionalmente, é culturalmente dominado por elites econômicas e partidárias que centralizam as necessidades e ditam, direta ou indiretamente, as narrativas de poder e governança da Ásia Central. Estes regimes são comumente observados em todas as repúblicas da Ásia Central, principalmente no Cazaquistão, sob o comando de Nursultan Nazarbayev, no Uzbequistão com o presidente Islam Karimov e mais recentemente o presidente Emomali Rahmonov. Todos estes regimes são marcados por três características: manipulação eleitoral, corrupção ativa de recursos e retenção da mídia para controle da população (Allison, 2008).

Como resultado da má governança e da presença constante da elitização da economia, os países da Ásia Central lutam contra a pobreza, a segregação e o espaçamento da divisão de renda, declinando os índices de desenvolvimento humano (ver anexo 16). Podem-se elencar três motivos principais, nos termos de Anderson (1997), que justificam como a presença de elites econômicas e de má governança afeta diretamente o desenvolvimento da Ásia Central. O primeiro, explica-se pela atitude das elites republicanas. Em três dos cinco estados⁸⁶, partidos alternativos e de oposição são regularmente coagidos e ilicitamente mal representados, onde a maioria sempre pertence ao partido presidencial. No Cazaquistão e Quirguistão, há uma constante necessidade da maturação de um partido político que expresse as reais necessidades nacionais, mas até então ambos os governos ainda mantêm-se em tentativas frustradas, uma vez que a oposição não possui representatividade, nem oportunidade para tal.

Apesar da necessidade do surgimento de novos partidos, não se sabe como estes países os receberiam, uma vez que estes pudessem vir a tornarem-se forças políticas capazes de derrubar regimes que já duram mais de duas décadas (Müllerson, 2007). Consequentemente, a não criação de novos partidos inclina a assertiva de que não se há liberdade política, logo, não há abertura para o desenvolvimento da democracia, fortalecendo ainda mais as culturas de elitização partidária e do autoritarismo. Em contraponto, pouco se sabe se ideais democráticos pela criação de

⁸⁶ Sendo eles o Uzbequistão, Tajiquistão e Quirguistão.

novos partidos ou frentes de oposição, seriam capazes de causar o efeito necessário na população para causar uma revolução no sistema governamental, ou se essa revolução é mesmo necessária.

Em segunda frente, estes partidos começaram todos com um senso identitário definido. Muitos foram criados embebidos de personalidade, enraizados na necessidade de sanar as dificuldades regionais de cada república. Entretanto, ao apresentar fraco desempenho logístico e político e pouco incentivo governamental, os partidos tornaram-se mais uma frente de representatividade individual invés de coletiva. Desta forma, sem força política e apoio comunitário, os interesses individuais encabeçados pelas elites dominantes, também se sobressaíram sobre os interesses partidários de oposição (Müllerson, 2007).

Terceiramente, a própria oposição não possui o apoio da sociedade, sendo considerada uma política ‘limitada e que precisa ser banida’ como acontece no Cazaquistão e Tajiquistão (Anderson, 1997:99). Estes elementos tornaram-se muito mais contrastantes pós-independência e continuam a arrolar um papel de maior potência, preocupando o reforço ao desenvolvimento dos países e facilitando índices de fragilidade estatal, por irregularidades na governança, o que gera um alerta para que estas políticas sejam combatidas (Matveeva, 2011).

3.4. A construção da identidade: expectativas e realidades

Neste capítulo analisamos a identidade da Ásia Central e as realidades da interação do enfoque neoliberalista em essência para a demonstração de algumas de suas camadas, que essencialmente, substanciam a multiplicidade de esferas identitárias. Demonstramos que a Ásia Central, continuando na sua caminhada para o desenvolvimento, mantém-se relevante na defesa dos interesses internos de cada república, reconhecendo a implementação de diversos atores na execução de suas dificuldades e na cooperação para realizar seus objetivos nacionais. No âmbito das participações sociais e políticas, constatamos que a relevância do pensamento neoliberal torna-se imprescindível para impulsionar a integração regional e normatizar as regras de direito internacional, controlando as dificuldades e

facilitando o discurso entre a sociedade e o governo, logo ampliando a coesão social e os índices de governança.

Ao analisarmos os regimes autoritários e elencarmos a transição destes regimes, constatamos que a Ásia Central permanece com desafios sociais, entretanto, com alternativas credíveis de cooperação através da presença das organizações internacionais e fortalecimento dos estados aliados, projetando o desuso dos preceitos do *realpolitik* e validando a presença do neoliberalismo como ferramenta de fortalecimento da independência. Incluímos ainda a presença do islamismo e etnonacionalismo como instrumentos imprescindíveis de definição de uma identidade acoplada às necessidades de instrumentalização da sociedade como ator prioritário, elencando a probabilidade destes fatores tornarem-se aliados ou inimigos, dependendo somente do desenvolvimento e da participação ativa dos estados.

Para esta conclusão, contribuiu a análise de diferentes autores, documentos oficiais e dados estatísticos resultantes de análises de organizações sobre as participações e mobilizações sociais, representatividade partidária e índices de crescimento do islamismo, como formador de opinião. Esta panóplia de fatores, comprovam que a identidade da Ásia Central ainda molda-se de forma sutil mas incentiva a capacidade da Ásia Central tornar-se um polo multicultural globalizado, por ser volátil e absorver enfoques e cooperações com facilidade. Constatamos que, nos tempos mais próximos, a Ásia Central ainda não seja capaz de definir com um enfoque específico a sua identidade mas mesmo aportando suas dificuldades, ainda torna-se um ambiente capaz de assumir capacidades econômicas e securitárias sem maiores intercorrências, projetando a horizontalidade proposta pelo conceito de estados de porcelana. Seguindo esta linha, nos próximos capítulos iremos argumentar como o envolvimento da hegemonia russa torna a Ásia Central um epicentro nevrálgico na redefinição das políticas geoestratégicas da Ásia e como o conceito de estados de porcelana se encaixa no desenvolvimento das relações russas e centro-asiáticas para com a comunidade internacional.

Capítulo 4. Rússia e a Ásia Central

Na realidade pós-soviética, a Rússia descobriu a dificuldade da manutenção da sua hegemonia e percebeu que sua influência nos países vizinhos enfrenta transições diversas. Para compreender a Ásia Central como um complexo representativo nas políticas regionais da Eurásia como um todo, é necessário analisar o sistema governamental e interesses nacionais russos, na tentativa de afixar que sua interação é compartilhada intrinsecamente com as políticas sociais, econômicas e principalmente energéticas da Ásia Central.

Como o maior estado sucessor da União Soviética, a Federação Russa é o repositório das maiores fontes econômicas, é detentora da maior base militar e das mais avançadas estratégias políticas. A Rússia possui também metade da população euroasiática e controla dois terços do seu território, incluindo o noroeste da bacia do Cáspio. Reconhecendo estes fatos, por um lado, ainda se debate que o desejo do fortalecimento do papel russo na Ásia Central é motivado por fatores seletivos, dos quais se aplicam na participação direta de uma união aduaneira engajada com o Quirguistão, Tajiquistão, Cazaquistão, Belarus e Armênia. De outro lado, torna-se desafiador concretizar tais planos, tendo em vista a dificuldade e longevidade que estes planos impõem, principalmente em face à fragilidade dos países envolvidos.

Toda e qualquer hipótese acerca das relações entre Rússia e Ásia Central são embebidas de caráter misto. Isto porque a Ásia Central representa geograficamente um parceiro importante⁸⁷ para a Rússia por sua capacidade de atrair investidores e parcerias externas de atores externos. Assim, em termos mutualísticos, não é incorreto afirmar que em um ambiente internacional de alta fluidez econômica e de constante necessidade de reparo securitário, a Rússia encontra-se como o mais proeminente ator a participar dos desdobramentos político-econômicos da Ásia Central.

Neste cenário, analisaremos a política externa e de interesses russa, separadamente do âmbito interno, como protagonista do caráter hegemônico da Ásia Central. Este capítulo, ao identificar os interesses e perspectivas da Rússia perante os

cinco países da Ásia Central, será imposto como imperativo às conclusões do capítulo seguinte. A análise aqui vertida contribui para o teste da segunda hipótese desta dissertação, nomeadamente ao relevar a multipolarização da Ásia Central e o seu envolvimento direto com a Rússia, como um processo de política mutualística, a fim de reduzir antagonismos e impulsionar sua característica como região acreditada no sistema internacional.

4.1. O legado soviético

O legado histórico que a Rússia carrega é vasto. Desde o século 19⁸⁸, a maioria da Ásia Central fazia parte do império russo. Após séculos de dominância, o papel da Rússia consolidou uma dominação exclusiva, que variou entre elites, laços culturais, influência na mídia e meios extensivos de comunicação e mais obviamente, nas esferas securitárias, econômicas e, nos últimos 15 anos, preponderantemente na esfera energética. Em 1985, com o apontamento de Mikhail Gorbachev como secretário geral do Partido Comunista, iniciou-se uma década de reformas políticas que culminaram ao desmembramento da União Soviética. A agenda reformista de Gorbachev, centrada nos processos gêmeos de *glasnost*⁸⁹ e *perestroika*, foi baseada na premissa de que a liberalização política da União Soviética seria um prelúdio para a dinamização do desenvolvimento econômico (Dekmejian, 2003).

Entretanto, o efeito dominó que as reformas propuseram, trouxe um caos econômico e o separatismo entre os ‘não russos’. Enquanto este caos trouxe também consigo o facciosismo e a indecisão para o Kremlin, havia um sentimento de que a Rússia liberta das repúblicas soviéticas iria ser bem mais sucedida em termos econômicos e políticos e vice-versa. Este sentimento motivou em muitas agendas, a separação definitiva e a reestruturação geopolítica que atualmente é observada na Ásia Central.

⁸⁷ Em referência à sua vasta reserva de hidrocarbonetos, sua extensa área de fronteira e seu crescente relacionamento com a China e o Irã.

⁸⁸ Esta premissa é expansiva até mesmo durante o século 18, englobando o nordeste do Cazaquistão e norte do Azerbaijão e uma porção considerável do Mar Negro.

⁸⁹ Transliterado para ‘transparência’ ou ‘abertura’, foi uma medida política implantada juntamente com a *Perestroika*, que representa ‘reestruturação’, contribuiu para a intensificação de um clima de instabilidade causado por agitações nacionalistas, conflitos étnicos e regionais, agrupados à

Em termos de preponderância política da Rússia na Ásia Central, a presença de dois líderes, que ainda exercem suas funções desde períodos soviéticos, como o Presidente Nursultan Nazarbayev⁹⁰ do Cazaquistão e o Presidente Islam Karimov do Uzbequistão, são assertivas que mostram que ainda há heranças políticas orquestradas pela vaidosa política russa. Essa orquestração mostra também a diversidade na contingência e manutenção destes regimes, porque foi capaz de se destacar de um experimento socialista falido para migrar até a importação de modelos capitalistas de aparente sucesso (Oliphant, 2013: 9). Pode-se afirmar, que a Ásia Central tornou-se um campo político que condensa a participação opinativa e relutante da Rússia de uma forma que a observância das heranças soviéticas tornou-se um emblema motivador para o seu desenvolvimento e uma ferramenta de tentativa de transformação das relações entre os dois atores.

4.1.1. A Ásia Central observada através da política externa russa

A forma da qual a Ásia Central é observada pela Rússia pode ser delineada através da ação da sua política externa nas últimas duas décadas. Oliphant (2013:3) destaca que a política externa russa pode ser dividida em três momentos: o primeiro momento se destaca em meio à quebra da União Soviética até meados dos anos 1990, onde Moscou não possuía uma tática política voltada para a Ásia Central, nem sabia como lidar com seus estados. A falta de interesse na Ásia Central era centralizada em todos os patamares basilares e iam aquém de fatores ideológicos, políticos, econômicos e culturais. A segunda fase, destacada na segunda metade da década de 1990, marcou uma mudança abrupta e significativa baseada nos preceitos da ‘doutrina Primakov’⁹¹ da qual pôde ser considerada como, em sua maioria, uma

insatisfação econômica, sendo uma das causas centrais da dissolução da União Soviética (Dekmejian, 2003: 43).

⁹⁰ Em setembro de 1991, uma sessão solene foi aberta no Congresso dos Deputados do Povo da União Soviética (CCCP) com um discurso, *a priori*, dado por Gorbachev, recrutando as demais repúblicas a tentar manter a União Soviética por uma força voluntária. Todos os estados da Ásia Central então apoiaram o Tratado de Associação Econômica que afirmaram publicamente seu apoio à União Soviética. Este apoio foi dizimado com a criação da CEI, através da proposta dos três estados eslavos em 8 de dezembro de 1991, em Belarus (Anderson, 1997: 74).

⁹¹ Yevgeny Primakov foi ministro das relações exteriores e chefe de gabinete dos ministros entre 1996 e 1999 respectivamente. Primakov é politicamente considerado o responsável por desvirtuar a política externa russa das influências ocidentais e restaurar o país para um padrão de normalidade perante a crise pós-guerra-fria. Em uma nota comparativa, um de seus feitos mais importantes, foi estreitar as relações entre Índia e China, formando o que hoje é o BRICS, uma aliança política da qual o Brasil,

fórmula de sucesso que recuperou o papel da Rússia como epicentro de influência para seus países vizinhos, principalmente para o Cazaquistão e Azerbaijão. A terceira e última fase é ligada diretamente à ascensão do Presidente Vladimir Putin ao poder em 2000 e a ênfase, especialmente após os atentados de setembro de 2001, no engajamento da Rússia na Ásia Central.

Este envolvimento tem uma referência particular à esfera securitária mas a esfera econômica possui um efeito mais dinâmico e evidente. Entre 2003 e 2007, a Rússia e a Ásia Central triplicaram suas trocas comerciais, saltando de um investimento de US\$ 7 bilhões para US\$ 21 bilhões, incorporando mais de um terço do que corresponde ao setor energético de ambos os países (Oliphant, 2013:5). Entre 2008 e 2009, houve uma queda considerável nas trocas comerciais, frente à crise econômica global, entretanto, até 2011 (ver anexo 17), a expansão no comércio entre Rússia e Ásia Central⁹² foi promovida por uma reaproximação política entre o Cazaquistão, Uzbequistão, Quirguistão e Tajiquistão, respectivamente (Oliphant, 2013:5).

Concatenando este pensamento, pode-se sugerir que, a passividade política e a aceitação de regimes existentes decorrentes da era soviética pode ter sido reforçada por uma motivação político-cultural tradicionalista em que a subserviência e o culto aos líderes continua a ser uma normativa funcional. Não há assim, nenhuma outra força política genuinamente participativa que seja representativa o suficiente para ir contra os regimes atuais. Assim, líderes políticos têm permanecido sensíveis às sociedades políticas e civis, seja ela tradicional ou moderna, na consciência que expandir esta sociedade significa dar oportunidade para a abertura de liberdades políticas. A tentativa da manutenção do protecionismo é mais uma característica herdada da União Soviética, pois tornar a Ásia Central um polo onde a liberdade é um veículo para a sociedade civil tornar-se uma força, não é considerada, em termos políticos, uma prática autônoma de preservação dos regimes (Oskanian, 2013).

Índia, China, Rússia e África do Sul utilizam suas economias como ferramentas integradoras de mercados e estratégias políticas formadoras de iniciativas no cenário internacional (Sysoyev, 2014).

⁹² Da qual atingiu US\$ 27,3 bilhões em montante oficial, superando todo o superávit dos países e positivamente marcando um progresso nas economias de ambas as regiões (Oliphant, 2013).

Logo, é possível identificar o desenvolvimento hegemônico da política externa russa, a manutenção do protecionismo político e a proteção aos regimes como fatores cruciais na afirmação de que a Ásia Central carrega heranças políticas e sociais, das quais ainda não se mostram aptas a se dissociar por si só. O ideal de uma comunidade independente deu a oportunidade de galgar e construir novos objetivos e combater doenças políticas⁹³ que afetavam uma região como um todo, entretanto esta independência ainda é indexada ao valor social e político de que tais doenças são paliativamente e vagorosamente sendo descobertas e sanadas.

Apesar disto, não se pode relativizar ou negligenciar que a dissolução da dominância soviética proporcionou *de facto* uma voz e uma opinião para cada um dos estados independentes. A descentralização do grupismo⁹⁴ tornou-se uma cédula de poder informalmente alienada e tradicionalmente relutante aos conformismos da dominância soviética (Anderson, 1997: 88). A relação, que outrora era mimetizada em um casamento tradicional, onde regras impostas eram regras seguidas, onde coalizões econômicas liberais e alianças políticas era um caos garantido, tornou-se uma relação de reabilitação perante a comunidade internacional e garantiu uma oportunidade de ser desenvolvida.

Ao observar os pontos centrais do legado soviético no desenvolver da política russa atual na Ásia Central, torna-se igualmente relevante observarmos a estratégia econômica que a Rússia adota para manter seu *status* hegemônico e corroborar com os princípios de integração já amplamente discutidos na formação dos estados independentes (Provost, 2011). Resta elucidar que a estratégia econômica imposta pela Rússia possui não somente um peso sistêmico necessário para contrabalancear a interdependência da Ásia Central com sua fragilidade mas também colabora com o argumento do conceito de estados de porcelana, enquanto forma direta de participação *sui generis* na economia centro-asiática.

⁹³ Estas doenças políticas são interligadas aos fatores que condicionam a fragilidade estatal e abrangem as fraquezas e as lacunas no desenvolvimento de cada estado da Ásia Central.

⁹⁴ Este grupismo ainda gera, até os dias atuais, preocupações para a Ásia Central, uma vez que a proximidade de relações entre os países e a sua constante participação em diversos organismos internacionais não permite, ao olhar de Anderson (1997: 89), uma oportunidade igualitária de desenvolvimento mas remete a uma repetição do que já pode ser observado no período soviético. A pretensão não é a dissociação nem o afastamento de relações interestatais mas a prudência no nivelamento destas relações para que não haja uma nova cadeia de centralização, e consequentemente, disrupção de poder e poderio econômico.

Desta forma, se faz necessário analisar a consolidação da necessidade de abertura econômica da Rússia para com a Ásia Central e analisar seu *status quo* no centro multipolar. A hipótese sobre a sua efetividade na construção dos estados de porcelana e na desconstrução da fragilidade estatal seguirá no subcapítulo seguinte.

4.2. A estratégia econômica russa: contrapontos e desafios

No panorama atual, a Ásia Central enfrenta múltiplos desafios econômicos e sociais, principalmente no Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão, por serem estados denominadamente mais vulneráveis. Para contrabalancear estes desafios, a participação de projetos de integração econômica tornou-se uma alternativa de obter assistência, crédito e recursos financeiros para combatê-los. Por mais que em termos de maior participação substancial seja representada pela China, o envolvimento econômico da Rússia é mais multifacetado, compassando setores energéticos como minério, construção de fontes de energia alternativas e novas tecnologias. A Rússia também possui maior representatividade nos setores de transporte, telecomunicação, militar, industrial e agricultura (Oliphant, 2013). Por sua participação, a Rússia tem incentivado um espaço que por intermédio desta cooperação, desvaloriza a fragilidade estatal e viabiliza o incentivo ao desenvolvimento do setor energético que até o começo da década de 90 não era tão valorizado no mercado euroasiático (Suzdaltsev, 2012).

Esta visão neoliberalista coloca a Rússia no epicentro das relações com a Ásia Central⁹⁵, já que a sua liderança é vista como capaz de estabelecer um ambiente em que as concessões econômicas provindas destas relações garantam um maior nível de interdependência para sua própria economia. Logo, não só a Rússia trabalha como um facilitador de propostas de integração, que advém de tentativas da criação de uma união aduaneira e um livre comércio mas também utiliza a liberalização de

⁹⁵ Por mais que a Rússia não encabece o topo da lista de países que contribuem com as trocas comerciais e investimentos financeiros diretos com os cinco países da Ásia Central, um papel que hoje é representado pela China, não é determinado que seu papel ativo na Ásia Central seja secundário. Porém, é reconhecido que sua preponderância econômica sofreu alterações em virtude do crescimento e poderio chinês.

sua influência, como combustível para reconstruir sua liderança hegemônica sobre a Ásia Central.

De acordo com Sinitsina (2012: 52-53), nos últimos seis anos a Rússia tornou-se um dos parceiros principais em assistência financeira juntamente à Associação para o Desenvolvimento (AID) do Banco Mundial, do qual injetou diretamente USD 580,3 milhões de dólares em 2010. Deste investimento, 64% foram garantidos em acordos bilaterais e 36% em acordos multilaterais, onde são construídos a maioria dos programas de desenvolvimento na Ásia Central⁹⁶ (Provost, 2011). Esta porção ainda é subdividida e administrada pela gerência da CEI e da EurAsEC, dos quais alocam estes projetos na tentativa de superar os níveis de pobreza (ver anexo 18) e obter um desenvolvimento social sustentável⁹⁷ (Banco Mundial, 2013b).

Em contraponto, a Ásia Central possui dificuldades em administrar os recursos que são injetados em seus governos (ver anexo 19). Esta premissa é fundamental na análise empírica da construção do conceito de estados de porcelana. É também um revés no que tange o preparo real da Ásia Central enquanto região em conter estes recursos de maneira apropriada, pois o problema não é a falta de recursos financeiros mas sim, a má administração deles. Por não responderem de uma forma sistêmica adequada às tentativas de modernização das economias e do estabelecimento de mecanismos internos para aparar a estabilidade macroeconômica e energética, a Ásia Central impõe desafios à política externa russa em intermediar a implementação de instituições liberais capazes de realizar tal feito (Starchak, 2008).

Outro fator importante a se considerar na política econômica da Rússia, é seu envolvimento, em particular, com a infraestrutura energética do Cazaquistão que interliga a Rússia a todos os outros países da Ásia Central. Esta questão nos remete à herança soviética, utilizada como uma forma de alavancar os interesses internos russos em função da necessidade de atestar que a Ásia Central possui um ‘débito’ com a Rússia. Desta forma, direta e indiretamente, acordos em patamares securitários

⁹⁶ Em 2009, a quantidade de recursos financeiros concedidos pela Rússia para a Ásia Central foi aproximadamente 40% maior que em 2010, para suavizar o impacto causado pela recente crise econômica e fiscal global de 2008 (Provost, 2011).

são particularmente observados nos casos do Tadjiquistão e Quirguistão, incluindo os acordos *Agreement on Cooperation and Mutual Assistance* assinado em Moscou em 25 de maio de 1995 e o *Confidence Building in the Military Field in the border of Kyrgyzstan, Tajikistan and China* da OTSC de 17 de maio de 1996 (ONU, 1996). Através deste envolvimento, questões como migrações laborais e remittências regionais se tornaram também pontos chave para as relações russo-centro-asiáticas (Donaldson e Noguee, 2005: 209-210). Apesar de que a identificação estatística esteja em progresso, há uma estimativa de que entre 2000 e 2011 houve um crescimento de aproximadamente 103% (ver anexo 20), acumulando um total de 2 milhões de uzbeques, 800 mil tadjiques e 600 mil quirguizes que migraram para a Rússia por motivos laborais⁹⁸, um acúmulo que pode chegar aos 4,5 milhões de habitantes centro-asiáticos em território russo (Provost, 2011).

Para Moscou, a presença da Ásia Central em seu mercado de trabalho é absorvida significativamente por sua economia, já que essa se torna mais uma faceta de sua relação mutualística. Para os países mais pobres da Ásia Central, a migração apresenta-se como uma forma de profissionalização⁹⁹, de redução das pressões sociais implicadas por seus governos e uma alternativa de desacerbar os altos níveis de desemprego, já que as medidas estatais encontram-se em sua maioria, insuficientes ou incapazes de suprir a demanda por não manejar sua mão-de-obra qualificada.

A sistemática de questões como cooperação econômica entre Rússia e Ásia Central, por interligar problemáticas laborais, fronteiriças e de sustentação financeira de entidades públicas e privadas, levam diretamente a uma lógica também securitária. Nessa ordem, o narcotráfico e presença de drogas ilícitas, desestabiliza severamente as fronteiras e comprometem as relações diretas entre todos os países

⁹⁷ De acordo com o anexo 5, 75% da população do Tadjiquistão e Quirguistão vivem abaixo da linha da pobreza, apresentando níveis críticos de desenvolvimento social.

⁹⁸ A maioria dos empregos buscados é terceirizada e de base terciária, como agricultores, serviços gerais e setores industriais (Oliphant, 2013).

⁹⁹ Um fator que torna ainda mais fácil a profissionalização é tanto o idioma, como a liberação das fronteiras pela não necessidade de aplicação de visto de entrada dos centro-asiáticos, na Rússia, tornando-se mais fácil a imigração ilegal para partes do país onde a regulação fronteiriça não é excessivamente rígida.

(OTAN, 2003). Tanto na Rússia como na Ásia Central¹⁰⁰, além do impacto humanitário, há uma dimensão econômica que constitui-se como um problema. De acordo com Oliphant (2013) o narcotráfico financia ilicitamente cerca de US\$ 20 bilhões para o setor econômico de práticas ilegais e ao crime organizado de ambas regiões, representando cerca de 26% do mercado de drogas mundial, perdendo apenas para o mercado ilegal presente no continente europeu.

A lógica de liberdade econômica juntamente com a racionalização da teoria smithiana da mão-invisível, relativizam a capacidade russa de permanecer como alicerce contínuo para o crescimento estável da Ásia Central, pois acreditam que a auto regulação dos mercados é capaz de politizar ainda mais o estado e fragmentá-lo (Walter *apud* Smith, 1994). A necessidade da aplicação do neoliberalismo sugere que a aplicação de organismos de regulação financeira e controle de corrupção, possam oferecer a administração de recursos necessária para a estabilidade econômica que a Ásia Central necessita, bem como garantir que haja uma redução significativa nos seus padrões não só de fragilidade, bem como de dependência.

A garantia que o conceito de estados de porcelana oferece permanece na afirmação de que a relação com a Rússia por mais que apresente fragilidades, amplia o discurso para a implementação de ideais neoliberais. Mello (2014), analisa esta premissa sob a seguinte ótica:

The deteriorating social conditions in the most marginalized countries in Central Asia creates an atmosphere of insecurity that enhance the deterioration of the statebuilding process, currently in-progress, fighting against the conceptualization of fragile states. Consequently, this opens up the opportunity and especially the need for a neoliberal discourse of integration and cooperation through open markets and more commercial trade and energy resource expansion in Central Asia through Russia (Mello, 2014: 197).

Assim, pode possibilitar-se a criação de uma atmosfera onde a cooperação e a integração econômica sejam o cerne do diálogo para a dissolução, em longo prazo, desta resistência ao desenvolvimento e conseqüentemente da fragilidade estatal, validando a hipótese de que a Rússia é um ator capaz de ajudar a transformar

¹⁰⁰ Incluindo o Afeganistão, sendo este um dos pivôs de inúmeras rotas e túneis de transporte ilegal de drogas e substâncias ilícitas, bem como apresentando-se também como produtor e intermediador de relações ligadas ao narcotráfico.

geopoliticamente e economicamente o quadro atual da Ásia Central, salientando que tal cooperação deverá manter-se em níveis amplamente sinérgicos.

4.3. Rússia no centro multipolar

No que corresponde um complexo em constante desenvolvimento, a Rússia apresenta-se como um aliado político e uma força externa de significativa proeminência, em termos de políticas substanciais, mutualísticas e investimentos na Ásia Central, como supracitado. Entretanto, é notável também o crescimento e a significância da China enquanto ator econômico, do qual influência vem rapidamente crescendo. No Cazaquistão, Quirguistão e Turcomenistão, a China já lidera como principal parceiro comercial e industrial, deixando a Rússia em caráter relativamente secundário na luta pela influência centro-asiática, observando-se assim na China uma oportunidade de expandir o mercado na Ásia Central. Na presença desta crescente rivalidade, ainda são dúbias as intenções chinesas na transferência deste ordenamento econômico para político, já que sua política externa não é tão voraz quanto a política econômica.

Referente ao espectro securitário, a Rússia enxerga a Ásia Central como uma região relevante, no que tange suas fronteiras, pois por sua extensão geográfica, possui inúmeras oportunidades de rotas comerciais e fronteiras a serem exploradas. As políticas securitárias russas em respeito ao cenário internacional mantêm-se voltadas para seus próprios interesses, pois a Rússia não se posiciona a favor de intervenções securitárias consideradas desnecessárias ou que possam torna-lo uma ‘patrulha’ internacional dos contingentes centro-asiáticos. Como já foi explanado no terceiro capítulo, a última não-intervenção em assuntos securitários aconteceu nos eventos de Osh, em 2010, reforçados pelos princípios de cautela e prudência, intermediados pela OTSC. Allison (2001: 88) afirma que mesmo que a intervenção acontecesse, ela seria mal interpretada, uma vez que os interesses políticos, econômicos e energéticos são nevrálgicos e multifacetados, podendo haver assim, custos políticos irreparáveis perante à comunidade internacional¹⁰¹.

¹⁰¹ Pode ser observado aqui um crescente antagonismo na política securitária russa, uma vez que suas estratégias de intervenção são amplamente dicotômicas na decisão de onde devem e podem infiltrar-

No que tange às organizações, a OTSC e a OCX seguem como formas multilaterais de diálogo e direta e indiretamente servem o propósito funcional proposto pela Rússia. A OTSC consolida-se como uma forma da Rússia manter-se relevante na área securitária, juntamente com a OTAN. A OCX e a EEU representam a tentativa de cimentar a sua influência político-econômico na Ásia Central (Sinitsina, 2012: 44). É compreensível que, a tentativa de tornar a Ásia Central menos dependente, possui, por um viés realista, um revés de subserviência. As tensões causadas entre a Ásia Central e a Rússia em uma esfera multipolar e globalizada, culminariam em um ponto da qual a necessidade do neoliberalismo se faz necessária para evitar a fricção em suas políticas internas.

Em caráter multipolar a política russa comportou-se na última década, de acordo com Craig Oliphant de forma em que:

In essence, though, a basic component of the Russian approach, hitherto offering uncritical support where it can to the Central Asian states and economic benefits in exchange for geopolitical loyalty to Moscow, seems set to continue unchanged. That is predicated on a view that Central Asia is the last bastion of Russia's 'sphere of influence' outside its own borders (Oliphant, 2013: 13).

Isto implica que a Ásia Central ainda é referida como uma região dependente das trocas comerciais e apoio político para manter-se influente e garantir, de alguma forma, influência. Se faz necessário, a alusão da reflexão que aqui, analisa-se a trajetória de um recém-nascido político que ultrapassou uma barreira secular de dependência em índices históricos, logo, a dissipação da influência é necessária mas é gradualmente divergida pelo sistema multipolar. A Ásia Central continuará a ser vista como uma região em constante desenvolvimento, sendo suas relações de severa dependência ou não. O que há de se atestar, é a sua capacidade de driblar a volatilidade e ultrapassar as barreiras da fragilidade estatal, mostrando seu real potencial através da implementação de ideais neoliberais.

se. Recentes atividades como a invasão e conquista do território da Crimeia e a invasão de territórios ucranianos, são exemplos da rotatividade de interesses incongruentes russos. Por um lado, a Ásia Central beneficia-se do pacifismo russo em seus territórios, mas por outro, vê-se refém da sua própria fragilidade em casos de erupções dentre movimentos sociais e guerras civis.

4.4. Rússia: eixo hegemônico de interação centro-asiática

Ao longo deste capítulo sintetizamos as estratégias econômicas da Rússia, quer individualmente, quer no âmbito do desenvolvimento de sua política externa para com a Ásia Central. Observamos os interesses nas táticas de cooperação em termos de financiamento ao desenvolvimento e a estruturação do sistema econômico da Ásia Central e o comportamento desta cooptação de recursos perante a sociedade internacional. Para esta análise, contribuiu a identificação das fragilidades e resquícios políticos herdados pelo legado soviético deixado após a transição da União Soviética para o complexo geopolítico que hoje é observado.

Vimos que o protecionismo político e a resistência às liberdades políticas são heranças que potencializam a fragilidade estatal e alimenta a dependência em hegemonias ocidentais e orientais, enfatizando a capacidade ainda prematura da Ásia Central em reivindicar um senso político comum, forte o suficiente para superar suas fraquezas. Vimos que a Rússia após a transição pós-guerra-fria transformou sua política externa perante a Ásia Central, focando na liberalização dos mercados, investindo na abertura de fronteiras para a recepção de mão de obra centro-asiática e injetando recursos para que o fluxo comercial cresça a partir de ideais de organizações como a EEU e a OCX. Potencialmente, a Rússia visualiza a Ásia Central de forma positiva, promovendo a expansão euroasiática, em relações sinérgicas com a China, no que tange a manutenção de fronteiras com o Cazaquistão, a presença de reforço securitário no Tajiquistão e estratégias políticas com o Uzbequistão.

A Rússia então se constitui como um eixo hegemônico que distribui ideais de cooperação, embebidos, em sua maioria, na teoria neoliberal constituindo uma cooperação política, econômica e securitária que pode, em longo prazo, gerar benefícios significativos para ambas as regiões. Ao comprovarmos a hipótese de que a Rússia mostra-se imprescindível para construir entidades neoliberais de rígida transformação para a Ásia Central, receia-se que a entrada da China na cooperação com o território centro-asiático imponha desafios à manutenção de sua hegemonia e de seu poderio político sobre seu *protégé*.

A resistência ao desenvolvimento da Ásia Central torna-se então um desafio imposto não somente pela qualificação do sistema internacional em identificar suas fragilidades mas também à aplicabilidade teórica e empírica da conceituação de estados de porcelana, desafio qual será abordado, ao confrontar as temáticas centrais da Ásia Central no próximo capítulo.

Capítulo 5. A Ásia Central e o Sistema Multipolar Atual

A Ásia Central é uma região onde a China e Rússia, dois atores significativamente competidores na dominância política mundial, possuem seus interesses convergentes. Não obstante, os EUA expressam suas vulnerabilidades, estrategicamente alinhadas com interesses socioeconômicos e securitários na Ásia Central. Estes interesses não se resumem, portanto, em efetivamente conter uma China em ascensão ou desfragmentar uma expansão geopolítica russa ou, ainda, minimizar sua estratégia econômica. Entretanto, a tentativa de contenção ainda não é descartada totalmente após o aparecimento de uma esfera multipolar pós-guerra-fria, o que torna a interação entre as três potências na Ásia Central relativamente controversa (Müllerson, 2007).

Por um lado, os estados de porcelana beneficiam-se da predominância de três potências na interferência de seus governos e na influência direta, sendo essa organizacional ou privada. Por outro lado, reconhece-se que a relevância desta interferência não somente é benéfica mas fundamental para a instauração do progresso, já que nem sempre a relação entre estes três atores há de ser necessariamente conflitante (*Foreign Affairs*, 2012).

Ao longo deste capítulo, iremos analisar o desenvolvimento do conceito de estados de porcelana na Ásia Central perpassando o seu valor energético e o desenvolvimento econômico, que será contabilizado e quantificado nas últimas duas décadas. Através da análise destes fatos, testaremos se as flexibilidades da Ásia Central em relacionar-se com múltiplas hegemônias, através da cooperação e cooptação de recursos financeiros, contribuem para a reversão de índices de fragilidade e para seu crescimento e influência no sistema internacional.

Veremos, como o desempenho da Ásia Central se distribuiu nas últimas décadas e como sua estabilidade está interligada aos processos de relações de interesses, cooperações energéticas e econômicas, e projetos de integração, a fim de consubstanciar a sua presença como região geopolítica agregadora e promotora de desenvolvimento para a Eurásia como um todo. Finalmente, elucidaremos os antagonismos entre as definições teóricas e empíricas impostas à Ásia Central no que

tange a normatividade de estados frágeis e comparativamente, será aplicado o debate imposto pelo conceito de estados de porcelana, a fim de clarificar sua aplicabilidade no contexto multipolar.

5.1. Ásia Central e a expansão energética

A questão energética é de suma importância para a construção dos estados de porcelana pois remete à uma função da redução da fragilidade estrutural encontrada principalmente em países como o Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão. Isto se dá, majoritariamente, porque a integração entre indústrias energéticas é uma estratégia chave para a promoção de mecanismos de integração entre estados, pois gera, em suma, uma quantidade significativa de investimentos, recebimento de recursos financeiros e a produção consequente de energia, produtos e renda, otimizando seu sistema econômico e tornando-se primariamente, uma das principais de formas de sustentação governamental (Sinitsina, 2012). Esta redução já é presente com ascensão do Cazaquistão nas políticas da OCX e com sua aproximação com a Rússia.

A estratégia cazaque de tornar a cooperação energética o carro-chefe do seu desenvolvimento o tornou, juntamente com a Rússia, um dos maiores produtores de combustíveis e hidrocarbonetos dentre os estados do espaço pós-soviético (ver anexo 21), exportando cerca de 70% da sua produção geral (Paramonov, 2011). O Turcomenistão chega em segundo lugar, exportando cerca de 67% do seu combustível e 75% da sua produção de gás natural, em grande maioria para território chinês e iraniano e também para território ocidental através da BTC (Paramonov, 2011).

Apesar deste crescimento, ainda há lacunas no progresso desta integração, pois países como Quirguistão e Tadjiquistão ainda são consideravelmente dependentes da distribuição energética cazaque e russa, da qual é monopolizada pela empresa Gazprom (Oliphant, 2013: 7). Em ambos os países a produção energética é cooperativa na criação de energia elétrica tanto pela produção de hidrocarbonetos, essa em menor quantidade, como pelo uso de recursos hídricos, em maior quantidade. No Quirguistão há a projeção da construção da hidrelétrica Kambarata, com financiamento russo, da qual terá quatro subestações que redistribuirá energia

para todos os cinco países da Ásia Central, através de um projeto de integração entre Quirguistão, Rússia e Tajiquistão (Oliphant, 2013).

No Tajiquistão, há ambiguidades entre a influência da Rússia, China e Cazaquistão nas suas políticas energéticas, pois o Uzbequistão é um severo opositor dos projetos de criação de hidrelétricas e oleodutos que cruzam seu território. Isto se dá majoritariamente pela crescente rivalidade entre suas fronteiras, que já culminaram nas guerras civis de 1991 e 2010. Entretanto, os projetos de cooperação ainda posicionam-se em discussão na construção de hidrelétricas nos rios Amu-Darya e Syr-Darya, das quais beneficiariam exponencialmente a produção energética do Quirguistão e Tajiquistão e reduziriam suas dependências econômicas, impondo que esta seria uma alternativa viável para a redução, de sua também, fragilidade (Laruelle, 2009). A construção de grandes projetos como estes são propostas que os governos russos e chineses estão dispostos a perseguir, pois, além de proporcionar a redução de dependências, otimizaria as relações diplomáticas entre os países, facilitando o desenvolvimento econômico e otimizando seus indicadores.

Em contraste, a quantificação da produção energética em um sistema multipolar é efêmera, quando analisamos a produção em grande escala o seu impacto no sistema econômico internacional. De acordo com o *British Petroleum* (2014), os países da Ásia Central comportam 8% de toda fonte energética mundial, e sua produção mundial, durará entre 2025 a 2030¹⁰². Ao comparar com a fonte energética no Médio Oriente, da qual comporta, segundo o *British Petroleum* (2014: 28) cerca de 70% da fonte energética mundial, é possível concluir que a produção e o interesse das políticas de integração econômica que surgem através das fontes energéticas são de importância estratégica exclusivamente russa e centro-asiática e aspiram, em menor calibre, atingir o mercado mundial.

Faz-se pertinente assim, quantificar o crescimento da Ásia Central, perpassando pelo crescimento individual de cada estado, durante o período do qual o seu envolvimento com o sistema multipolar tornou-se mais latente. Assim, na

¹⁰² Estes dados são passivos de alteração conforme a oferta/demanda for crescente ou não. De acordo com a *British Petroleum* (2014: 26) há sempre a possibilidade de alternativas energéticas renováveis e da descoberta de novas fontes de energia nos territórios de difícil acesso.

próxima seção, observaremos em quais aspectos a Ásia Central se desenvolveu e quais recomendações são necessárias para que este desenvolvimento seja contínuo. Deste modo, analisar-se-á, o período contabilizado entre os anos 2000 e 2014, restringindo unicamente as flexibilizações econômicas.

5.1.1. Desenvolvimento econômico da Ásia Central entre 2000-2014

Na presença de um sistema multipolar, elementos e tendências hegemônicas são dimensões presentes, considerando que esta hegemonia é exercitada não somente apenas por um poder individual, mas por poderes conjuntos ou separadamente em forma de polos. O desenvolvimento da Ásia Central, enquanto região, é denominado desta forma inerentemente. Neste contexto, ao observarmos a quantidade de reservas energéticas e os modelos de reforma política que estão sendo aplicados na Ásia Central, especialmente nos países onde os indicadores de fragilidade são maiores como no Quirguistão, Tajiquistão e Uzbequistão, a atividade econômica que vem sendo manejada nas últimas duas décadas, mostra um exponencial crescimento, sendo estes mais relevantes entre os anos de 2000 a 2014 (ver anexo 22). É perceptível, através do relatório do FMI de 2013, observar um elevado crescimento no PIB de todos os países constituintes da Ásia Central. O Turcomenistão lidera os índices, com uma média entre 2000-2014 de 11,7% de crescimento, enquanto o Uzbequistão participa com 7,7%, o Tajiquistão com 6,8%, o Cazaquistão com 5,5% e o Quirguistão com 4,1% de crescimento do PIB (FMI, 2013).

Parte deste crescimento é derivado da recuperação da liderança do setor energético euro-asiático estimulada pela crescente demanda interna e uma diminuição na demanda russa, que apesar de vital parceiro exportador e importador, apresentou sinais de redução de dependência nas reservas centro-asiáticas (FMI, 2013). Este crescimento, que atingirá o esperado de 6,2% entre 2014-2015, é reflexo da expansão de setores de produção extrativa, como o ouro, o algodão e a seda, acompanhados de um avanço em políticas fiscais para suportar o aumento da produção (FMI, 2015). Entretanto, se faz pertinente, na alusão de que o crescimento é passivo de remitência, que este quadro positivo no crescimento da Ásia Central, enquanto região, deve ser monitorado, conforme o crescimento de economias como a

China, Rússia e Turquia, na intenção de evitar a redução de taxas como o PIB, prejudicando os setores mais basilares da economia centro-asiática como o petróleo, gás, metais e produtos provindos do agronegócio (FMI, 2015).

Nesta ordem, necessita-se avaliar os indicadores propostos pela OCDE no seu relatório de 2012, do qual supracitamos na introdução ao elucidar o conceito de fragilidade estatal. A monitoração da fragilidade não avalia indicadores de cooperação ou participações em modelos de integração como a OCX e a EurAsEC, logo, reduções quantitativas de índices fragilidade produzem resultados que descompassam substancialmente políticas internas e de relacionamentos multipolarizados. Desta forma, é incompreensível explicar o estratagema político que está por trás da reversão da fragilidade, abordando apenas recursos financeiros e suas aplicabilidades nos tópicos de fragilidade, como violência e justiça por exemplo (Kaplan, 2015a).

Assim, apenas o pedido pela cooperação e as recomendações políticas não chegam a produzir efeitos reais na mudança ou no envolvimento político-econômico da Ásia Central, ou qualquer região ou estado considerado frágil (Jenish, 2013). A mudança, primariamente, deve ser vista pelo lado interno valorizando as problemáticas domésticas. É certo que o conceito de estados de porcelana preconiza veementemente a necessidade de cooperação de forma atuante, entretanto também reconhece que a sanidade do aparelhamento estatal doméstico deve ser priorizada para que haja uma transformação *inside-out*, já que não há cooperação sem a normatividade e o desejo coletivo doméstico (Kaplan, 2015a).

Ao analisar que o crescimento ativo da Ásia Central mantém-se por cerca de quinze anos, é possível chegarmos à constatação de que sua rede de cooperação mesmo sendo ela majoritariamente política, tem produzido efeitos positivos para seu desenvolvimento multilateral. A reversão é um processo contínuo que precisa ser analisado conforme estas tendências cooperativas tendem a evoluir, comprovando a eficiência do setor financeiro e a prudência da regulação e supervisão dos mecanismos de relacionamento multilateral com demais organizações e propostas de

integração¹⁰³. Essa evolução tende a criar uma oportunidade para o fortalecimento de quadros políticos como o do Quirguistão e Tajiquistão, fazendo que o curso deste fortalecimento projete uma transformação estrutural em economias não tão dinâmicas (McDermott, 2013). A flexibilidade que a Ásia Central demonstra em comportar os múltiplos efeitos na proteção dos seus recursos financeiros, no encorajamento de políticas participativas no mercado euro-asiático, na reforma do mercado laboral regulatório e na proteção de sistemas econômicos de desenvolvimento projeta o fortalecimento e contribuem para a redução e conseqüente reversão progressiva dos índices de fragilidade.

Esta identificação concorre a validação da primeira hipótese apresentada por este trabalho, afirmando que a flexibilidade contribui não somente para a reversão mas para a equivalência da redução progressiva da fragilidade, indicando que o crescimento da Ásia Central têm-se mantido não só contínuo mas como aspira a crescer, seguindo as previsões de organismos como o FMI (2014: 84) e o Banco Mundial (2014a: 99), elaborando um prisma onde os antagonismos entre suas problemáticas são mais secundários que o seu desenvolvimento propriamente dito.

Não obstante, quando mostram que podem manter índices de proteção sociais adequados multiplicam o PIB e fortalecem sistemas educacionais e promovem com inúmeros parceiros, como a Índia, China, Turquia e Rússia modelos de integração como a OCX e a EEU. Doravante, como forma definitiva e comparativa, se torna necessário compreender as formulações entre fragilidade e os estados de porcelana, comparar suas diferenças, reconhecer suas similaridades e promover a atuação dos estados de porcelana como pressuposto de apropriação para denominação da Ásia Central.

5.2. Fragilidade estatal e seus enquadramentos

Como é proposto pela crítica à fragilidade estatal, baseado nos princípios do neoliberalismo, a integração e a cooperação são consideradas as principais ferramentas para um desenvolvimento mais coeso da Ásia Central, e conseqüentemente, uma das maiores estratégias para a reversão das suas

¹⁰³ Ou o fortalecimento das mesmas.

problemáticas. Este processo de reversão oferece a alusão da diminuição da problemática em longo prazo, enquanto a redução, ou, apenas o conhecimento deste problema remete à sua continuidade, logo, não produzindo efeitos socioeconômicos significativos para a transformação dos modelos de governança e das doenças político-econômicas encontradas na Ásia Central (Kaplan, 2015a).

Na alusão do estudo da fragilidade estatal e do seu entrelaçamento com a Ásia Central, remete-se o questionamento: o que é um estado frágil e o que o torna frágil? É possível recorrer aos índices de fragilidade e dissociar-se deles? Comumente, a causa primária da fragilidade estatal é vinculada à uma visão pouco alargada de governança, rápido crescimento populacional e pouca capacidade de relativizar suas necessidades, crescentes níveis de insegurança e volatilidade securitária, má distribuição de renda, pouca ou ausência de mecanismos fiscais de combate à corrupção, estagnação do produto interno bruto, incapacidade de manutenção das instituições financeiras e organizações governamentais e não governamentais em acessar programas de desenvolvimento humano, político e econômico e fragilidades na legitimidade governamental (FFP, 2014).

Além disto, como identifica Pureza, o conceito de estados frágeis surgiu de um paradoxo produzido pela emergência do pensamento neoliberal (Pureza, 2006). Este conceito, sendo uma expressão de poder, definia o propósito da existência de um estado e da hierarquia em que este é inserido. Se há organismos que hierarquizam a capacidade de desenvolvimento estatal, esta hierarquia é baseada na capacidade de um estado ser bem ou malsucedido (Pureza, 2006).

Sendo a definição de sucesso uma antítese implícita à fragilidade e falha estatal, este modelo implícito, é definido por Pureza, como um arquétipo do modelo estatal weberiano ocidental, logo, todo estado frágil falha em não conseguir mimetizar as capacidades políticas, culturais e institucionais de um estado ocidental em seu contexto desenvolvimentista (Pureza, 2006). Seguindo a lógica dos indicadores, o fator de renda per capita também é indicado pelo Banco Mundial (2014a: 88) mas Laruelle (2013: 54) havia postulado que esta premissa necessita ser

retirada, uma vez que “não legitima a fragilidade já que não há argumento empírico que reforce esta afirmação”¹⁰⁴.

Outro argumento que pode ser invalidado é a ‘forma de regime’ que é aplicada, pois da forma como é argumentado pela OCDE, países como China e Líbia foram categorizados por sua legitimidade e “incapacidade”, em termos, de manter um desempenho nos parâmetros corretos, alertando a fragilidade em seus níveis de governança (OCDE, 2012). Não é possível identificar a fragilidade desta forma, uma vez que apesar de ambos compartilharem o autoritarismo como módulo de governança, a Líbia enfrenta um processo de guerra civil e suas condições políticas pós-2011 mudaram drasticamente e a China possui a liderança nos mercados em trocas comerciais mundiais, o que leva a crer que o modelo de governança não aufere mudanças significativas nos processos de fragilidade (Kaplan, 2015a).

A fragilidade que é criticada aqui é a fragilidade sintomática, que determina pouca previsão do que acontece ou pode vir a acontecer com um estado frágil. Uns estados mostram sinais de fragilidade quando há crises internas e externas, outros, como Paquistão e Coreia do Norte, são resilientes mesmo à beira de um colapso estatal (Kaplan, 2015b). Estados frágeis não são como outros estados, eles funcionam por um prisma divergente das dinâmicas sociopolíticas. Assim, eles contingenciam obstáculos para a estabilidade, o desenvolvimento e, quando raramente necessário, a democracia e por conta destes obstáculos, as reduções, reversões e transições não são construídas de forma homogênea.

A compreensão da fragilidade remete à determinação de que crises atingem todos os estados, seja ela forte e estável ou fraca e passageira. Os momentos de fragilidade do qual os estados, eventualmente, enfrentam e fazem com que as estruturas dos seus mecanismos de governança sofram e ameacem seu desenvolvimento, pode ser devastadora para os estados que possuem mais dificuldades e não compartimentam a resiliência em se adaptar a estes momentos (Kaplan, 2015a: 52). Mesmo desta forma, qual o período desta fragilidade? Há uma

¹⁰⁴ Pelo contrário, países que são considerados frágeis como a Nigéria e o Paquistão, são países que sustentam classes baixa e média e possuem crescimento na renda per capita, invalidando empiricamente que o fator “distribuição de renda” seja delimitante para classificar fragilidade.

substancialidade na periodicidade, uma vez que alguns estados sobrevivem suas desigualdades enquanto outros perduram nos seus problemas?

A factóide causal e a sua periodicidade pode variar substancialmente de acordo com a capacidade dos estados em perdurar em frente às problemáticas que podem ser sintomáticas ou reflexivas (Letouzé, 2013). Por exemplo, em alguns casos, como no Brasil em 2014 e 2015 que precederam as eleições e pós-eleições deixaram o país em um estado onde a economia ficou fragilizada e vulnerável a colapsos socioeconômicos internos que, agora, começam a se estabilizar (Pellegrini, 2015). O Quênia enfrentou a mesma situação em 2007 quando sua eleição durou por um ano completo. O Iraque desintegrou-se completamente após a invasão da Guerra ao Terror em 2003 e seu momento de fragilidade perdura por mais de uma década. Há nestes exemplos, a lacuna de que muitos estados não veem na cooperação uma forma de navegar uma saída para sua fragilidade. Neste sentido, Seth Kaplan concatena:

Fragile states demand a patient, pragmatic, and customized approach from the international community, one that peers far beyond the governance indicators and crises of the day. Attention needs to focus on underlying sociopolitical and institutional structures and dynamics [...] Leaders of the international community should not assume that all good things—improved security, better public services, democracy, and so on—go together. Fragile states face myriad challenges, and these cannot all be addressed simultaneously (Kaplan, 2015b: 60-61).

Quando há falta de coesão social, fragmentação política e pouca capacidade de governança e eles tornam-se uma problemática homogênea, o resultado desta equação resulta em falta de legitimidade estatal. Esta divisão na formação de fragilidade é apresentada como uma das maiores causas para transição entre estado “puro” como argumenta Buzan (2000:34) para estado frágil. Entretanto, este argumento recusa os ideais de cooperação como formas proativas de recusa à fragilidade. A crítica é incipiente e a realidade neoliberal requer soluções que emerjam em respostas destes momentos de fragilidade, o que nos leva a observar que a lacuna na conceituação de fragilidade estatal não é a legitimidade teórica, tampouco sua quantificação e qualificação mas a sua incapacidade em provar empiricamente como estados frágeis devem reagir à fragilidade.

Consequentemente, ao identificar a experiência da Ásia Central como região frágil e de grande alerta para a comunidade internacional, perfazendo apenas suas problemáticas como fatores delimitantes, resta pouco ao argumento de como esta região deixa de ser frágil apenas por abandonar os índices de fragilidade mas sem recomendar como e por onde estas normativas devem ser abandonadas (Anderson, 1983). Nos casos do Quirguistão e Tajiquistão, onde a experiência pós-soviética ainda amarga os mecanismos de sua estabilização, a transição entre fragilidade e *estados de porcelana* é palpável pela emergência da possibilidade da identificação de parâmetros horizontais, como a valorização do etnonacionalismo, da religião e do uso de seus recursos energéticos primários como formas tangenciais para esquivar seus momentos de fragilidade.

A capacidade de tornar suas fragilidades em fatores de potencialidade, torna-se possível, pois pela atratividade socioeconômica e pela vontade política cooperativa, as vulnerabilidades tornam-se secundárias. Apesar de ambos os países serem divididos entre grupos etnicamente, regionalmente e religiosamente diferentes e por sua classe média ser relativamente pobre, possuir pouca experiência com normativas internacionais devido ao protecionismo do seu mercado e a experiência com a democracia ainda ser embebida de autoritarismo, a cooperação horizontal e a vontade política, junto com a necessidade de estabelecer a sua interdependência, determinou a capacidade das instituições construírem diretivas entre modelos de integração que permitiram o crescimento da renda, da educação e diminuição dos índices, outrora alarmantes, de pobreza. O trabalho de organismos como a OTAN, OCX e EurAsEC provam que as aberturas da Ásia Central aos mecanismos de cooperação não passam despercebidos e que a fragilidade é, neste caso, teoricamente insuficiente ou é considerada uma fragilidade sintomática.

5.3. A aplicabilidade dos estados de porcelana na Ásia Central

A construção do conceito de estados de porcelana é provinda da identificação das lacunas apresentadas na fragilidade estatal, pois procura, concomitantemente, determinar que estes antagonismos sejam processos não só identificáveis, mas reversíveis. Consequentemente, a solução ou a identificação de como reverter estes

problemas políticos e socioeconômicos não tornam os estados imunes à fragilidade ou ao colapso, seja este por fatores exógenos ou endógenos, pois são consequências inerentes do percurso e da construção da independência e do desenvolvimento (Pureza, 2006). Para compreender os estados de porcelana no contexto da Ásia Central, se faz necessário analisar a limitação do conceito de fragilidade estatal e como o conceito de estados de porcelana traz, em si, a complementação empírica que ajuda a ultrapassar as lacunas e limites observados na fragilidade, baseado nas premissas de Kaplan (2015b), das quais alumiam a essência que esta crítica carrega.

Sobre a premissa *“um estado de porcelana é todo aquele que demonstra alternativas (in)formais de ordem, segurança, desenvolvimento econômico e governança”*, esta remete a onde os estados estejam divididos em múltiplos grupos identitários, geográficos e de formas de governança, a alternativa informal seria balancear a distribuição de poder para que este seja utilizado com mais efetividade. Desta forma, seria estabelecer um padrão internacional, como postula Woodward, em remeter que a importância da emergência de um modelo de responsabilidade estatal, expressa a realidade da sintetização de fatores exógenos como a internação de fatores básicos de governança como a economia, a justiça, segurança e a administração política (Pureza apud Woodward, 2006).

Por exemplo, toda e qualquer fonte de poder que seja exacerbadamente concentrada em um único polo, ou seja, protecionista, tende ao cultivar um método de governança assimétrico, logo, isento de fatores cooperativos, dessa forma, é possível validar a normatividade da horizontalidade e verticalidade, já que não há cooperação econômica ou social, sem relações multipolares. O que seria do Cazaquistão, se ele mantivesse sua política energética e industrial longe da Rússia e da China? Consequentemente, o que seria dos mercados quirguizes e turcomanos sem este efeito cooperativo dominó? A estabilidade da Ásia Central é inerentemente interligada à cooperação porque geopoliticamente é sua melhor forma de desenvolvimento. Outro exemplo como os projetos de união aduaneira e mercados comuns propostos pela Rússia asfíxiaria a economia da Ásia Central? De nenhuma forma, a abertura de mercados projetaria uma fragilidade para o Tajiquistão ou para o Uzbequistão, países em qual o mercado laboral é presença maciça na Rússia. A

interligação do espaço pós-soviético é vital pois economicamente e no âmbito securitário, a abertura para um método neoliberal é relacionado aos ganhos mútuos (Kaplan, 2015a).

A afirmação “(...) *em prol de reverter suas fragilidades ao invés de reduzi-las. Logo, estados de porcelana são reconhecidos como estados com capacidade de manejar suas vulnerabilidades*”, possui exemplos práticos de como é possível institucionalizar esta cooperação em um espaço heterogêneo como a Ásia Central. As práticas do regionalismo operacionalizada por organismos internacionais, como a OCX, a EurAsEC e o CAREC oferecem incentivos fiscais que diminuem divisões identitárias, como no Quirguistão e Uzbequistão, má capacidade administrativa como no Quirguistão, Tadjiquistão e bases integracionárias que revestem a economia e protegem seus ideais domésticos.

Estas estruturas internacionais são métodos que propõem melhorar e reforçar os padrões de qualidade estatais e demonstram, por viés neoliberal, como instituições funcionam em prol da melhoria da governança. Sabe-se que, na maioria dos países da Ásia Central, o autoritarismo é prevalente, com incursões, aos ideais democráticos, que por mais que existentes, não são executados. Esta forma de governança é fruto do legado soviético e por mais que, criticada entre a comunidade internacional, permanece provendo resultados de crescimento desde a concretização de sua independência.

É certo que, em contraponto, há a identificação de fragilidades e problemáticas que gradualmente evoluem em consonância com o desenvolvimento, e é este fator que torna a Ásia Central rica em resiliência e em senso de progresso, pois sabe-se que esta fragilidade não possui característica *ad infinitum*, como regiões da África Meridional e estados como Síria e Líbia. O conceito de estados de porcelana propõe que a reforma na Ásia Central é gradual e reconhece a imaturidade da região mas conduz seus procedimentos como melhorias que adjudicam a responsabilidade do desenvolvimento, responsabilidade esta compartimentada de formas divergentes pelo Cazaquistão, Turcomenistão e Uzbequistão, Quirguistão e Tadjiquistão mas proximais quando a alusão à redução da fragmentação econômica e fortalecimento político se fazem presentes.

Constatamos que as lacunas ofertadas na fragilidade estatal oportunaram a presença dos estados de porcelana, pois estes oferecem alternativas empiricamente válidas para constituir que a Ásia Central é uma região em desenvolvimento, aberta ao diálogo e a cooperação, adequando-se a diferentes contextos e percepções internacionais. Relevamos, que estados como a Rússia e a interação entre as propostas de integração têm projetado um crescente desenvolvimento, que desde 2000 não sofre nenhum sinal de retrocesso, contribuindo para a estabilidade e consubstanciando a promoção do desenvolvimento.

Analisamos estatisticamente e empiricamente a evolução energética e econômica da Ásia Central, centralizando o Cazaquistão e Turcomenistão como atores que lideram este desenvolvimento em detrimento da sua distribuição econômica e seus modelos de governança mas não excluindo o desenvolvimento vertical e horizontal dos demais países centro-asiáticos. Revelamos, que a cooperação e a dependência dos estados possuem uma relação de flexibilização e mutualidade, não podendo descentralizar-se nem abranger-se, ainda, para o mercado global, uma vez que o seu desenvolvimento ainda é afetado regionalmente.

Observamos, por último, a inter-relação entre a fragilidade estatal e o que a torna problemática e inexperiente para definir a Ásia Central como partícipe de índices de fragilidade. Vimos que as formas de regime, os modelos de governança, as regulações fiscais não podem ser amplamente utilizadas como parâmetros de quantificação de fragilidade, pois não compartimentam nem aproximam empiricamente a realidade que a Ásia Central atualmente enfrenta. De modo contrário, utilizamos as formas de cooperação e os mecanismos de flexibilização como a interação com as potências hegemônicas e as propostas de integração, como formas de aplicabilidade de promoção ao desenvolvimento, e que estas, aproximam-se da realidade da Ásia Central pois mostram, que podem ser ferramentas que não só reduzem mas revertem quadros de decréscimo estatal.

Conclusão

O percurso que nos propusemos a analisar nesta dissertação, foi analisar a Ásia Central em um sistema multipolar, enquadrado dentro da proposição do conceito de estados de porcelana, com a finalidade de trazer o contributo da desconstrução de fragilidade para o complexo regional da Ásia Central. Neste sentido, enquadrámos a participação da Ásia Central com atores como a Rússia, China, EUA, OCX, EurAsEC e EEU e suas áreas de interesse específicas. Identificamos que estes são constituintes da promoção da cooperação e redutores de fragilidade, na finalidade de comprovar o nosso argumento de que a construção do conceito de estados de porcelana é um agente provedor de cooperação e distanciador dos fenômenos da fragilidade estatal, proposto por seus indicadores. Para este exercício seguimos uma metodologia histórico-documental, de fontes primárias e secundárias, orientado pelos questionamentos dos quais nos propusemos a elucidar: Quais transformações a Ásia Central sofreu no cenário multipolar que contribuíram efetivamente para seu estabelecimento como estados de porcelana? Este questionamento traz consigo também perguntas como: como a fragilidade estatal perdeu sua significância na Ásia Central e quais lacunas são apresentadas que levam sua desconstrução? De que forma o conceito de estados de porcelana é capaz de, à luz das relações internacionais, reduzir os antagonismos apresentados pela fragilidade estatal?

No quadro teórico, explicamos a necessidade da cooperação e da diminuição do protecionismo, com os propósitos de solidificação da independência e da estipulação de novos acordos econômicos entre a Ásia Central e seus parceiros, através da escola de pensamento neoliberal. Determinamos que a transformação de um mundo bipolar para multipolar ao final da Guerra Fria compôs um pluralismo político e propôs à Ásia Central uma universalização de métodos que compusesse influências socioeconômicas orientais e ocidentais capazes de produzir os resultados desejados. Para este desiderato, analisamos as políticas internas e evolutivas da Ásia Central pós-independência e determinamos os interesses que os levaram a conduzir o método político neoliberal como enfoque principal.

Sob a formulação de duas hipóteses, definimos os conceitos de fragilidade estatal, estados de porcelana e multipolaridade, dos quais foram inseridos em um contexto econômico e, de forma secundária, energético, utilizando indicadores como documentos oficiais e relatórios de fragilidade relacionados com indicadores socioeconômicos e políticos vinculados à Ásia Central.

Nosso primeiro capítulo empírico foi dedicado inteiramente à análise da interação da Ásia Central com atores multipolares que estão diretamente interligados e indissociáveis das suas relações econômicas e geopolíticas, da qual contribuiu nas duas primeiras décadas do seu desenvolvimento para a sua relevância no novo cenário internacional pós-guerra-fria. Neste sentido, validamos a primeira hipótese ao identificarmos que a normatividade política dos estados de porcelana é capaz de suprir as lacunas observadas na fragilidade estatal, propondo métodos efetivos de estabilização econômica, redução de índices de inflação, formulação de acordos bilaterais e multilaterais através de organizações internacionais como a OCX e a EEU e conseqüentemente, na redução de heranças provindas do período soviético, ao identificar que os estados de porcelana aproximam-se mais ao desenvolvimento do que o antagoniza. Neste sentido, vimos como a cooperação econômica e o desenvolvimento das fontes energéticas e, concomitantemente, securitárias, são ferramentas viáveis para incentivar o balanceamento da evolução centro-asiática e fragmentar suas fragilidades.

O palco interativo com a OCX e a EurAsEC e EEU passou por diversas transformações políticas e congregou em um misto de liderança, cooperação, flexibilidade e essencialmente, promoção de uma manutenção do desenvolvimento econômico, a possibilidade da Rússia e China em convergirem suas estratégias integracionárias direcionadas à Ásia Central e ver nela, não somente um parceiro político e econômico mas um baluarte para potencialização de novas estratégias energéticas e securitárias que não só beneficiam geopoliticamente suas nações em longo prazo mas relativizam os ganhos absolutos, alargando os interesses da Ásia Central, principalmente para estados como Cazaquistão e Turcomenistão, e galgando diferentes metas de desenvolvimento para o Quirguistão, Uzbequistão e Tadjiquistão. O reconhecimento do crescimento de 2% em trocas comerciais russas com a China e

a retomada da liderança nas trocas comerciais da China com quatro, dos cinco países da Ásia Central, provaram tornar a multilateralidade como um aliado para a redução dos antagonismos outrora apresentados. Esta parceria tem sido muito relevante também para a estratégia de segurança e contributos no setor energético, que expandiu entre 2000-2012 (Cooley, 2012).

Através das relações e parcerias diretas com os EUA, o Cáucaso, Irã, e Turquia, a fomentação de alternativas de integração em frente às insurgências relacionadas com as crises domésticas e internacionais, tem construído uma relação comprometida em reorganizar o caráter frágil em um potencial, de mais-valia, além de galgar espaço para a criação de uma união aduaneira comum e uma zona de livre comércio, no berço da EEU em consonância com a Rússia. Para este efeito, a Ásia Central tem fortificado a segurança na proteção das suas relações diplomáticas com o Irã e com a Índia e na manutenção de suas rotas comerciais com a Turquia, tendo em vista que o relacionamento com os EUA, ainda é, de desejável complementaridade para o financiamento de suas iniciativas domésticas e internacionais.

Em efeito complementar, o relacionamento da China com a Ásia Central, interligado à OCX, também tem promovido a operabilidade dos fenômenos de trocas comerciais, abastecendo o mercado centro-asiático e produzindo competitividade ao mercado russo e induzindo as políticas de cooperação para o oriente. Assim, a primeira hipótese foi testada ao analisarmos que a normatividade aplicada pelo neoliberalismo preconiza, como elucidado acima, a priorização pelo viés econômico ao tentar criar uma ponte entre ocidente e oriente simultaneamente e adaptar-se ao novo sistema multipolar que concentra a interação econômica capaz de subsistir o desenvolvimento. Constatamos ainda que, por mais que outras organizações façam parte do espectro de integração da Ásia Central, a EEU e a OCX são fundamentais por serem credíveis na defesa do desenvolvimento econômico da Ásia Central.

No segundo capítulo, estabelecemos a relação entre o desenvolvimento econômico de cada estado da Ásia Central com a evolução e a relação dos seis indicadores de fragilidade propostos pela OCDE e FFP entre 2005 e 2015, a fim de desconstruir empiricamente, por intermédio dos mecanismos do neoliberalismo, entre cooperação e investimentos estrangeiros, a ideia de fragilidade estatal na Ásia

Central. Ao avaliarmos a evolução dos rankings (ver anexo 23) propostos pelo FFP, pudemos concluir que a evolução de cada estado, apesar de não ter sido uniforme, possuiu um caráter crescente, estabilizando-se a cada ano. Aplicando variáveis de mecanismos de integração regional, como a presença da EEU, OTAN e OCX, bem como avaliando parâmetros de trocas comerciais como carro-chefe do desenvolvimento econômico da Ásia Central, foi possível destacar que a manutenção das relações diplomáticas entre os cinco países com hegemonias como Rússia, China e EUA, são fundamentalmente, imprescindíveis, já que são os maiores mercados receptores dos seus recursos naturais e comerciais.

Majoritariamente, o Cazaquistão, o Turcomenistão e o Uzbequistão possuíram os maiores índices de crescimento por englobar políticas multivetoriais e bilaterais de trocas comerciais e investimentos em energia e matéria-prima. O Quirguistão e Tajiquistão localizam-se entre os que menos cresceram, percebendo-se ainda uma forte dependência em investimentos estrangeiros para estabilizar o PIB e tornar seu mercado, rico em recursos hídricos, relevante em um contexto regional. Relatamos também, que cada país, assim como apresentam índices de desenvolvimento, ainda aportam fragilidades, que são frutos da prematuridade da sua presença no complexo eurasiático multipolar.

No terceiro capítulo, sintetizamos a identidade da Ásia Central como sendo necessária para evidenciar a horizontalidade do conceito de estados de porcelana, perpassando o seu relacionamento direto com o etnonacionalismo, o islamismo e com os regimes e as organizações no complexo da integração regional, a modo de contrapor a verticalidade apresentada pelo conceito de fragilidade estatal. Para esta constatação, analisamos os constrangimentos internacionais e as participações sociais e políticas da Ásia Central e evidenciamos que suas reclamações moldaram o perfil político que hoje é propenso ao neoliberalismo e a diminuição do protecionismo econômico. Nomeadamente, no quarto capítulo elucidamos que a participação da Rússia é imprescindível e demonstra capacidade de se relacionar com todos os países da Ásia Central através do diálogo e da cooperação, adequando-se a diferentes contextos e diferentes organizações, sem asfixiar seu desenvolvimento. Perpassamos o legado soviético que ainda é incrustado na Ásia Central e relacionamos as suas

derivações com a Rússia no centro das atividades políticas e desenvolvimento econômico da região.

O desempenho da participação russa na Ásia Central tem sido gradativamente equilibrado, tornando-o um dos principais parceiros econômicos juntamente com a China. A sua representatividade é, simultaneamente, uma tentativa multifacetada de obter recursos e gerar desenvolvimento. O fato de ser presença constante, tanto nas iniciativas de integração, como na produção de concessões econômicas, garante a Rússia um nível maior de interdependência que fortifica o seu *status* hegemônico. Nos últimos anos, a Rússia sob liderança de Putin, tornou-se um dos maiores parceiros do Banco Mundial na produção de acordos bilaterais e multilaterais a fim de diretamente e indiretamente, corroborar com a estabilidade macroeconômica da Ásia Central, o que representa uma reviravolta histórica após a catástrofe da dissolução da União Soviética.

A vitalidade da sua cooperação, resta no objetivo da contenção de reservas energéticas como hidrocarbonetos e recursos hídricos, na integridade territorial, mantendo suas fronteiras seguras, e a concretização da sua dominância política sobre as esferas de influência. Esta vitalidade também é interligada à política mais afirmativa, onde ideais democráticos, geralmente interligados às eleições, são revestidos de um autoritarismo neoliberal. Desta mesma forma, ao tangenciar sua política externa, procurando relações mais aproximadas e não confrontantes com o Ocidente, o seu regime autocrático gerou uma política euroasiática mais equilibrada. Esta política tende a ser menos contenciosa para o cenário internacional e mais regionalista, fomentando ferramentas de integração onde os beneficiados são geopoliticamente estratégicos (Starr, 2014). Esta interação é positiva para a Ásia Central, pois a determinação russa em estar no centro multipolar é beneficiada de forma ampla em suas cooperações econômicas com a China e com os EUA, mesmo protegendo seu eixo hegemônico.

A relação entre Ásia Central e Rússia tem sido colocada como mutualística e no cerne dos estados de porcelana, pois tem sido motivada e preservada pela proteção dos incentivos econômicos e securitários russos, que horizontalizam a cooperação energética por modo das trocas de exportação e importação de

hidrocarbonetos. Assim, é possível detectar que a fragilidade se distancia, uma vez que parceiros em posição de liderança são efetivamente e diretamente ativos na participação do desenvolvimento nos modelos de governança, pois é possível cooperar nas diferenças, sobretudo, cooperar reconhecendo todas as áreas de influência. No entanto, o crescimento acelerado da Ásia Central, que chega a 6% ao ano, a redução dos conflitos étnicos de fronteira, o crescimento de trocas comerciais, a adesão de estados como Quirguistão e Turcomenistão em incentivos de integração, o combate ao terrorismo, a proximidade russa com a OCX, que propositadamente possui propósito econômico e de cooperação financeira, potencialmente, na participação de uma união aduaneira, leva a crer que não só a participação russa é fundamental para o desenvolvimento da Ásia Central mas que também há uma política participativa e um bom entendimento nestas relações.

Sumariza-se então que, ao testar as duas hipóteses, será perceptível que, ao avaliar os pressupostos da conceituação de fragilidade estatal, esta não contempla o enquadramento regional da Ásia Central e não é capaz de adaptar os desafios das dimensões e desafios regionais e internacionais atuais que expandem este complexo. Consequentemente, transmite que a conceituação de estados de porcelana aporta objetivamente os reais desafios, como a necessidade de transparência fiscal, maior cooperação internacional e desenvolvimento econômico, pois compatibiliza os reais efeitos da fragilidade estatal com ideais de cooperação, que, por intermédio da multipolaridade, baseia-se nos preâmbulos da teoria neoliberal.

Reiteramos então que, estas transformações na política externa russa, a centralidade da Ásia Central em um sistema multipolar como ator ativo e em desenvolvimento com organizações como a OCX e a aproximação com a China, e sua consequente liderança na cooperação econômica, a resiliência e a busca pela cooperação são fatores que distanciam, e continuam a distanciar, a Ásia Central da fragilidade estatal. Estes fatores contribuem para a sua relevância no sistema internacional enquanto região acreditada e possuidora de elevados índices de trocas de bens, riquezas energéticas e horizontalidade na aceção das suas problemáticas, estabelecendo-os como estados de porcelana.

No último capítulo, analisamos a interação entre a fragilidade estatal e os estados de porcelana e as suas implicações na Ásia Central enquanto cenário multipolar. A Ásia Central não assume a normatividade e a denominação de estados frágeis pois enfatiza formalmente que sua política de relacionamento com a multiplicidade de atores internacionais, com o incentivo ao desenvolvimento econômico, que do contrário ao postulado pela fragilidade estatal, que defende sua intermitência, mostra-se em contínua evolução, no anseio pela proteção dos seus investimentos energéticos em prol da segurança internacional e da exportação de hidrocarbonetos e matéria-prima e nomeadamente, da implementação de políticas cooperativas e expansionistas no que tange à sua influência euroasiática. Independentemente das vantagens identificadas em formas de cooperação, é identificável que a redução dos antagonismos é um processo em contínua construção, resultante da determinação dos estados em simetrizar e alinhar seus relacionamentos e solidificar seus princípios estatais basilares no sentimento da fortificação do estado.

Colmatamos, assim, a lacuna que identificamos na fragilidade estatal relativamente em determinar que forma e interação que esta nomenclatura tenta atrelar-se à Ásia Central é passiva de ineficácia, pois não atinge empiricamente, tampouco explana alternativas de redução ou reversão das dimensões de fragilidade que são apontadas e os indicadores propostos são incongruentes em avaliar com precisão os desenvolvimentos significativos das duas últimas décadas de independência da Ásia Central. Constatamos que os estados de porcelana, ao auferir que a promoção da estabilidade através do reconhecimento das suas dificuldades e das suas lacunas socioeconômicas e estatais, utilizando as normativas da cooperação, comporta uma alternativa viável, por métodos da integração regional e da abertura comercial em sinergia com seus maiores parceiros hegemônicos, a consubstanciação da sua relevância no cenário internacional, constituindo uma identidade, uma janela para a estabilidade e uma estratégia para a continuação do seu desenvolvimento econômico, do qual o tempo será, além de aliado, capaz de redigir tais linhas.

Referências bibliográficas

Abdurasulov, Abdujalil (2014) “China growing demand for Turkmenistan’s gas” *BBC*, November 2014. <http://www.bbc.com/news/business-30131418> [20 de julho de 2015]

Allison, Roy; Jonson, Lena (2001) *Central Asian Security: The new international context*. London: Royal Institute of International Affairs; Washington D.C: Brookings Institution Press

Allison, Roy (2008) “Virtual regionalism, regional structures and regime security in Central Asia” *Central Asia Survey*, vol 27, n°2.

Anderson, Benedict (1983) *Imagined Communities: Reflections on the Origins and Spread of Nationalism*. Londres: Palgrave MacMillan.

Anderson, John (1994) *Religion, State and Politics in the Soviet Union and the Successor States*. Cambridge: Cambridge University Press

Anderson, John (1997) *The International Politics of Central Asia*. Manchester: Manchester University Press

Aris, S. (2011) *Eurasian regionalism: The Shanghai cooperation organization*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.

Atabaki, Touraj (2004) *Men of order: Authoritarian modernization under Atatürk and Reza Shah*. Londres: I.B. Tauris. pp. 1-12.

Ayoob, Mohammed (2015) “Nation-building and emergin identities in post-Soviet Central Eurasia” in Ismayilov, Murad (eds.) *Identity and Politics in Central Asia and the Caucasus*. Londres: Routledge pp. 32-38

Backes, Oliver; Kuchins, Andrew C.; Mankoff, Jeffrey (2015) “Central Asia in a Reconnecting Eurasia: Turkmenistan’s Evolving Foreign Economic and Security Interests” *CSIS Russia and Eurasia Program Report*. Washington: Center for Strategic & International Studies

Backes, Oliver et. al. (2015) “Central Asia in a Reconnecting Eurasia: Tajikistan’s Evolving Foreign Economic and Security Interests” *CSIS Russia and Eurasia Program Report*. Washington: Center for Strategic & International Studies

BAD (2014) “The Carec Corridors: Linking Europe and East Asia” Asian Development Bank, April 2014. <http://www.adb.org/news/infographics/carec-corridors-linking-europe-and-east-asia>. [29 de junho de 2015]

Banco Mundial (2005) “Issues and Options for Improving Engagement Between the World Bank and Civil Society Organizations” *March, 2015*. Washington: Banco Mundial
http://siteresources.worldbank.org/CSO/Resources/Issues_and_Options_PUBLISHED_VERSION.pdf [10 de outubro de 2014]

Banco Mundial (2013a) “The Rise of the Middle Class” *The MIC Forum, January 2013*. Washington: Banco Mundial.
<http://www.worldbank.org/content/dam/Worldbank/document/MIC-Forum-Rise-of-the-Middle-Class-SM13.pdf>

____ (2013b) “Poverty and Equity in Europe and Central Asia” *Poverty HeadCount Ratio, May 2013*. Washington: Banco Mundial
<http://povertydata.worldbank.org/poverty/region/ECA> [20 de março de 2015]

____ (2013c) “World Development Indicators, 2013”. <http://data.worldbank.org/>. [01 de julho de 2015]

Banco Mundial (2014a) “World Bank Group Assistance to Low-Income Fragile and Conflict-Affected States: An Independent Evaluation” *Independent Evaluation Group, 2014*. Washington: Banco Mundial
<https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/16999> [19 de maio de 2015]

____ (2014b) *Worldwide Governance Indicators 1996-2013*. Washington: Banco Mundial. <http://info.worldbank.org/governance/wgi/index.aspx> [28 de junho de 2015]

____ (2014c) “World Bank Invests in Energy Trade between Tajikistan and South Asia” *World Bank, March 2014*. <http://www.worldbank.org/en/news/press->

[release/2014/03/27/world-bank-group-invests-in-energy-trade-between-tajikistan-and-south-asia](http://www.worldbank.org/en/news/feature/2015/02/02/taking-steps-to-improve-the-labor-market-in-uzbekistan). [30 de junho de 2015]

_____ (2015) “Taking STEP’s to Improve Employment Outcomes in Uzbekistan” *February 2015*. <http://www.worldbank.org/en/news/feature/2015/02/02/taking-steps-to-improve-the-labor-market-in-uzbekistan>. [19 de julho de 2015]

Bartolomeo et. al. (2014) *Regional Migration Report: Russia and Central Asia*. CARIM-East Project. European University Institute: Migration Policy Centre http://cadmus.eui.eu/bitstream/handle/1814/31245/RussiaAndCentralAsia_MPC_CarimEastReport.pdf?sequence=1 [05 de maio de 2015]

BBC (2004) “Ethnic population of Central Asia” <http://news.bbc.co.uk/2/shared/spl/hi/guides/456900/456938/html/nn2page1.stm> [18 de julho de 2015]

Beacháin, Donnacha; Kevlihan, Rob (2014) “Imagined democracy? Nation-building and elections in Central Asia” *Imagined vs Real nation-building: language and identity policies between theory and practice in Central Asia*. Cambridge: Taylor & Francis

Berdimuhamedov, Gurbanguly (2014) *Speech at the 2014 SCO Council of Head of Member States*. Dushanbe. <http://www.turkmenistan.ru/en/articles/17787.html> [18 de junho de 2015]

Berdimuhamedov, Gurbanguly (2014) *Speech at the International Conference to mark the 15th anniversary of neutrality of Turkmenistan*. December 10, 2014. Ashgabat. <http://www.turkmenistan.ru/en/articles/14412.html>. [25 de junho de 2015]

Blank, Stephen (2013) ‘Azerbaijan’s Security and U.S Interests: Time for a Reassessment’ *Silk Road Paper*, December Issue. Washington: Central Asia-Caucasus Institute Silk Road Studies Program.

Boege, V, Brown, A, Clements, K, and Nolan, A, (2009) *On Hybrid Political Orders and Emerging States: What is Failing – States in the Global South or Research and Politics in the West?* in Fischer, M and Schmelzle, B, (ed.), *Building Peace in the*

Absence of States: Challenging the Discourse on State Failure. Berlin: Berghof Research Center, pp. 15-35

Browne, Evie (2013) 'State Fragility and social cohesion' *Helpdesk Research Report*. Governance, Social Development, Humanitarian, Conflict (GSDRC). November, 2013. <http://www.gsdr.org/docs/open/HDQ1027.pdf> [16 de julho de 2015]

Brzezinski, Zbigniew (1997) "Formation of a Eurasian Union of States" *Kazakhstanskaya Pravda, June 1994. Russia and the Commonwealth of Independent States: Documents, Data and Analysis*. Nova Iorque: M. E. Sharpe

British Petroleum (2014) *BP Statistical Review of World Energy. June 2014* <http://www.bp.com/content/dam/bp/pdf/Energy-economics/statistical-review-2014/BP-statistical-review-of-world-energy-2014-full-report.pdf> [18 de maio de 2015]

Bull, H. (1977) *The anarchical society: A study of order in world politics*. Londres: Palgrave Mcmillan. pp.13

Buzan, Barry et al. (1998) *Security: A New Framework for Analysis*. London: Lynne Rienner Pub, pp. 23-108

Buzan, Barry et. al. (2000) *International systems in world history*. Oxford: Oxford University Press.

Buzan, Barry; Waever, Ole (2003) *Regions and Powers: The Structure of International Security*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 200-244

Chufrin, Gennady (2004) *The Energy Dimension in Russian Global Strategy: Russian's Caspian Energy Policy and its Impact on the U.S.-Russian Relationship*. Houston: James a. Baker III Institute for Public Policy of Rice University

CIA (2014) "Country Comparison: Natural Gas Proved Reserves" *The World Factbook*. Washington: Central Intelligence Agency <https://www.cia.gov/library/publications/the-worldfactbook/rankorder/2253rank.html> [28 de junho de 2015]

Cohn, Marjorie (2001) *'The Deadly Pipeline War: U.S. Afghan Policy Driven by Oil Interests'* JURIST. Thomas Jefferson School of Law. <http://www.jurist.org/forum/forumnew41.php> [07 de abril de 2015] pp. 1-3

Cooley, Alexander (2012) *Great Games, Local Rules: the new great power contest in Central Asia*. Oxford: Oxford University Press, pp. 17-96

Council of Europe (2004) *A New Strategy for Social Cohesion*. European Committee for Social Cohesion (CDCS). http://www.coe.int/t/dg3/socialpolicies/socialcohesiondev/source/RevisedStrategy_en.pdf [16 de julho de 2015] pp. 3-5

Dawisha, Karen; Parrott, Bruce (1997) *Conflict, Cleavage and Change in Central Asia and the Caucasus*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 201-400

Dekmejian, Hrair R. et al. (2003) *Troubled Waters: The Geopolitics of the Caspian Region*. Londres: I.B. Tauris

Departamento de Energia dos EUA (2001) *National Energy Policy*. Reporto of the National Energy Policy Development Group. May 2001. <http://www.wtrg.com/EnergyReport/National-Energy-Policy.pdf> [11 de abril de 2015] pp. 9-17

Departamento de Energia dos EUA (2001) *'Reliable, Affordable, and Environmentally Sound Energy for America's Future'* Cheney Report of the National Energy Development Policy Group, May. <http://www.wtrg.com/EnergyReport/National-Energy-Policy.pdf> p. 9-10 [16 de julho de 2015]

Deutsch, Karl (1953) *The Growth of Nations*. World Politics V. Cambridge: MIT Press

Deutsch, Karl (1966) *Nationalism and Social Communication*. Cambridge: MIT Press

Donaldson, Robert H., Noguee, Joseph L. (2005) *The Foreign Policy of Russia: Changing Systems, Enduring Interests*. New York: M.E. Sharpe. pp. 120-210

- Dzhekshenkulov, A. (1999) ‘*O bezyadernoi zone v Tsentral’noi Azii Mezhdunarodnaya zhizn*’. n.6. p. 66. Almaty: Kazakhstan Association for the Study of Problems of Non-Proliferation, Weapons-Free Zone in Central Asia
- Echikson, William (1997) ‘EU Rethinks Its Funding to East’ *RFE/RL Newslines*, September 1997. <http://www.rferl.org/content/article/1141487.html> [26 de março de 2015]
- EIA (2013) “Oil and natural gas production is growing in Caspian Region”. *U.S. Energy Information Administration*. September 2013. <http://www.eia.gov/todayinenergy/detail.cfm?id=12911> [07 de maio de 2015]
- Efegil, Ertan et. al. (2000) *Cooperation between Turkmenistan and International and Regional Organizations, Central Asia and the Caucasus*. pp.3-13
- Ehteshami, Anoushiravan; Murphy, Emma (1996) “Transformation of the Corporatist State in the Middle East” *Third World Quarterly*, n° 17. pp. 753-772 <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01436599615362#.VV2-nvIViko> [15 de abril de 2015]
- Etzioni, Amitai (2007) *Security First: for a muscular, moral foreign policy*. New Haven and London: Yale University Press.
- Federação Russa (2015) Law ratifying EurAsEC termination agreement. February 4, 2015. <http://en.kremlin.ru/events/president/news/47620> [16 de julho de 2015]
- Fei, Gao (2010) “The Shanghai Cooperation Organization and China’s New Diplomacy” *Discussion Papers in Diplomacy*. Haia: Netherlands Institute of International Relations
- FFP (2006) Fragile States Index 2006. *The Fund for Peace Publication*. Washington: The Fund for Peace <http://fsi.fundforpeace.org/rankings-2006> [11 de junho de 2015]
- _____ (2007) Fragile States Index 2007. *The Fund for Peace Publication*. Washington: The Fund for Peace <http://fsi.fundforpeace.org/rankings-2007> [19 de junho de 2015]

____ (2008) Fragile States Index 2008. *The Fund for Peace Publication*. Washington: The Fund for Peace <http://fsi.fundforpeace.org/rankings-2008> [19 de junho de 2015]

____ (2009) Fragile States Index 2009. *The Fund for Peace Publication*. Washington: The Fund for Peace <http://fsi.fundforpeace.org/rankings-2009> [12 de junho de 2015]

____ (2010) Fragile States Index 2010. *The Fund for Peace Publication*. Washington: The Fund for Peace <http://fsi.fundforpeace.org/rankings-2010> [19 de junho de 2015]

____ (2011) Fragile States Index 2011. *The Fund for Peace Publication*. Washington: The Fund for Peace <http://fsi.fundforpeace.org/rankings-2011> [13 de junho de 2015]

____ (2012) Fragile States Index 2012. *The Fund for Peace Publication*. Washington: The Fund for Peace <http://fsi.fundforpeace.org/rankings-2012> [19 de junho de 2015]

____ (2013) Fragile States Index 2013. *The Fund for Peace Publication*. Washington: The Fund for Peace <http://fsi.fundforpeace.org/rankings-2013> [19 de junho de 2015]

____ (2014) Fragile States Index 2014. *The Fund for Peace Publication*. Washington: The Fund for Peace <http://fsi.fundforpeace.org/rankings-2014> [21 de junho de 2015]

____ (2015) Fragile States Index 2015. *The Fund for Peace Publication*. Washington: The Fund for Peace <http://fsi.fundforpeace.org/rankings-2015> [21 de junho de 2015]

Fierman, W. (1991) 'The Communist Party, Erk and the changing Uzbek political environment', *Central Asian Survey*. pp. 55-72

FMI (2013) "Regional Economic Outlook: Middle East and Central Asia" *International Monetary Fund*. November 2013.

<http://www.imf.org/external/pubs/ft/reo/2013/mcd/eng/pdf/mreo1113.pdf> [10 de fevereiro de 2015]

FMI (2014) “Regional Economic Outlook: Middle East and Central Asia” *International Monetary Fund*. October 2014
<http://www.imf.org/external/pubs/ft/reo/2014/mcd/eng/pdf/mreo1014.pdf> [29 de junho de 2015]

Foreign Affairs (2012) “The New Great Game in Central Asia: Geopolitics in a Post-Western World” *Foreign Affairs*. 7 de agosto,
<https://www.foreignaffairs.com/articles/central-asia/2012-08-07/new-great-game-central-asia> [06 de maio de 2015]

Freire, Maria R. (2007) ‘Triangulating Power: Russia, Europe and the United States Security Policies and Interests Projection in a Globalizing World’, em Yannis A. Stivachtis (ed.) *International Order in a Globalizing World*. Aldershot: Ashgate, pp. 65-84

Freire, Maria R., Kanet, Roger E. (2010) *Key Players and Regional Dynamics in Eurasia: the return of the ‘great game’*. 4-5. Londres: Palgrave Macmillan, pp. 81-125

Freire, Maria R. (2011) *A Rússia de Putin: vectores estruturantes de política externa*. Coimbra: Almedina

Freire, Maria R. (2012) “Russia’s Energy Policies in Eurasia: Empowerment or Entrapment?”, in Kanet, Roger E. e Freire, Maria Raquel (orgs.), *Russia and Its Near Neighbours: Identity, Interests and Foreign Policy*. Basingstoke: Palgrave Macmillan

Fuhrmann, Matthew (2006) “A Tale of Two Social Capitals: Revolutionary Collective Action in Kyrgyzstan” *Problems of Post –Communism*, Vol. 53, Issue 6. pp. 16-29

Gill, Bates (2001) “Shanghai Five: An Attempt to Counter U.S. Influence in Asia?” *Brookings*, May 4 2001.
<http://www.brookings.edu/research/opinions/2001/05/04china-gill> [19 de junho de 2015]

- Halliday, F. (1992) “International society as homogeneity: Marx, Burke and Fukuyama” *Millennium: Journal of International Studies*, 21. pp. 435-454
- Harvey, David (2005) *A Brief History of Neoliberalism*. Oxford: Oxford University Press
- Herz, John (1950) “Idealist Internationalism and the Security Dilemma” *World Politics*. pp. 2-2, 132-180.
- Hill, J. (2005) “Beyond the Other? A postcolonial critique of the failed state thesis”, *African Identities*, 3(2), pp.139-154. Londres: Routledge
- Holodny, Elena (2015) ‘Europe went after a ‘pipe dream’ to counter Russia – and it’s working’ *Business Insider*. <http://www.businessinsider.com/europe-wants-turkmenistan-gas-instead-of-russia-2015-6> [27 de junho de 2015]
- Horák, Slavomír (2015) “The Battle of Gökdepe in the Turkmen Post-Soviet Historical Discourse.” *Central Asian Survey*. Londres: Taylor & Francis
- Human Rights Watch (2012) “Kazakhstan allow peaceful protests” <http://www.hrw.org/news/2012/03/27/kazakhstan-allow-peaceful-protests> [05 de fevereiro de 2015]
- Human Rights Watch (2013) “Azerbaijan: Unnecessary Police Force at Peaceful Protests” <http://www.hrw.org/news/2013/03/12/azerbaijan-unnecessary-police-force-peaceful-protests> [02 de fevereiro de 2015]
- Hunter, Shireen T. (1996) *Central Asia since Independence*. Washington DC: The Center for Strategic and International Studies. pp. 24-167
- Hyman, A. (1994) “Moving out of Moscow’s orbit: the outlook for Central Asia” *International Affairs*, Ed. 69, vol 2. pp. 289-304
- Imanaliev, Muratbek (2008) *A perspective for Central Asia to become a bridge between Asia and Europe*. Kyrgyzstan Brief Jan-Feb. Bishkek: The Institute for Public Policy (IPP)
- International Crisis Group (2014) “Water Pressures in Central Asia” *Europe and Central Asia Report*, n° 233, September 2014.

<http://www.crisisgroup.org/en/regions/asia/central-asia/233-water-pressures-in-central-asia.aspx> [14 de maio de 2015]

International Journal of Environmental Science and Development (2010) *IJESD*, Vol 1, No 2, June 2010, pp. 147 <http://www.ijesd.org/papers/28-D437.pdf> [15 de março de 2015]

Iskandaryan, Alexander (2008) *Caucasus Neighborhood: Turkey and South Caucasus*. Yerevan: Caucasus Institute.

Ismayilov, Murad (2015) *Identity and Politics in Central Asia and the Caucasus*. Londres: Routledge

Jenish, Nurbek (2013) “Regional Trade and Economic Growth in the CIS Region” *Institute of Public Policy and Administration, Working Paper N°21*. Bishkek: University of Central Asia <http://www.ucentralasia.org/downloads/UCA-IPPA-WP-21-RegionalTradeandEconomicGrowthintheCISRegion.pdf> [10 de maio de 2015]

Jenkins, Craig J. (1983) *Resource Mobilization Theory and the Study of Social Movements*, Annual Review of Sociology, 9, pp. 532-33

Jenne, Erin K. (2007) *Ethnic Bargaining: the paradox of minority empowerment*. New York: Cornell University Press. pp. 11-12

Jia, Qingguo (2001) “The Success of the Shanghai Five: Interests, Norms and Pragmatism.” *Commonwealth Institute*. <http://www.comw.org/cmp/fulltext/0110jia.htm> [19 de junho de 2015]

Jintao, Hu (2009) Speech at the Ninth summit of the SCO Member States. *China's Foreign Ministry, 16 June 2009*. www.fmprc.gov.cn/chn/pds/gjhdq/gjhdq/gjhdqzz/lhg_59/zyjh/t567931.htm [18 de junho de 2015]

Jones, Richard (2010) *The Politics of Central Asian and Caspian Energy*. Londres: Chatham House

Kaczmarska, K. (2013) “Global international society meets regional hegemony: analyzing the global-regional intersection on a Eurasian case study” 54th ISA Convention, San Francisco.

Kaplan, Seth (2012) “Differentiating Between Fragile States and Transition Countries” *Fragile States*, June 2012. <http://www.fragilestates.org/2012/06/03/differentiating-between-fragile-states-and-transition-countries/> [18 de julho de 2015]

Kaplan, Seth (2014) “Identifying Truly Fragile States” *Fragile States*, October 2014. <http://www.fragilestates.org/2014/10/19/identifying-truly-fragile-states/> [23 de junho de 2015]

____ (2015a) “What the OECD Still Does Not Understand About Fragile States” *Fragile States*, April 2015. <http://www.fragilestates.org/2015/04/17/what-the-oecd-still-does-not-understand-about-fragile-states/> [19 de maio de 2015]

____ (2015b) “What the OECD Does Not Understand About Fragile States” *Fragile States*, October 2014. <http://www.fragilestates.org/2013/01/29/what-the-oecd-does-not-understand-about-fragile-states/> [11 de maio de 2015]

Karasik, Theodore (2000) ‘Rising Russian Intelligence and Security Objectives in Central Asia’, *Cacianalyst*. pp. 2-23

Kavalski, Emilian (2010) *Stable Outside, Fragile Inside? : Post-Soviet Statehood in Central Asia*. Surrey: Ashgate Publishing Limited.

Kay, Sean (2006) *Global Security in the Twenty-first Century: The Quest for Power and the Search for Peace*. Lanham: Rowman & Littlefield Pubs, cap. 3, pp. 57-85

Keohane, Robert (1984) *After Hegemony: Cooperation and Discord in the World Political Economy*. Princeton; New Jersey: Princeton University Press

Keohane, Robert (2002) *Power and Governance in a Partially Globalized World*. Oxford: Routledge

Kettani, Houssain (2010) “2010 World Muslim Population” *Proceedings of the 8th Hawaii International Conference on Arts and Humanities*. Honolulu, January 2010.

Polytechnic University of Puerto Rico.
[http://www.ohio.edu/orgs/muslimst/downloads/World Muslim Population 2010.pdf](http://www.ohio.edu/orgs/muslimst/downloads/World_Muslim_Population_2010.pdf)
[21 de março de 2015]

Kissinger, Henry (1995) *Diplomacy*. New York: Simon & Schuster

Kleveman, L. (2003) *The Great New Game: blood and oil in Central Asia*. Nova Iorque: Atlantic Monthly Press

Kourmanova, Aitolkyn et. al. (2015) “Central Asia in a Reconnecting Eurasia: Uzbekistan’s Evolving Foreign Economic and Security Interests” *CSIS Russia and Eurasia Program Report*. Washington: Center for Strategic & International Studies

Krasnopolsky, Peter (2015) ‘Major powers and regionalism in Central Asia’ International Studies Association Conference. Singapore, 2015.
<http://web.isanet.org/Web/Conferences/GSCIS%20Singapore%202015/Archive/8e26ebb3-f4a3-4a13-ac59-adb0ee445aa5.pdf> [18 de junho de 2015]

Kuchins, Andrew C. (2015) “Central Asia in a Reconnecting Eurasia: Kazakhstan’s Evolving Foreign Economic and Security Interests” *CSIS Russia and Eurasia Program*. Washington: Center for Strategic & International Studies

Kuchins, Andrew C.; Mankoff, Jeffrey (2015) “Central Asia in a Reconnecting Eurasia: U.S. Policy Interests and Recommendations” *CSIS Russia and Eurasia Program Report*. Washington: Center for Strategic & International Studies

Leader, Nicholas; Colenso, Peter (2005), “Aid Instruments in Fragile States”. PRDE Working Paper 5. Londres: Department for International Development (DfID).
Março. <http://ageconsearch.umn.edu/bitstream/12818/1/pr050005.pdf> [8 de outubro de 2014]

Laruelle, Marlene (2009) “Russia in Central Asia: Old History, New Challenges” *EUCAM, September 2009*.

Laruelle, Marlene; Peyrouse, Sebastien (2012) *The Chinese Question in Central Asia: Domestic Order, Social Change and The Chinese Factor*. Londres: C. Hurst & Co. pp. 6-203

Laruelle, Marlene; Peyrouse, Sebastien (2013) *Globalizing Central Asia: Geopolitics and the Challenges of Economic Development*. Nova Iorque: M.E. Sharpe

Lemay-Hébert, N. (2009) 'Statebuilding without Nation-building? Legitimacy, State Failure and the Limits of the Institutional Approach. *Journal of Intervention and Statebuilding*' ed. 3(1), pp. 21-45.
<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17502970802608159#.Ue1em43VB8U>
[16 de julho de 2015]

Letouzé, Emmanuel; Catheu, Juana de (2013) *Fragile States 2013: Resource flows and trends in a shifting world*. Cambridge: Cambridge University Press

Leschenko, Natalie; Troschke, Manuela (2006) "Fiscal Decentralization in Centralized States: The Case of Central Asia" Working paper nº 26. Munique: Arbeiten aus dem Osteuropa-Institut München

Linn, J. F. (2007) "Central Asia: national interests and regional prospects" *China and Eurasia Forum Quarterly, Ed 5, Volume 3*. pp. 5-12

Malashenko, Alexey (2012) "Tajikistan: Civil War's Long Echo" Carnegie Moscow Center, Volume 14, Issue 3, <http://www.isn.ethz.ch/Digital-Library/Publications/Detail/?id=146683&lng=en> [21 de fevereiro de 2015]

Malfliet, K. et. al. (2007) *The CIS, the EU and Russia: The challenges of integration*. New York: Palgrave Mcmillan

Mankoff, Jeffrey et. al. (2015) "Central Asia in a Reconnecting Eurasia: Kyrgyzstan's Evolving Foreign Economic and Security Interests" *CSIS Russia and Eurasia Program Report*. Washington: Center for Strategic & International Studies

Matveeva, Anna (2011) "Kyrgyzstan: balancing on the verge of stability" *EUCAM Policy Briefs, Nº 19, July Issue*, <http://www.isn.ethz.ch/Digital-Library/Publications/Detail/?id=131400&lng=en> [26 de fevereiro de 2015]

McDermott, Roger N. (2013) "Central Asian Security Post-2014: Perspectives in Kazakhstan and Uzbekistan" *Danish Institute for International Studies, Report 2013:12*. Copenhagen: DIIS

- Mello, Guilherme (2014) “Fragility in Central Asia: the politics of Kyrgyzstan’s and Tajikistan’s securitarian instability” *Research in Social Change, N° 6, Issue 3, September 2014.* Ljubljana: FUDS http://www.fuds.si/sites/default/files/rsc_september_2014_.pdf [05 de maio de 2015]
- Mesamed, V. (2007) “Iran-Turkmenistan: Prodolzhaestia li aktivnyi dialog?” *Iimes.ru, August 2007.* <http://www.iimes.ru/rus/stat/2007/19-08-07c.htm> [19 de abril de 2015]
- Müllerson, Rein (2007) *Central Asia: A Chessboard and Player in the New Great Game.* New York: Routledge
- Nardin, T. (1983) *Law, Morality and the relation of states.* Princeton: Princeton University Press.
- Nazarbayev, Nursultan (2012) ‘Stategy Kazakhstan 2050’ Speech for the Committee on Statistics of the Republic of Kazakhstan. December 14, 2012. <http://strategy2050.kz/en/multilanguage/> [24 de junho de 2015]
- Nazarbayev, Nursultan (2013) ‘Kazakhstan President Nazarbayev’s Speech at VI Astana Economic Forum’ *Astana Economic Forum, May 2013.* <http://www.kazakhembus.com/content/kazakhstan-president-nazarbayevs-speech-vi-astana-economic-forum> [23 de junho de 2015]
- Nichol, Jim (2013) “Kyrgyzstan: Recent Developments and U.S. Interests” *Congressional Research Service. August 30, 2013.* <http://fas.org/sgp/crs/row/97-690.pdf>. [10 de julho de 2015]
- Nichol, Jim (2013) Uzbekistan: Recent Developments and U.S. Interests. Congressional Research Service. August 2013. <https://www.fas.org/sgp/crs/row/RS21238.pdf> [01 de julho de 2015]
- Nielsen, Zoe; Sriram, Chandra Lekha (2004) *Exploring Subregional Conflict: opportunities for conflict prevention.* Boulder: Lynne Rienner Publishers
- Nye, Joseph; Keohane, Robert (1977) *Power and Independence: world politics in transition.* Michigan: Little Brown

OCDE (2007) “Principles for Good International Engagement in Fragile States & Situations” *April, 2007*. Paris: OECD www.oecd.org/docfragilestates/43463433.pdf. [28 de junho de 2015]

____ (2012) *The Missing Piece: Improving International Support to the Peace Process*. Paris.

____ (2013) *Fragile States 2013 Index* <http://www.oecd.org/dac/incaf/FragileStates2013.pdf>. [20 de maio de 2015]

____ (2015) *States of Fragility 2015*. Meeting Post-2015 Ambitions. OECD Publishing: Paris http://www.keepeek.com/Digital-Asset-Management/oecd/development/states-of-fragility-2015_9789264227699-en#page1 [20 de junho de 2015]

OCX (2002) Charter of the Shanghai Cooperation Organization. <http://www.sectsco.org/EN123/show.asp?id=69> [18 de junho de 2015]

Office of the United States Trade Representative (2012) “National Trade Estimate Report for Kazakhstan, Uzbekistan and Central Asia” https://ustr.gov/sites/default/files/Kazakhstan_0.pdf [14 de maio de 2015] pp. 227-232

OMC (2009) *International Trade Centre and UNCTAD*. World Tariff Profiles 2009, Geneva: OMC https://www.wto.org/english/res_e/booksp_e/tariff_profiles09_e.pdf [17 de abril de 2015]

ONU (1994) General Assembly Resolution 50/80. *Maintenance of international security*, A/RES/50/80. December 12, 1995. <http://www.un.org/documents/ga/res/50/a50r080.htm>. [25 de junho de 2015]

____ (1996) Review of the Implementation of the Declaration on the Strengthening of International Security. *General Assembly, May 17 1996*. http://peacemaker.un.org/sites/peacemaker.un.org/files/960426_AgreementConfidenceBuildingMilitaryFieldinBorderArea.pdf [18 de julho de 2015]

____ (1998) *Department of Public Information, Cartographic Section, United Nations*. Mapa N° 3763. Rev. 4. October 1998

http://www.unodc.org/documents/organizedcrime/Central_Asia_Crime_Assessment.pdf [08 de março de 2015]

____ (2014) “Turkmenistan Statistics” *United Nations Statistics Division. UN Data* <https://data.un.org/CountryProfile.aspx?crName=TURKMENISTAN> [28 de junho de 2015]

Olcott, Martha et al. (1999) *Getting it Wrong: Regional Cooperation and the Commonwealth of Independent States*. Washington DC: Carnegie Endowment for International Peace

Oliphant, Craig (2013) ‘Russia’s role and interests in Central Asia’, *Saferworld: Preventing Violent Conflict, Building Safer Lives*. Londres: The Foreign Policy Briefing, October 2013 <http://fpc.org.uk/fsblob/1570.pdf> [02 de abril de 2015]

OSCE (2015) *Elections in Tajikistan*. March 2015. <http://www.osce.org/odihr/elections/143311> [22 de junho de 2015]

Oskanian, Kevork (2013) *Fear, Weakness and Power in the Post-Soviet South Caucasus: a theoretical and empirical analysis*. Basingstoke: Palgrave Mcmillan

OTAN (2003) *The Danger of Narcotraffic From Afghanistan for the European Community*. 2003 Annual Session, 159 EC 03 E. <http://www.nato-pa.int/default.asp?SHORTCUT=374> [18 de julho de 2015]

Paramonov, Vladimir (2011) “Perspektivy sotrudnichestva stran Central’noi Azii i Rossii v transportnokommunikacionnoi sfere: osnovnye rekomendacii dlya EvrAzES i ShOS” *Association for International Cooperation, Business Support Center Silkway*. May 2011. <http://www.bsosw.com/articles.aspx?i=17#17> [18 de maio de 2015]

Paul, T. V. (2011) “International Relations Theory and Regional Transformation-Introduction” *Academia.edu* http://www.academia.edu/4094814/International_Relations_Theory_and_Regional_Transformation-Introduction [13 de maio de 2015]

Paust, Sebastian (2014) “Is regional economic integration in Central Asia a doomed vision or a promising future?” *Asia Pathways: a blog of the Asian Development Bank*

Institute. April, 2014. <http://www.asiapathways-adbi.org/2014/04/is-regional-economic-integration-in-central-asia-a-doomed-vision-or-a-promising-future/> [18 de julho de 2015]

Pellegrini, Marcelo (2015) “Dilma enfrenta novos protestos neste domingo” *Carta Capital, Política*. <http://www.cartacapital.com.br/politica/dilma-enfrenta-novos-protestos-neste-domingo-12-4756.html> [20 de maio de 2015]

Perlez, Jane (2014) “China and Russia Reach 30-Year Gas Deal” *The New York Times*. May 2014. http://www.nytimes.com/2014/05/22/world/asia/china-russia-gas-deal.html?_r=0 [09 de abril de 2015]

Petros, Tiffany (2003) “Islam in Central Asia: The Emergence and Growth of Radicalism in the Post-Communist Era”. Prague: Islamic Radicalism. pp. 139-155

Phillips, Andrew (2001) *National identity between tradition and reflexive modernization: the contradictions of Central Asia*. Abingdon: Routledge

Pillalamarri, Akhilesh (2014) “The United States Just Closed Its Last Base in Central Asia: What the closure of Manas’ Transit Center means for Central Asia’s future” *The Diplomat*. June 10, 2014. <http://thediplomat.com/2014/06/the-united-states-just-closed-its-last-base-in-central-asia/> [18 de junho de 2015]

PNUD (2010) “The European Union’s Border Management Programme in Central Asia” *United Nations Development Programme*. [http://www.uz.undp.org/content/dam/uzbekistan/docs/projectdocuments/ggu/un_prodoc_EU_UNDP%20Border%20Management%20Programme%20in%20Central%20Asia%20\(BOMCA\),%20Phase%208.pdf](http://www.uz.undp.org/content/dam/uzbekistan/docs/projectdocuments/ggu/un_prodoc_EU_UNDP%20Border%20Management%20Programme%20in%20Central%20Asia%20(BOMCA),%20Phase%208.pdf) [18 de março de 2015]

Pourchot, Georgeta (2014) “International Society and Regional Integration in Central Asia” *Journal of Eurasian Studies*, vol 5, nº1, pp. 68-75 <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1879366513000316> [16 de março de 2015]

Provost, Claire (2011) “The Rebirth of Russian foreign aid” *The Guardian*, May 25, 2011 Edition. <http://www.theguardian.com/global-development/2011/may/25/russia-foreign-aid-report-influence-image> [19 de abril de 2015]

Pureza, José Manuel et. al. (2006) *Peacebuilding and Failed States: Some Theoretical Notes*. Centro de Estudos Sociais, Oficina n° 256. Coimbra: CES.

Pureza, José Manuel et. al. (2007) *Do States Fail or Are They Pushed? Lessons Learned From Three Former Portuguese Colonies*. Centro de Estudos Sociais, Oficina n° 273. Coimbra: CES.

Puri, Madan Mohan (1997) “Central Asian Geopolitics: The Indian View”, *Central Asian Survey*, 16, no. 2. pp. 244.

Putin, Vladimir (2014a) “Belarus: Putin signs EurAsEC termination agreement” Meeting of the Eurasian Economic Community (EurAsEC) in Misnk, October 2014. <https://www.youtube.com/watch?v=A8CsNUbrP-c> [16 de julho de 2015]

Putin, Vladimir (2014b) *Press Statement following Russian-Chinese talks*. Shanghai, May 2014 <http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/21047#sel=5:1,6:35> [09 de abril de 2014]

Rakowska-Harmstone, T. (1984) *Communism in Eastern Europe*. Bloomington: Indiana University Press

Rashid, Ahmed (1995) *The Ressurgence of Central Asia: Islam or Nationalism?* Londres: Zed Books

República do Cazaquistão (2014) *Committee on Statistics of the Republic of Kazakhstan*. <http://www.cisstat.com/rus/dinamika/05-gaz/kaz-gaz.xls> [24 de junho de 2015]

Rhamon, Emomali (2013) “Policy Statement by the President of Tajikistan on the occasion of opening of the MFA new building”. August 2013. <http://mfa.tj/en/statement-by-the-president/statement-by-the-president-of-the-republic-of-tajikistan.html> [19 de junho de 2015]

Rickleton, Chris (2015a) ‘By Opposing SCO Development Bank, Is Russia Biggest Loser?’ *Eurasianet.org*. March 2015 <http://www.eurasianet.org/node/72701> [29 de março de 2015]

Rickleton, Chris (2015b) ‘Turkmenistan: CIS Powwow Features Russian-Turkmen Horseplay’ *Eurasianet.org*. November 2014. <http://www.eurasianet.org/node/71066> [29 de março de 2015]

Robbins, Philip (1994) *The Middle East and Central Asia*. London: Royal Institute of International Affairs

Rozanov, Anatoliy (2013) *The Shanghai Cooperation Organization and Central Asia’s Security Challenges*. Geneva Centre for the Democratic Control of Armed Forces. Almaty, Minsk e Genebra: DCAF

Rubin, Vadim (1999) ‘The Geopolitics of Energy Development in the Caspian Region: Regional Cooperation or Conflict?’ Conference Report, December. California: Center for International Security and Cooperation, <http://iis-db.stanford.edu/pubs/10337/caspian.pdf> [10 de março de 2015] pp. 8-26

Saksena, Amit R. (2014) “The Shanghai Cooperation Organization and Central Asian Security: Structural and policy problems prevent the SCP from being an effective Central Asian security organization” *The Diplomat*, July 2014. <http://thediplomat.com/2014/07/the-shanghai-cooperation-organization-and-central-asian-security/> [22 de março de 2015]

Singer, J. David (1961) ‘The Level-of-Analysis Problem in International Relations’. *World Politics*. Vol 14. No. 1. The International System: Theoretical Essays. http://sitemaker.umich.edu/jdsinger/files/the_level_of_analysis_problem_in_international_politics.pdf [21 de março de 2015]

Sinitsina, Irina (2012) “Economic Cooperation Between Russia and Central Asia Countries: Trends and Outlook” *Institute of Public Policy and Administration, Working Paper N°5*. Bishkek: University of Central Asia <http://www.ucentralasia.org/downloads/UCA-IPPA-WP5-RussiaInfluence-Eng.pdf> [11 de abril de 2015]

Socor, Vladimir (2006) “Trans-Caspian Oil Pipeline Planned in Kazakhstan” *The Jamestown Foundation, Eurasia Daily Monitor*, Vol 2. http://www.jamestown.org/single/?no_cache=1&tx_ttnews%5btnews%5d=30404#.VVOQ9IViko [17 de março de 2015]

- Solovyov, Dmitry (2014) “Kazakhstan seeks economic diversification, fast growth in ADB deal” *Reuters Business, U.S. Edition*. <http://www.reuters.com/article/2014/05/04/kazakhstan-ADB-agreement-idUSL6N0NQ08220140504> [18 de julho de 2015]
- Sorensen, George; Jackson, Robert (2013) *Introdução às Relações Internacionais*. 2ª ed. São Paulo: Zahar Editora
- Starchak, M. (2008) “Rossiiskoe obrazovanie na russkom yazyke kak faktor vliyaniya Rossii v Central’noi Azii: Chto proishodit i chto delat”. *Журнал Стратегия России* <http://www.fondedin.ru/dok/starchak.pdf> [23 de abril de 2015]
- Starr, Frederick (2013) *Lost Enlightenment: Central Asia’s Golden Age from the Arab Conquest to Tamerlane*. Princeton: Princeton University Press
- Starr, Frederick (2014) ‘Moderate Islam? Look to Central Asia’ *The New York Times*. February 2014. <http://www.nytimes.com/2014/02/27/opinion/moderate-islam-look-to-central-asia.html?partner=rssnyt&emc=rss&r=2> [04 de abril de 2015]
- Stepputat, Finn; Engberg-Pedersen, Lars (2008) “Fragile States: Definitions, Measurements and Processes”. *Fragile Situations: Background Papers*, Copenhagen: Danish Institute for International Studies. pp. 21-31
- Sterling-Folker, Jennifer (2010) “Neoliberalism” in Smith, Steve et. al. (ed.) *International Relations Theory: Discipline and Diversity*. Oxford: Oxford University Press. pp. 115-120
- Stewart, Frances; Brown, Graham (2010) “Fragile States: CRISE Overview 3” Oxford: Centre for Research on Inequality, Human Security and Ethnicity (CRISE)
- Stokes, G. (1991) *From Stalinism to pluralism: A documentary history of Eastern Europe since 1945*. Oxford: Oxford University Press.
- Stulberg, Adam (2007) *Well-Oiled Diplomacy: Strategic Manipulation and Russia’s Energy Statecraft in Eurasia*. Albany: State University of New York
- Suzdaltsev, A. (2012) “Ocenka i prognoz razvitiya integratsionnykh protsessov na postsovetском prostranstve.” Paper presented at the 13th April International

Academic Conference on the Problems of Economic and Social Development, Moscow, April 3-5, 2012. http://regconf.hse.ru/uploads/4b0dcd_e26b9c083eb08f46edaec1dc187e32ef6e.doc. [16 de abril de 2015]

Syroezhkin, K. L. (2010) *Kazakhstan – China: from cross-border trade to strategic partnership*, vol 2. Almaty: KISS.

Sysoyev, Grigory (2014) ‘Lavrov predicts historians may coin new term: the Primakov Doctrine’. TASS Russian News Agency, <http://tass.ru/en/russia/756973> [11 de abril de 2015]

The Economist (2014) “Enclaves in Central Asia: The post-imperial chessboard” April 1, 2014. <http://www.economist.com/blogs/banyan/2014/04/enclaves-central-asia> [11 de julho de 2015]

The Heritage Foundation (1996) “The New Great Game: Oil Politics in the Caucasus and Central Asia” *The Heritage Foundation*. 25 de janeiro, <http://www.heritage.org/research/reports/1996/01/bg1065nbsp-the-new-great-game> [06 de maio de 2015]

Topouria, George (2013) “The Russian Empire: Autocratic federation as only means of survival?” *Beyond the EU: Thinking Europe outside de Union*. May 14, 2013. <http://beyondthe.eu/the-russian-empire-autocratic-federation-as-only-means-of-survival-3/> [13 de maio de 2015].

Tutubalina, Olga (2007) “Узбекская виза. Вопрос об отмене визового режима между РТ и РУ продолжает оставаться открытым”. *Asia-Plus*. January, 2007. <http://news.tj/tj/node/5591> [01 de julho de 2015]

U.S. Department of State, 2014. “Tajikistan Foreign Operations Assistance Fact Sheet” *U.S. Department of State, Office of the Coordinator of U.S. Assistance to Europe and Eurasia*, June 2014. <http://www.state.gov/documents/organization/231117.pdf>. [01 de julho de 2015]

Walter, Andrew et al. (1994) *Adam Smith and the Liberal Tradition in International Relations*. Oxford: London School of Economics <http://eprints.lse.ac.uk/748/1/SMITHRIS.pdf> [25 de abril de 2015]

Watson, A. (1992) *The Evolution of International Society*. Londres: Routledge. pp. 13-22

Weitz, Richard (2014) “The Russia China Gas Deal: Implications and Ramifications” *World Affairs*. <http://www.worldaffairsjournal.org/article/russia-china-gas-deal-implications-and-ramifications> [19 de junho de 2015]

Woodward, Susan (2005) “Fragile States: exploring the concept”, paper presented at the international seminar *Failing States or Fragile State? The Role of Development Models*, Madrid, December 2005. <http://www.fride.org.eng>. [29 de junho de 2015]

Woodward, Susan (2006) “Peacebuilding and “failed states”: some initial considerations” *Peacebuilding and Failed States: Some Theoretical Notes*. Oficina n° 256. Coimbra: Centro de Estudos Sociais.

Yalovkina, Anna (2015) “Kyrgyzstan join the Customs Union and business finds itself in stand-by mode” *Open Democracy: free thinking of the world*. June, 2015 <https://www.opendemocracy.net/anna-yalovkina/as-kyrgyzstan-joins-customs-union-business-finds-itself-in-standby-mode> [30 de junho de 2015]

Zartman, W. (1995) 'Introduction: Posing the Problem of State Collapse'. *Collapsed States: the Disintegration and Restoration of Legitimate Authority*. Londres: Boulder

Zhambekov, Nurzhan (2015) ‘Central Asian Union and the Obstacles to Integration in Central Asia’ *The Central Asia-Caucasus Analyst*. Analytical Articles

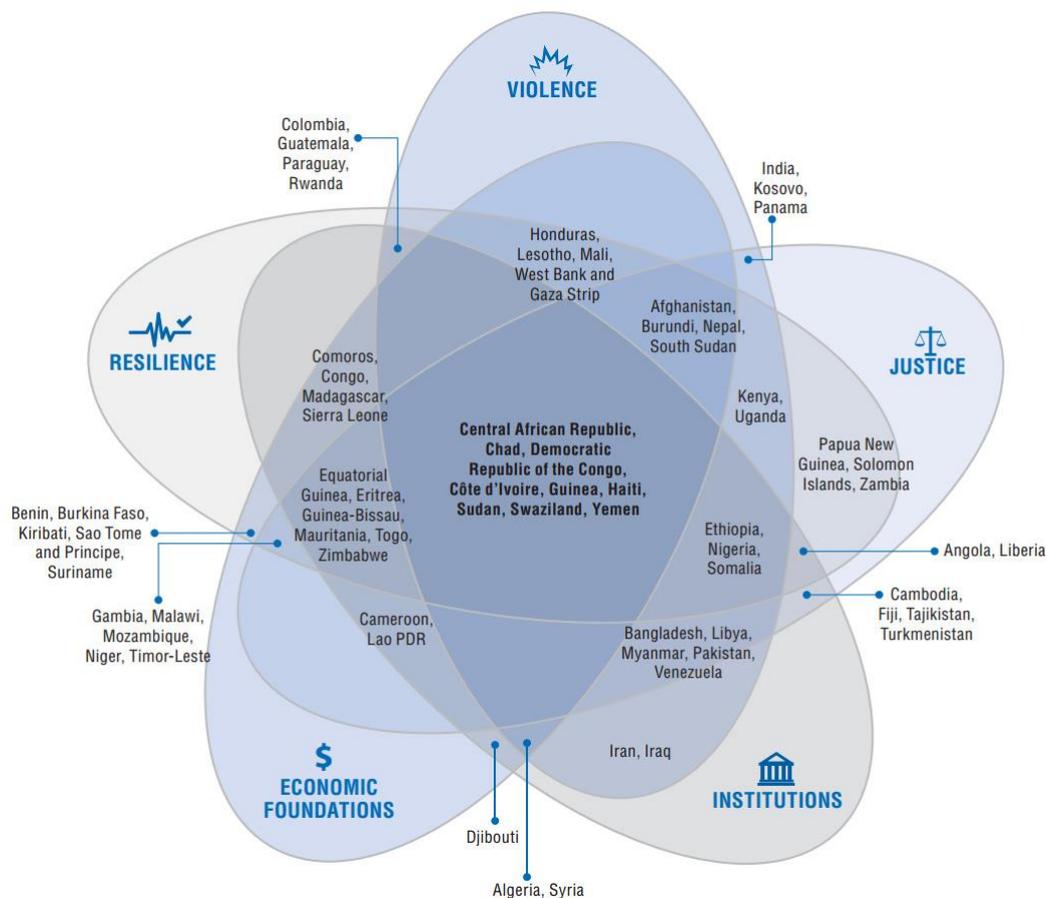
Zhimin, Chen (2005) ‘Nationalism, Internationalism and Chinese Foreign Policy’ *Journal of Contemporary China*, Vol 14, Ed. 42. <http://www.cewp.fudan.edu.cn/attachments/article/68/Chen%20Zhimin,%20Nationalism,%20Internationalism%20and%20Chinese%20Foreign%20Policy.pdf> [23 de março de 2015]

Anexos

- Anexo 1. Diagrama de Venn proposto pela OCDE em fragilidade estatal
- Anexo 2. Índice de desenvolvimento dos estados frágeis entre 2006-2014
- Anexo 3. Configuração geográfica atual da Ásia Central
- Anexo 4. União aduaneira euroasiática
- Anexo 5. Oleodutos presentes na Ásia Central
- Anexo 6. Indicadores sociais, econômicos, políticos e militares de fragilidade propostos pelo Fund for Peace e OCDE – relatório de 2015
- Anexo 7. Crescimento do comércio internacional cazaque entre 2005-2013
- Anexo 8. Contribuição em produção de gás e petróleo e produção industrial do Cazaquistão entre 2000-2013
- Anexo 9. Crescimento anual das relações econômicas do Turcomenistão entre 2005 e 2013
- Anexo 10. Corredores de transporte de energia promovidos pelo CAREC que transpassam o Quirguistão
- Anexo 11. Trocas comerciais em recursos hídricos e energia entre o Tajiquistão e a Ásia Central em 2013
- Anexo 12. Total de parcerias comerciais do Uzbequistão entre 2005 e 2013
- Anexo 13. Tabela de investimentos do TIFA nas áreas de fragilidade do Uzbequistão
- Anexo 14. Distribuição étnica da Ásia Central
- Anexo 15. Estimativa da população islâmica da Ásia Central entre 1950-2020
- Anexo 16. Índice anual do crescimento da pobreza na Ásia Central e Europa entre 2001 e 2011

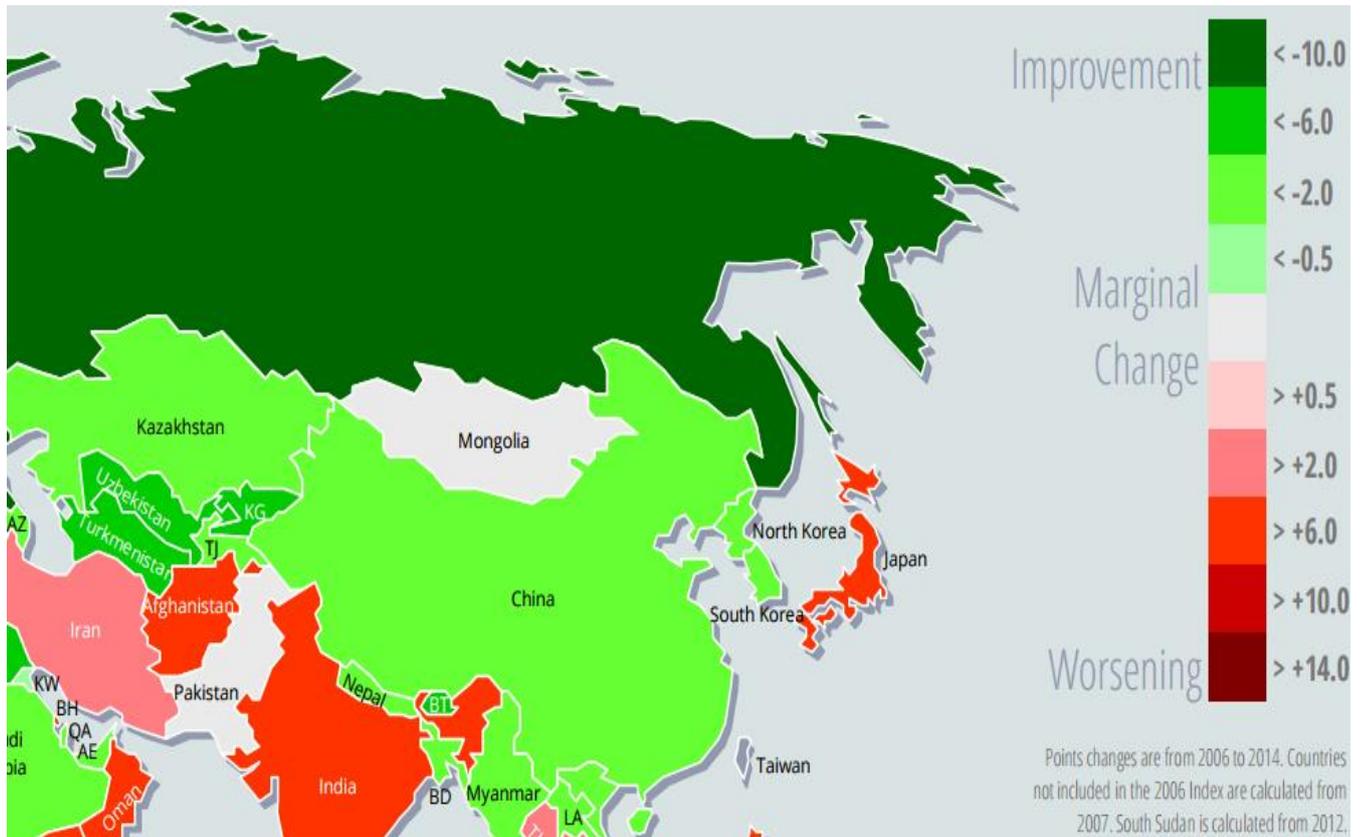
- Anexo 17. Trocas comerciais entre a Federação Russa e a Ásia Central entre 2000 e 2011
- Anexo 18. Nível de pobreza baseado na distribuição de renda entre USD 2.5 e USD 5 por dia na Eurásia
- Anexo 19. Assistência governamental oficial da Rússia aos países da Ásia Central (em milhões/USD)
- Anexo 20. Número de cidadãos centro-asiáticos que migraram em detrimento de função laboral para a Rússia entre 2000-2011 em milhares
- Anexo 21. Produção de petróleo e derivados de recursos energéticos e hidrocarbonetos na bacia do Mar Cáspio entre 2000-2012 em milhões de barris por dia
- Anexo 22. Média do crescimento econômico da Ásia Central entre 2000 e 2014
- Anexo 23. Evolução dos rankings de fragilidade estatal na Ásia Central propostos pelo FFP entre 2005 e 2015

Anexo 1. Diagrama de Venn proposto pela OCDE em fragilidade estatal



Fonte: OCDE (2015) *States of Fragility 2015*. Meeting Post-2015 Ambitions. OECD Publishing: Paris http://www.keepeek.com/Digital-Asset-Management/ocd/development/states-of-fragility-2015_9789264227699-en#page1 [20 de junho de 2015]

Anexo 2: Índice de desenvolvimento dos estados frágeis entre 2006-2014



Fonte: FFP (2014) Fragile States Index 2014. *The Fund for Peace Publication*.
Washington: The Fund for Peace

Anexo 3: Configuração geográfica atual da Ásia Central



Fonte: ONU (1998), *Department of Public Information, Cartographic Section, United Nations*. Mapa N° 3763. Rev. 4. October 1998
http://www.unodc.org/documents/organized-crime/Central_Asia_Crime_Assessment.pdf [08 de março de 2015]

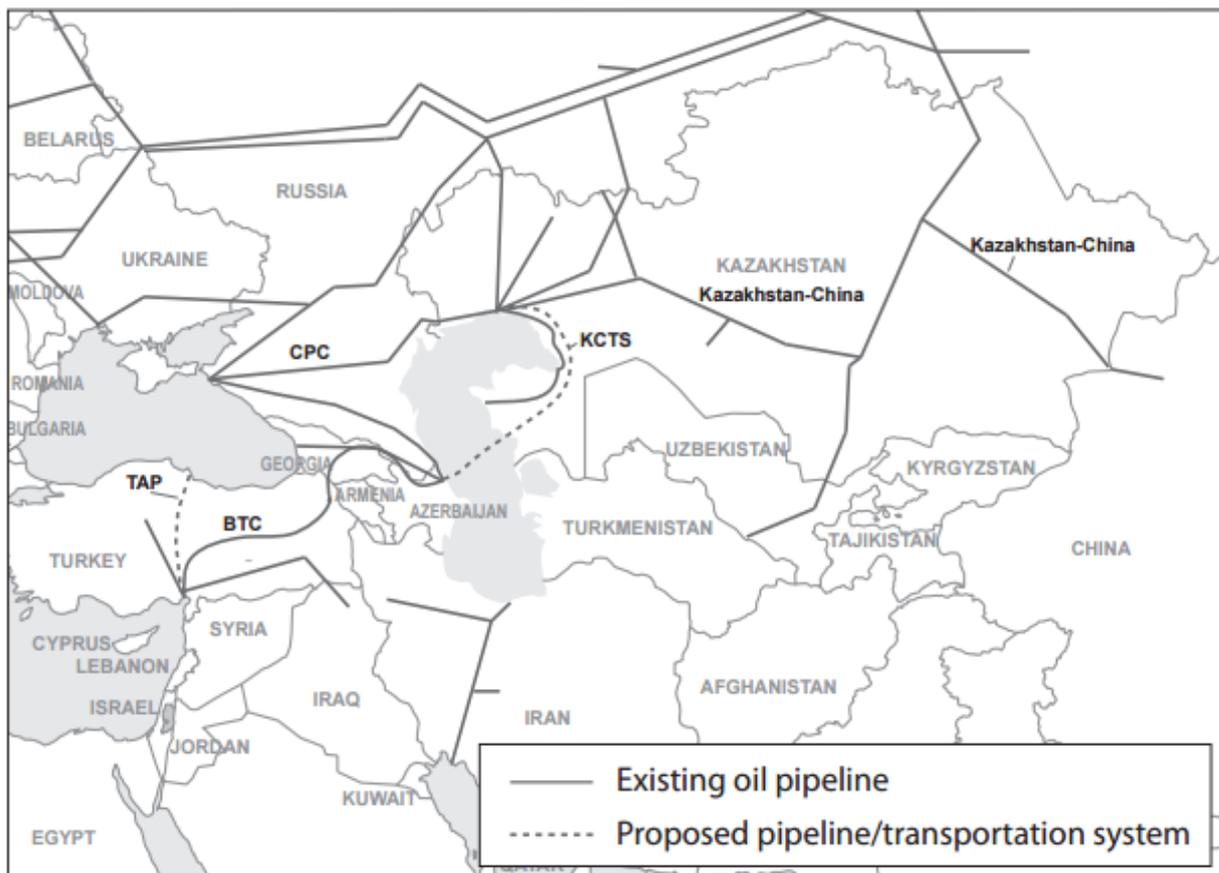
Anexo 4: União aduaneira euroasiática



Fonte: Topouria, George (2013) “The Russian Empire: Autocratic federation as only means of survival?” *Beyond the EU: Thinking Europe outside de Union*. May 14, 2013. <http://beyondthe.eu/the-russian-empire-autocratic-federation-as-only-means-of-survival-3/> [13 de maio de 2015].

Anexo 5: Oleodutos presentes na Ásia Central

Oil pipelines in Central Asia



Fonte: Jones, Richard (2010) *The Politics of Central Asian and Caspian Energy*.
Londres: Chatham House

Anexo 6: Indicadores sociais, econômicos, políticos e militares de fragilidade propostos pelo Fund for Peace e OCDE – relatório de 2015

Social Indicators		Economic Indicators	
<p>Demographic Pressures</p> <p>Pressures on the population such as disease and natural disasters make it difficult for the government to protect its citizens or demonstrate a lack of capacity or will.</p> <p><i>Includes pressures and measures related to:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Natural Disasters Disease Environment Pollution Food Scarcity Malnutrition Water Scarcity Population Growth Youth Bulge Mortality 	<p>Refugees and IDPs</p> <p>Pressures associated with population displacement. This strains public services and has the potential to pose a security threat.</p> <p><i>Includes pressures and measures related to:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Displacement Refugee Camps IDP Camps Disease related to Displacement Refugees per capita IDPs per capita Capacity to absorb 	<p>Uneven Economic Development</p> <p>When there are ethnic, religious, or regional disparities, governments tend to be uneven in their commitment to the social contract.</p> <p><i>Includes pressures and measures related to:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> GINI Coefficient Income Share of Highest 10% Income Share of Lowest 10% Rural v. Urban Distribution of Services Improved Service Access Slum Population 	
<p>Group Grievance</p> <p>When tension and violence exists between groups, the state's ability to provide security is undermined and fear and further violence may ensue.</p> <p><i>Includes pressures and measures related to:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Discrimination Powerlessness Ethnic Violence Communal Violence Sectarian Violence Religious Violence 	<p>Human Flight & Brain Drain</p> <p>When there is little opportunity, people migrate, leaving a vacuum of human capital. Those with resources also often leave before, or just as, conflict erupts.</p> <p><i>Includes pressures and measures related to:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Migration per capita Human Capital Emigration of Educated Citizens 	<p>Poverty & Economic Decline</p> <p>Poverty and economic decline strain the ability of the state to provide for its citizens if they cannot provide for themselves and can create friction between "haves" and "have nots".</p> <p><i>Includes pressures and measures related to:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Economic Deficit Government Debt Unemployment Youth Employment Purchasing Power GDP per capita GDP Growth Inflation 	

Fonte: FFP (2014) Fragile States Index 2014. *The Fund for Peace Publication*. Washington: The Fund for Peace

Political and Military Indicators		
<p>State Legitimacy</p> <p>Corruption and lack of representativeness in the government directly undermine social contract.</p> <p><i>Includes pressures and measures related to:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Corruption Government Effectiveness Political Participation Electoral Process Level of Democracy Illicit Economy Drug Trade Protests and Demonstrations Power Struggles 	<p>Public Services</p> <p>The provision of health, education, and sanitation services, among others, are key roles of the state.</p> <p><i>Includes pressures and measures related to:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Policing Criminality Education Provision Literacy Water & Sanitation Infrastructure Quality Healthcare Telephony Internet Access Energy Reliability Roads 	<p>Human Rights & Rule of Law</p> <p>When human rights are violated or unevenly protected, the state is failing in its ultimate responsibility.</p> <p><i>Includes pressures and measures related to:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Press Freedom Civil Liberties Political Freedoms Human Trafficking Political Prisoners Incarceration Religious Persecution Torture Executions
<p>Security Apparatus</p> <p>The security apparatus should have a monopoly on use of legitimate force. The social contract is weakened where affected by competing groups.</p> <p><i>Includes pressures and measures related to:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Internal Conflict Small Arms Proliferation Riots and Protests Fatalities from Conflict Military Coups Rebel Activity Militancy Bombings Political Prisoners 	<p>Factionalized Elites</p> <p>When local and national leaders engage in deadlock and brinkmanship for political gain, this undermines the social contract.</p> <p><i>Includes pressures and measures related to:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Power Struggles Defectors Flawed Elections Political Competition 	<p>External Intervention</p> <p>When the state fails to meet its international or domestic obligations, external actors may intervene to provide services or to manipulate internal affairs.</p> <p><i>Includes pressures and measures related to:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Foreign Assistance Presence of Peacekeepers Presence of UN Missions Foreign Military Intervention Sanctions Credit Rating

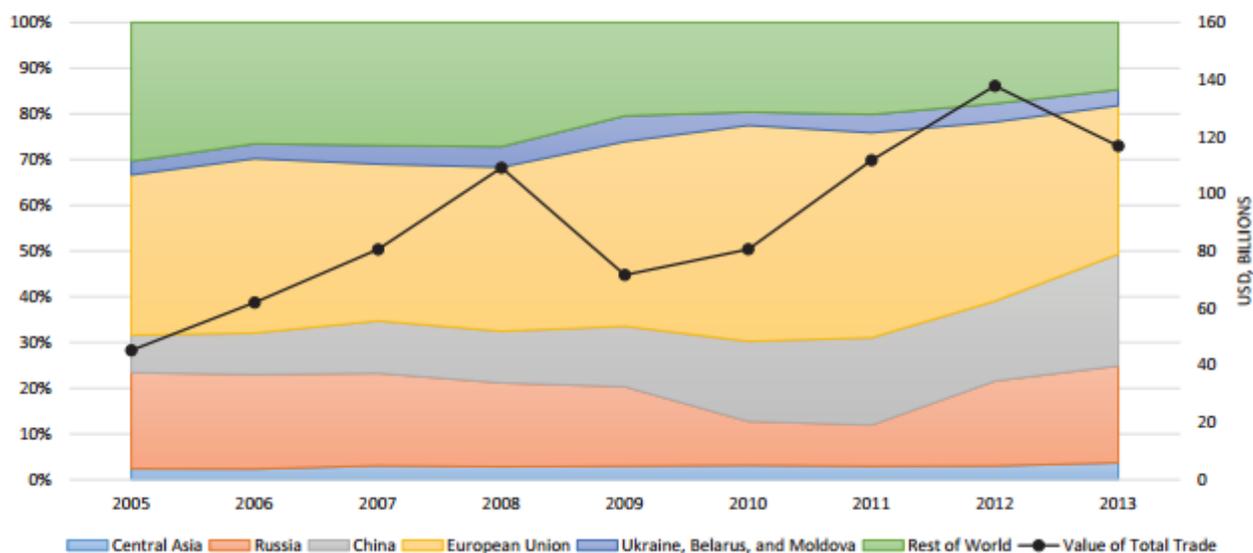
Fonte: FFP (2014) Fragile States Index 2014. *The Fund for Peace Publication*. Washington: The Fund for Peace

Anexo 7. Crescimento do comércio internacional cazaque entre 2005-2013

Annualized Growth in Kazakhstan's Global Trade Ties, 2005–2013

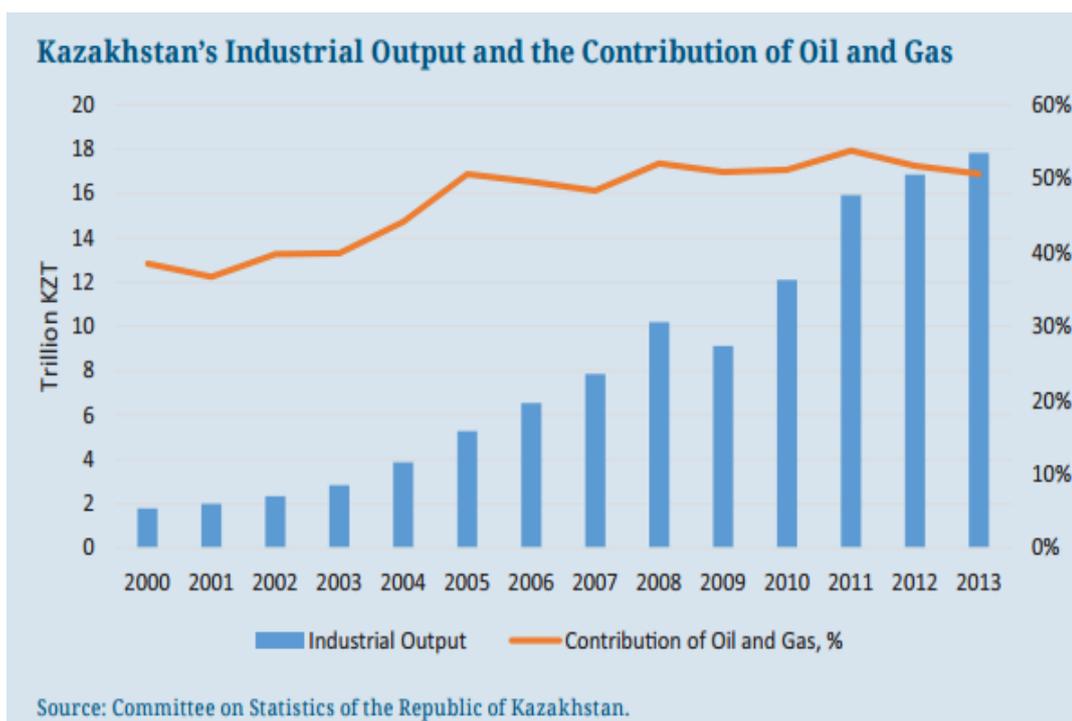
<i>Partner Country/Group</i>	<i>Growth Rate</i>	<i>Value in 2005 (Million USD)</i>	<i>Value in 2013 (Million USD)</i>
World	12.58%	45,246	116,772
Central Asia	18.99%	1,077	4,326
Russia	12.69%	9,518	24,747
China	29.10%	3,697	28,523
European Union	11.51%	15,871	37,944
Ukraine, Belarus, and Moldova	14.81%	1,351	4,077
Turkey	22.06%	557	2,743
United States	3.98%	1,871	2,557
South Asia	17.33%	294	1,057
Iran	-3.60%	901	672
South Caucasus	9.39%	255	523

Breakdown of Kazakhstan's Total Trade



Fonte: Kuchins, Andrew C. (2015) “Central Asia in a Reconnecting Eurasia: Kazakhstan’s Evolving Foreign Economic and Security Interests” *CSIS Russia and Eurasia Program*. Washington: Center for Strategic & International Studies

Anexo 8. Contribuição em produção de gás e petróleo e produção industrial do Cazaquistão entre 2000-2013



Fonte: República do Cazaquistão (2014) *Committee on Statistics of the Republic of Kazakhstan*. <http://www.cisstat.com/rus/dinamika/05-gaz/kaz-gaz.xls> [24 de junho de 2015]

Anexo 9. Crescimento anual das relações econômicas do Turcomenistão entre 2005 e 2013

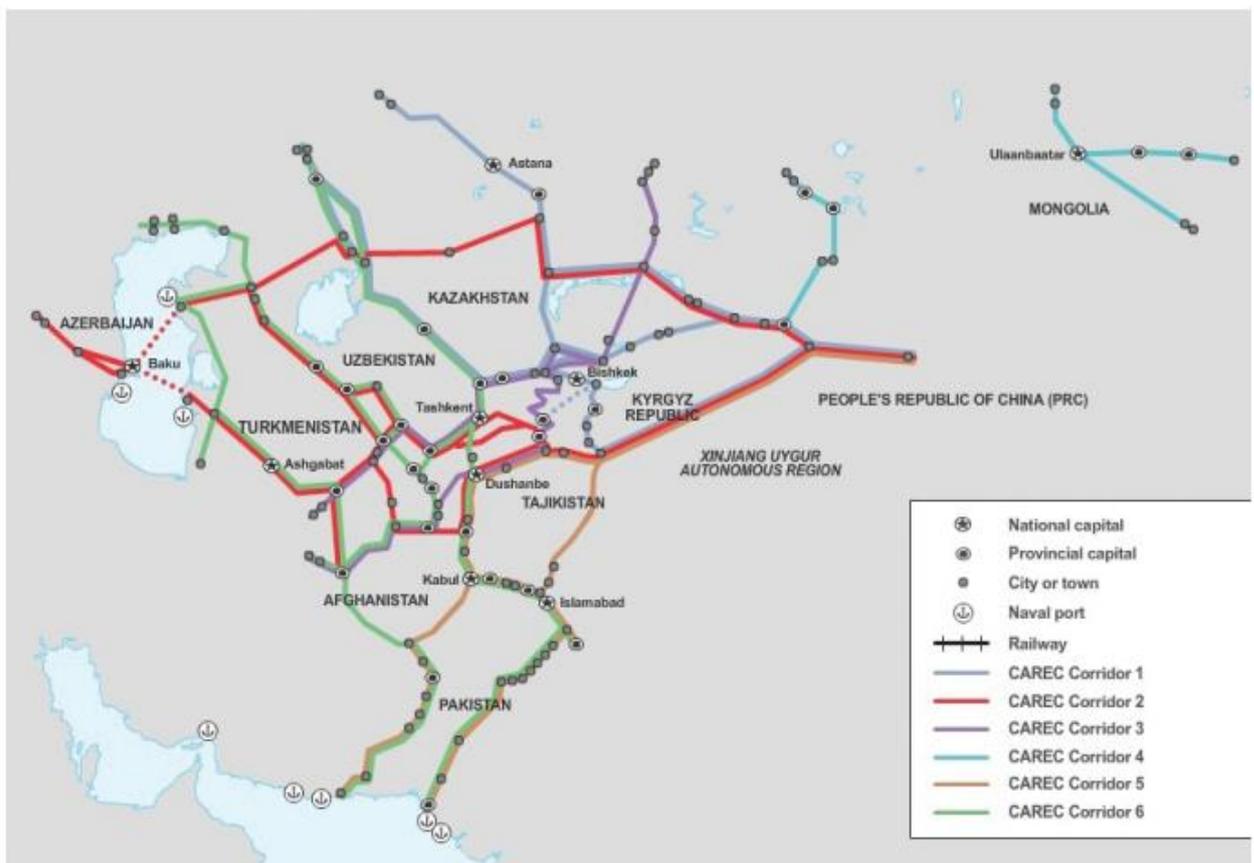
Annualized Growth in Turkmenistan's Global Trade Ties, 2005–2013

<i>Partner Country/Group</i>	<i>Growth Rate</i>	<i>Value (2005) USD Millions</i>	<i>Value (2013) USD Millions</i>
World	13.92%	7,616	21,610
China	72.80%	118	9,344
Turkey	29.63%	345	2,748
European Union	6.81%	1,475	2,498
Russia	23.39%	316	1,700
Middle East (minus Iran)	10.61%	473	1,060
Ukraine, Moldova, Belarus	-13.02%	2,690	881
Central Asia	16.21%	224	747
Iran	8.35%	282	535
South Asia	11.29%	175	413
United States	-2.69%	393	316
South Caucasus	-17.53%	796	170

Fonte: Backes, Oliver; Kuchins, Andrew C.; Mankoff, Jeffrey (2015) “Central Asia in a Reconnecting Eurasia: Turkmenistan’s Evolving Foreign Economic and Security Interests” *CSIS Russia and Eurasia Program Report*. Washington: Center for Strategic & International Studies http://csis.org/files/publication/150513_Kuchins_CentralAsiaTurkmenistan_Web.pdf [11 de junho de 2015]

Anexo 10. Corredores de transporte de energia promovidos pelo CAREC que transpassam o Quirguistão

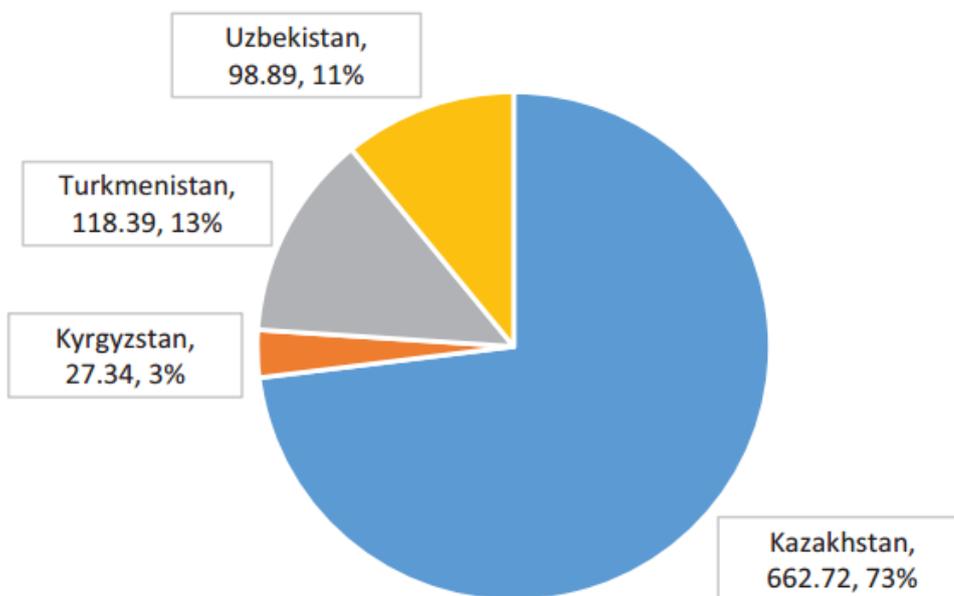
The CAREC Corridors



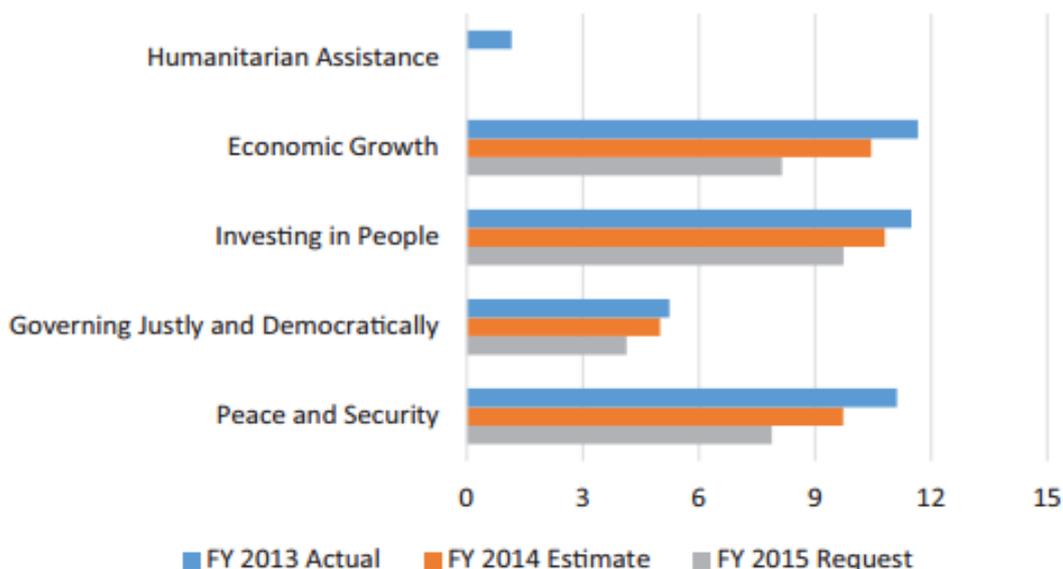
Fonte: BAD (2014) “The Carec Corridors: Linking Europe and East Asia” Asian Development Bank, April 2014. <http://www.adb.org/news/infographics/carec-corridors-linking-europe-and-east-asia>. [29 de junho de 2015]

Anexo 11. Trocas comerciais entre Tadjiquistão e Ásia Central e redução dos índices de fragilidade por meio de cooperação com os EUA em 2013

Tajikistan's Trade with Central Asia in 2013, USD Millions



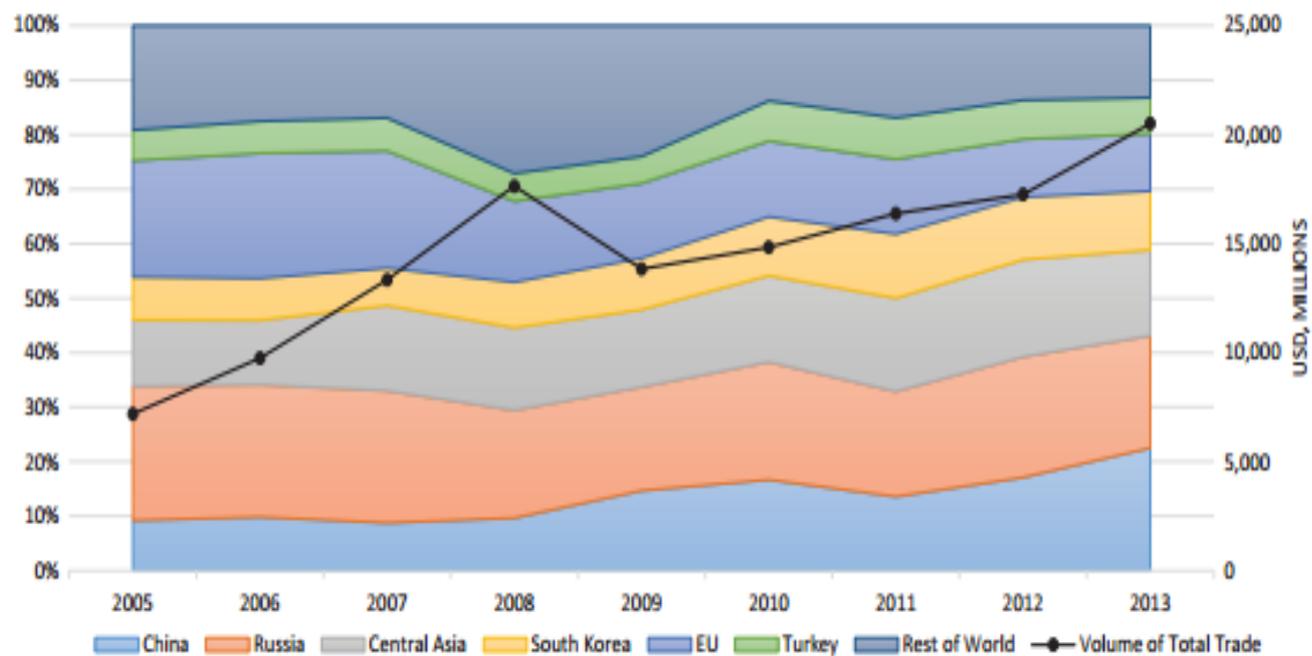
U.S. Foreign Assistance to Tajikistan, USD Millions



Fonte: Backes, Oliver et. al. (2015) “Central Asia in a Reconnecting Eurasia: Tajikistan’s Evolving Foreign Economic and Security Interests” *CSIS Russia and Eurasia Program Report*. Washington: Center for Strategic & International Studies

Anexo 12. Total de parcerias comerciais do Uzbequistão entre 2005 e 2013

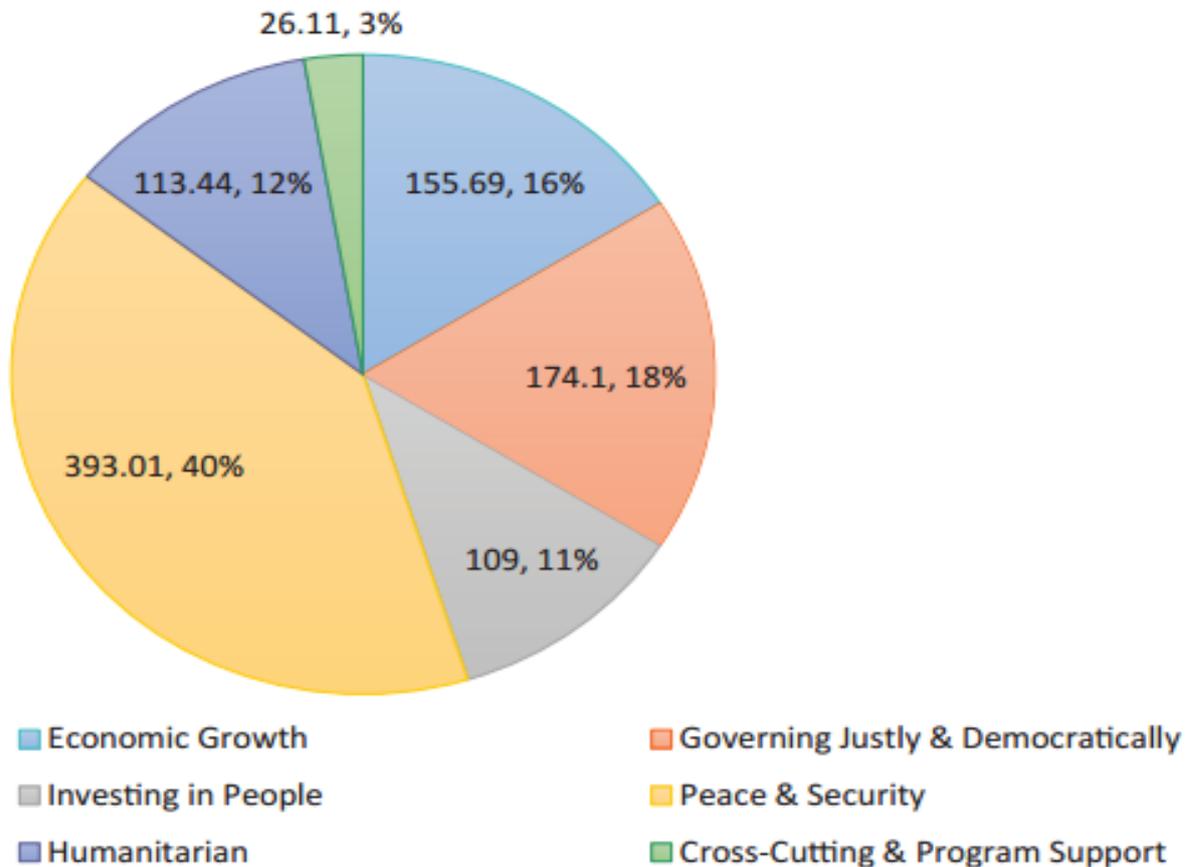
Breakdown of Uzbekistan's Total Trade



Fonte: Kourmanova, Aitolkyn et. al. (2015) “Central Asia in a Reconnecting Eurasia: Uzbekistan’s Evolving Foreign Economic and Security Interests” *CSIS Russia and Eurasia Program Report*. Washington: Center for Strategic & International Studies

Anexo 13. Tabela de investimentos do TIFA nas áreas de fragilidade do Uzbequistão

Cumulative U.S.-Budgeted Assistance to Uzbekistan, FY1993–FY2010, USD Millions



Fonte: Nichol, Jim (2013) *Uzbekistan: Recent Developments and U.S. Interests*. Congressional Research Service. August 2013. <https://www.fas.org/sgp/crs/row/RS21238.pdf> [01 de julho de 2015]

Anexo 14. Distribuição étnica da Ásia Central



Fonte: BBC (2004) "Ethnic population of Central Asia"
<http://news.bbc.co.uk/2/shared/spl/hi/guides/456900/456938/html/n2page1.stm> [18 de julho de 2015]

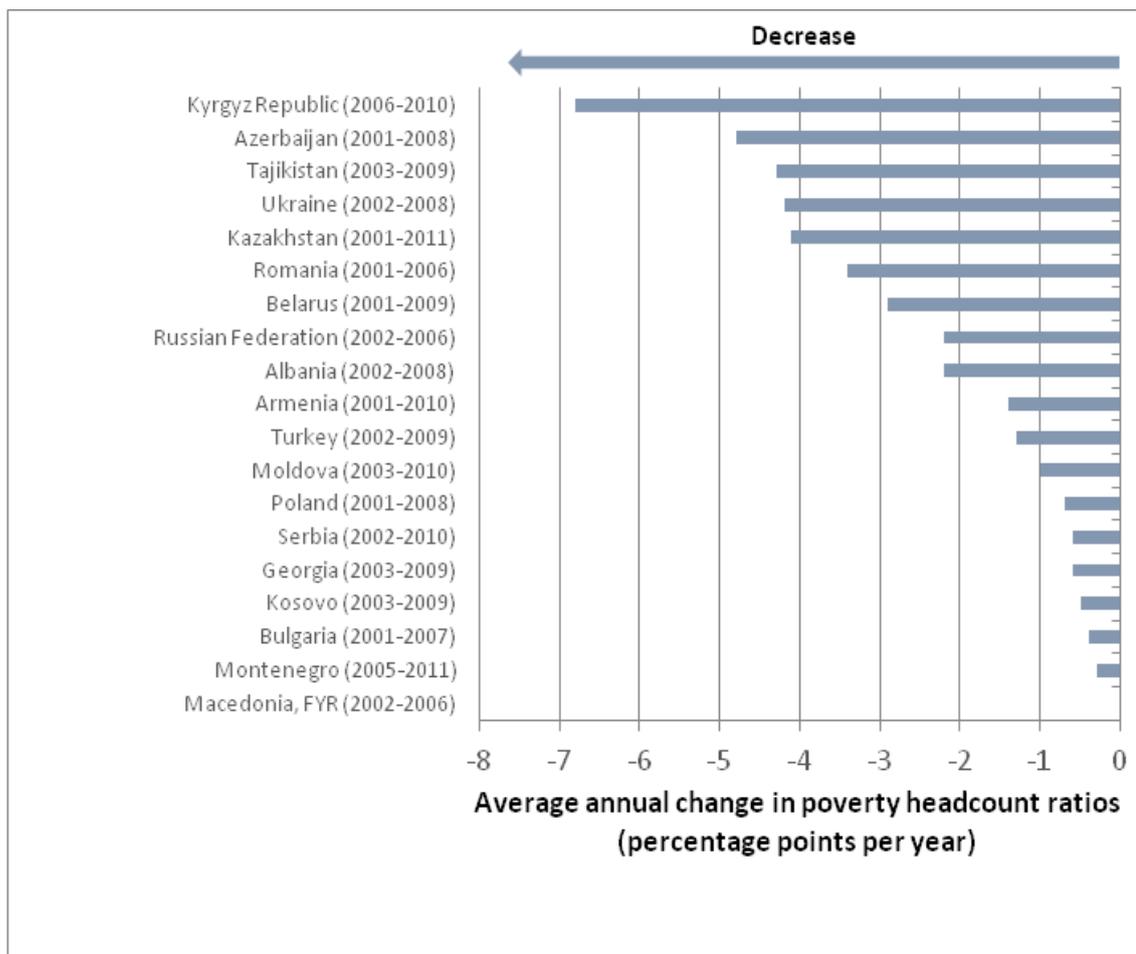
Anexo 15. Estimativa da população islâmica da Ásia Central entre 1950-2020

TABLE 5. ESTIMATE OF THE MUSLIM POPULATION IN CENTRAL ASIA FROM 1950 TO 2020.

		1950	1960	1970	1980	1990	2000	2010	2020
Afghanistan	Population	8,151,455	9,616,353	11,839,729	13,945,792	12,580,412	20,535,806	29,117,489	41,285,361
	Muslims %	99.77	99.77	99.77	99.77	99.77	99.77	99.77	99.77
	Muslims	8,132,707	9,594,235	11,812,498	13,913,717	12,551,477	20,488,574	29,050,519	41,190,405
	APGR %		1.666	2.102	1.651	-1.025	5.022	3.553	
	Reference				[UN83](1979)				
Kazakhstan	Population	6,702,996	9,995,997	13,109,992	14,918,991	16,530,000	14,956,751	15,753,460	16,592,608
	Muslims %	43.13	37.34	38.87	42.92	47.23	61.55	70.85	70.85
	Muslims	2,891,002	3,732,505	5,095,854	6,403,231	7,807,119	9,205,880	11,161,326	11,755,863
	APGR %		4.077	2.749	1.301	1.031	-0.995	0.520	
	Reference	[SU](1939e)	[SU](1959e)	[SU](1970e)	[SU](1979e)	[SU](1989e)	[KZ](1999e)	[KZ](2009e)	
Kyrgyzstan	Population	1,740,000	2,172,500	2,964,499	3,627,499	4,394,502	4,954,863	5,550,239	6,217,155
	Muslims %	67.86	59.28	61.97	66.56	72.13	85.10	90.97	90.97
	Muslims	1,180,764	1,287,858	1,837,100	2,414,463	3,169,754	4,216,588	5,049,052	5,655,746
	APGR %		2.245	3.157	2.039	1.937	1.207	1.141	
	Reference	[SU](1939e)	[SU](1959e)	[SU](1970e)	[SU](1979e)	[SU](1989e)	[KG](1999e)	[KG](2009e)	
Mongolia	Population	761,298	958,873	1,255,642	1,663,026	2,216,080	2,389,197	2,701,117	3,053,760
	Muslims %	4.34	4.69	5.29	5.48	6.06	4.35	4.35	4.35
	Muslims	33,040	44,971	66,423	91,134	134,294	103,930	117,499	132,839
	APGR %		2.334	2.733	2.850	2.913	0.755	1.235	
	Reference	[MN](1956e)	[MN](1963e)	[MN](1969e)	[MN](1979e)	[MN](1989e)	[MN](2000e)		
Tajikistan	Population	1,531,502	2,082,499	2,941,501	3,952,691	5,303,152	6,172,891	7,074,845	8,108,588
	Muslims %	88.51	81.72	83.95	86.11	89.74	98.63	98.63	98.63
	Muslims	1,355,532	1,701,818	2,469,390	3,403,662	4,759,049	6,088,322	6,977,920	7,997,501
	APGR %		3.121	3.514	2.999	2.983	1.530	1.373	
	Reference	[TJ](1939e)	[TJ](1959e)	[TJ](1970e)	[TJ](1979e)	[TJ](1989e)	[TJ](2000e)		
Turkmenistan	Population	1,211,000	1,593,501	2,188,499	2,861,000	3,668,000	4,501,727	5,176,502	5,952,421
	Muslims %	76.81	78.44	81.45	83.97	88.58	93.09	93.09	93.09
	Muslims	930,169	1,249,942	1,782,532	2,402,382	3,249,114	4,190,658	4,818,806	5,541,108
	APGR %		2.783	3.224	2.716	2.516	2.069	1.406	
	Reference	[SU](1939e)	[SU](1959e)	[SU](1970e)	[SU](1979e)	[SU](1989e)	[TM](2000s)		
Uzbekistan	Population	6,313,997	8,558,503	11,972,994	15,951,899	20,515,248	24,775,610	27,794,296	31,180,782
	Muslims %	84.20	81.17	82.85	85.57	88.54	96.30	96.30	96.30
	Muslims	5,316,385	6,946,937	9,919,626	13,650,040	18,164,201	23,858,912	26,765,907	30,027,093
	APGR %		3.088	3.414	2.911	2.548	1.905	1.156	
	Reference	[SU](1939e)	[SU](1959e)	[SU](1970e)	[SU](1979e)	[SU](1989e)	[UZ](2002s)		
Total	Population	26,412,248	34,978,226	46,272,856	56,920,898	65,207,394	78,286,845	93,167,948	112,390,674
	Muslims %	75.12	70.21	71.28	74.28	76.43	87.06	90.10	91.02
	Muslims	19,839,600	24,558,267	32,983,423	42,278,629	49,835,008	68,152,865	83,941,029	102,300,554
	APGR %		2.849	2.838	2.093	1.368	1.845	1.755	

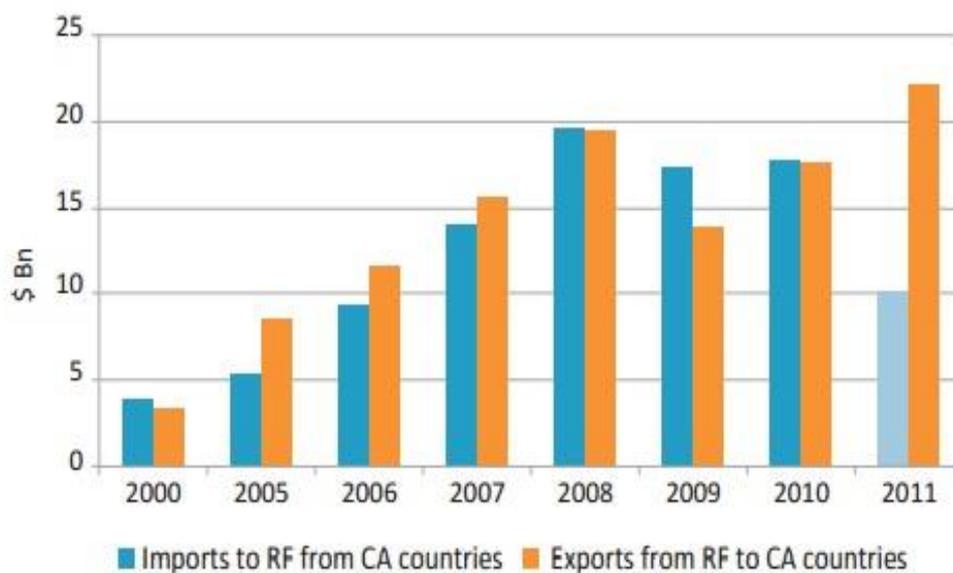
Fonte: International Journal of Environmental Science and Development (2010) *IJESD*, Vol 1, No 2, June 2010, p. 147 <http://www.ijesd.org/papers/28-D437.pdf> [15de março de 2015]

Anexo 16: Índice anual do crescimento da pobreza na Ásia Central e Europa entre 2001 e 2011



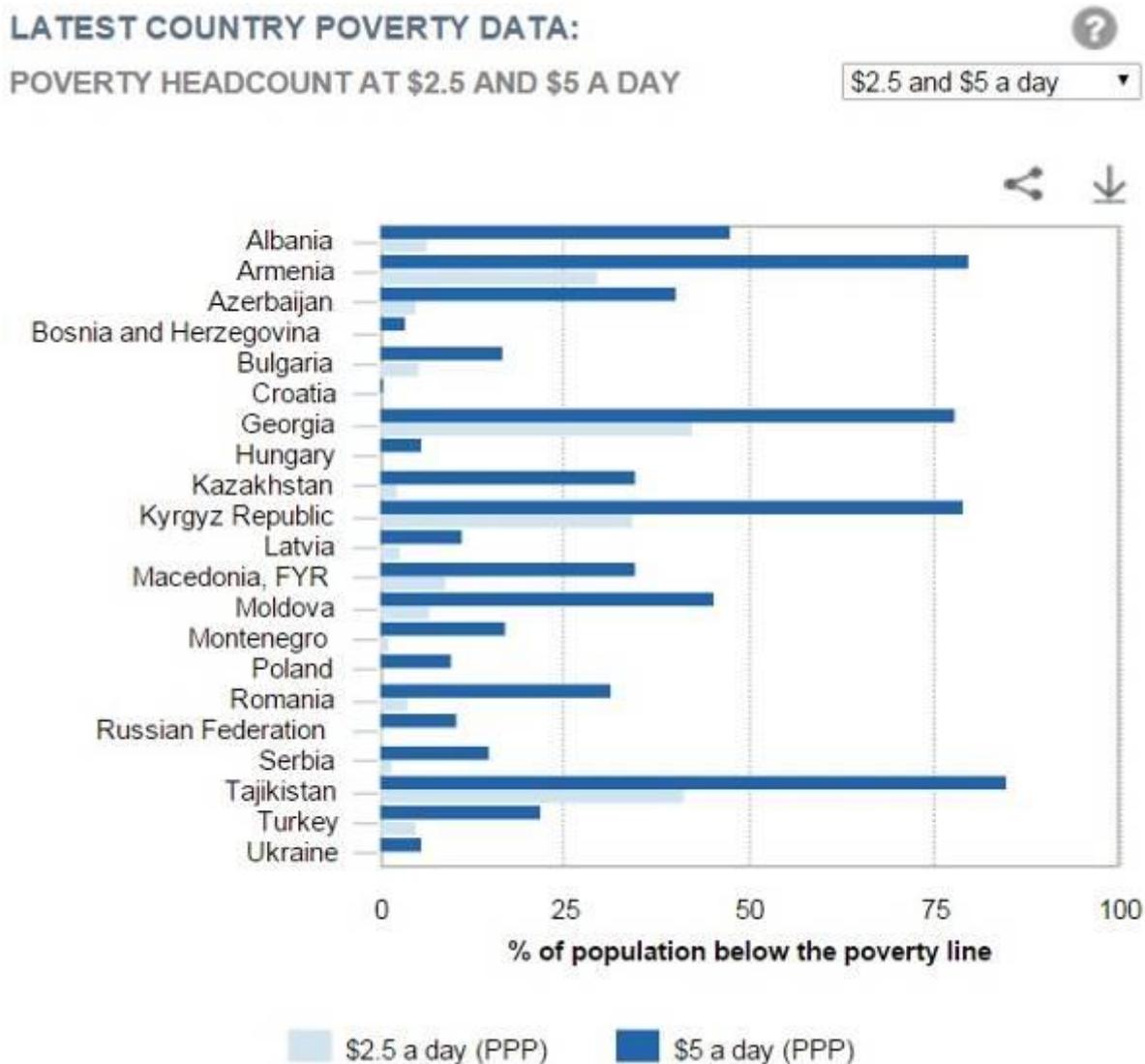
Fonte: Banco Mundial (2013b) “Poverty and Equity in Europe and Central Asia”
Poverty HeadCount Ratio, May 2013.
<http://povertydata.worldbank.org/poverty/region/ECA> [20 de março de 2015]

Anexo 17: Trocas comerciais entre a Federação Russa e a Ásia Central entre 2000 e 2011



Fonte: Sinitsina, Irina (2012) “Economic Cooperation Between Russia and Central Asia Countries: Trends and Outlook” *Institute of Public Policy and Administration, Working Paper N°5*. Bishkek: University of Central Asia <http://www.ucentralasia.org/downloads/UCA-IPPA-WP5-RussiaInfluence-Eng.pdf> [11 de abril de 2015]

Anexo 18: Nível de pobreza baseado na distribuição de renda entre USD 2.5 e USD 5 por dia na Eurásia



Fonte: Banco Mundial (2013b) “Poverty and Equity in Europe and Central Asia” *Poverty HeadCount Ratio, May 2013*. Washington: Banco Mundial <http://povertydata.worldbank.org/poverty/region/ECA> [17 de abril de 2015]

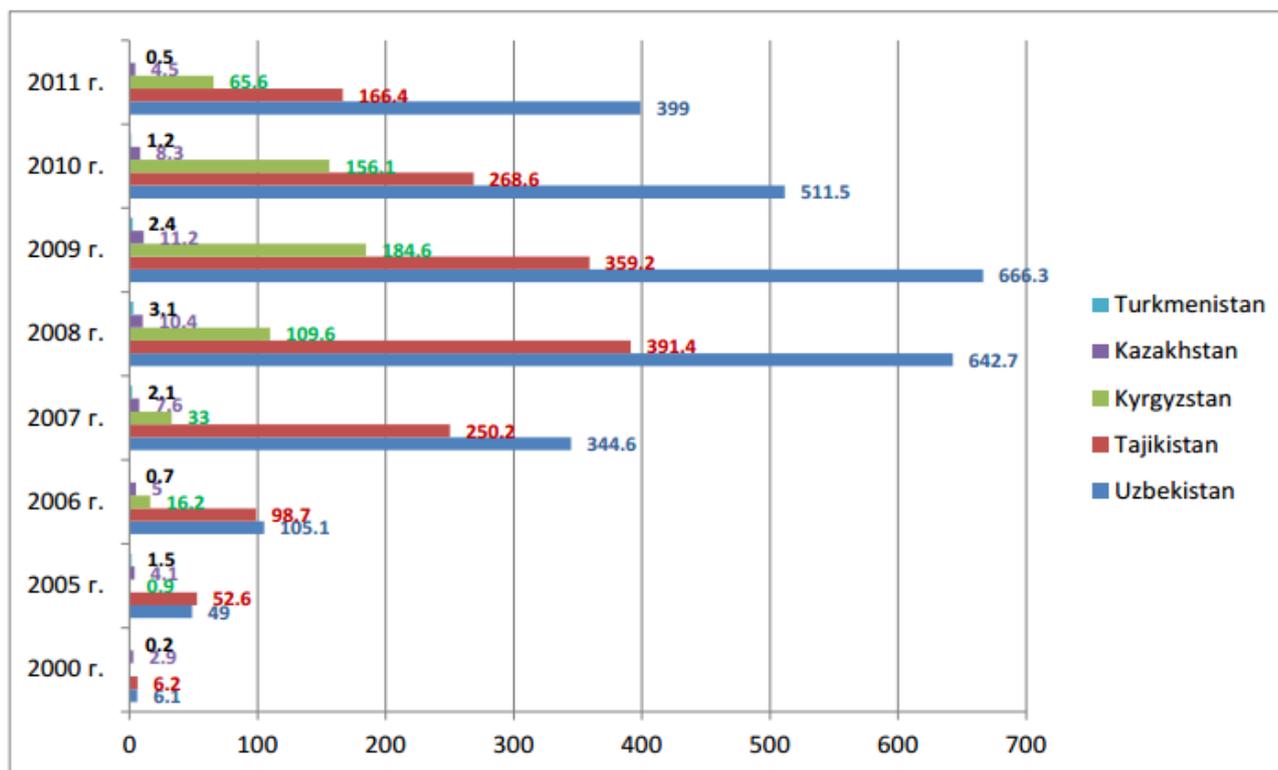
Anexo 19: Assistência governamental oficial da Rússia aos países da Ásia Central (em milhões/USD)

Official development assistance granted to CA countries (USD million, current prices)

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Afghanistan	135.97	404.64	1287.73	1590.7	2303.1	2817.89	2955.78	3964.6	4865.08	6235.28
Kazakhstan	188.74	156.66	187.22	278.47	267	228.01	170.41	204.2	332.55	297.86
Kyrgyzstan	214.71	187.94	185.61	200.1	261.37	267.88	310.55	274.56	359.93	314.69
Tajikistan	123.5	165.29	168.32	148.09	248.29	251.48	241.21	222.08	290.64	408.89
Turkmenistan	31.48	72.61	40.52	28.56	37.1	30.37	24.71	28.48	18.13	39.88
Uzbekistan	185.75	153.88	189.25	194.55	245.82	169.7	149.21	169.76	187.25	190.3

Fonte: OMC (2009) *International Trade Centre and UNCTAD. World Tariff Profiles 2009*,
 Genebra: OMC
https://www.wto.org/english/res_e/booksp_e/tariff_profiles09_e.pdf [17 de abril de 2015]

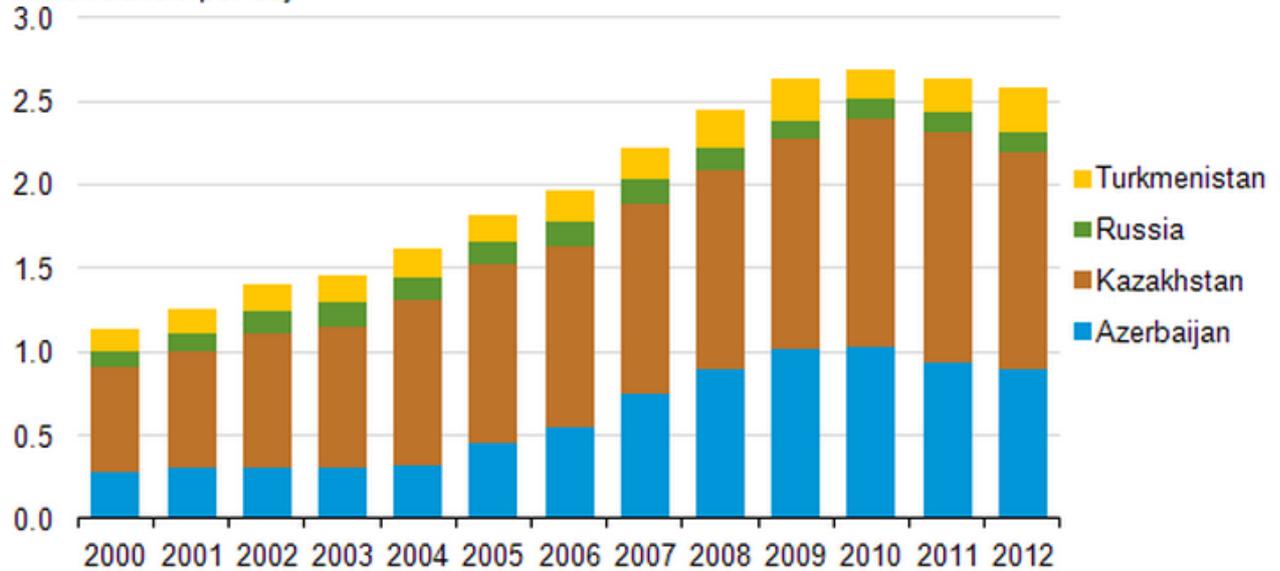
Anexo 20: Número de cidadãos centro-asiáticos que migraram em detrimento de função laboral para a Rússia entre 2000-2011 (em milhares)



Fonte: Bartolomeo et. al. (2014) *Regional Migration Report: Russia and Central Asia*. CARIM-East Project. European University Institute: Migration Policy Centre http://cadmus.eui.eu/bitstream/handle/1814/31245/RussiaAndCentralAsia_MPC_CarimEastReport.pdf?sequence=1 [05 de maio de 2015]

Anexo 21: Produção de petróleo e derivados de recursos energéticos e hidrocarbonetos na bacia do Mar Cáspio entre 2000-2012 em milhões de barris por dia

Caspian Sea region oil production (2000-12)
million barrels per day



Fonte: EIA (2013) “Oil and natural gas production is growing in Caspian Region”.
U.S. Energy Information Administration. September 2013.
<http://www.eia.gov/todayinenergy/detail.cfm?id=12911> [07 de maio de 2015]

Anexo 22: Média do crescimento econômico da Ásia Central entre 2010-2014

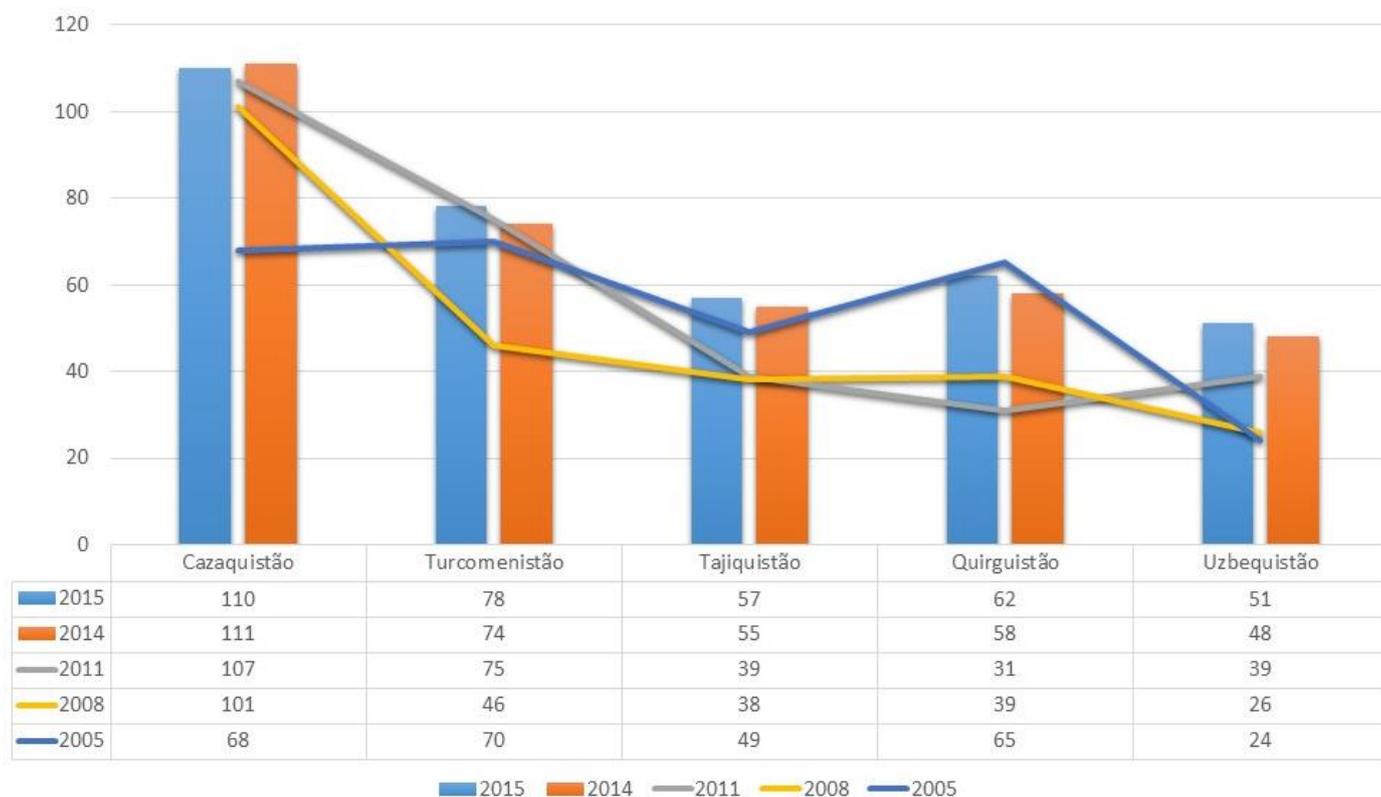
CCA: Selected Economic Indicators

	Average						Projections	
	2000–07	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Real GDP Growth	10.3	6.8	3.7	6.6	6.8	5.8	5.8	6.1
<i>(Annual change; percent)</i>								
Armenia	12.0	6.9	-14.1	2.2	4.7	7.2	4.6	4.8
Azerbaijan	15.9	10.8	9.3	5.0	0.1	2.2	3.5	5.6
Georgia	7.6	2.3	-3.8	6.3	7.2	6.1	2.5	5.0
Kazakhstan	10.2	3.2	1.2	7.0	7.5	5.1	5.0	5.2
Kyrgyz Republic	4.5	7.6	2.9	-0.5	6.0	-0.9	7.4	6.5
Tajikistan	8.7	7.9	3.9	6.5	7.4	7.5	6.7	5.8
Turkmenistan	15.2	14.7	6.1	9.2	14.7	11.1	12.2	10.4
Uzbekistan	6.0	9.0	8.1	8.5	8.3	8.2	7.0	6.5
Consumer Price Inflation	9.8	16.5	6.2	7.0	9.1	5.3	6.9	7.0
<i>(Year average; percent)</i>								
Armenia	2.9	9.0	3.5	7.3	7.7	2.5	7.0	3.5
Azerbaijan	6.2	20.8	1.6	5.7	7.9	1.0	3.7	6.3
Georgia	6.4	10.0	1.7	7.1	8.5	-0.9	-0.3	4.0
Kazakhstan	8.5	17.1	7.3	7.1	8.3	5.1	6.3	6.3
Kyrgyz Republic	6.9	24.5	6.8	7.8	16.6	2.8	8.6	7.2
Tajikistan	17.2	20.4	6.5	6.5	12.4	5.8	7.5	7.2
Turkmenistan	8.1	14.5	-2.7	4.4	5.3	5.3	7.6	7.0
Uzbekistan	16.8	12.7	14.1	9.4	12.8	12.1	12.1	10.4
General Government Overall Fiscal Balance	1.4	6.1	0.8	3.7	6.3	4.4	1.2	0.5
<i>(Percent of GDP)</i>								
Armenia ¹	-2.5	-1.8	-7.7	-5.0	-2.9	-1.6	-2.2	-2.3
Azerbaijan ¹	0.5	20.3	7.0	14.6	13.3	4.1	-4.5	-6.7
Georgia	-1.8	-6.3	-9.2	-6.6	-3.6	-3.0	-3.3	-2.7
Kazakhstan	3.3	1.1	-1.4	1.4	5.9	4.5	4.8	4.1
Kyrgyz Republic	-4.5	0.0	-3.4	-6.3	-4.6	-5.4	-5.3	-4.2
Tajikistan	-2.8	-5.1	-5.2	-3.0	-2.1	0.5	-2.3	-1.3
Turkmenistan ²	1.9	10.0	7.0	2.0	3.6	6.4	1.8	2.0
Uzbekistan	0.9	10.2	2.8	4.9	8.8	8.5	1.2	0.6
Current Account Balance	-0.6	8.8	0.4	4.5	7.9	4.8	3.9	3.1
<i>(Percent of GDP)</i>								
Armenia	-5.9	-11.8	-15.8	-14.8	-10.9	-11.3	-10.0	-8.6
Azerbaijan	-3.5	35.5	23.0	28.0	26.5	21.7	13.3	9.2
Georgia	-10.4	-22.0	-10.5	-10.2	-12.7	-11.5	-6.5	-7.8
Kazakhstan	-2.4	4.7	-3.6	0.9	6.5	3.8	4.3	3.1
Kyrgyz Republic	-1.2	-15.5	-2.5	-6.4	-6.5	-15.3	-9.6	-8.3
Tajikistan	-3.4	-7.6	-5.9	-1.2	-4.7	-1.3	-1.7	-2.2
Turkmenistan	7.0	16.5	-14.7	-10.6	2.0	0.0	0.2	3.8
Uzbekistan	4.9	8.7	2.2	6.2	5.8	0.7	0.2	1.1

Fonte: FMI (2013) “Regional Economic Outlook: Middle East and Central Asia” *International Monetary Fund*, November 2013. <http://www.imf.org/external/pubs/ft/reo/2013/mcd/eng/pdf/mreo1113.pdf>, p. 73 [19 de maio de 2015]

Anexo 23. Evolução dos rankings de fragilidade estatal na Ásia Central propostos pelo FFP entre 2005 e 2015

Ranking de fragilidade – Fund for Peace / OCDE – 2005 a 2015



Fonte: FFP (2015) Fragile States Index 2015. *The Fund for Peace Publication*. Washington: The Fund for Peace <http://fsi.fundforpeace.org/rankings-2015> e cálculos do autor.